

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

POEMAS LUSITANOS

DO DOUTOR
ANTONIO FERREIRA

SEGUNDA IMPRESSÃO

Emendada, e accrescentada com a Vida, e Comedias
do mesmo Poeta.

T O M O I.



L I S B O A
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA
ANNO M DCC LXXI

Com licença da Real Meza Censoria.

A' custa dos Irmãos Du-Beux, á Cruz de Páo.

462030
17. 5. 47



AO EMINENTÍSSIMO SENHOR
D. JOÃO DA CUNHA

PRESBYTERO CARDEAL
DA SANTA IGREJA ROMANA

ARCEBISPO METROPOLITANO DE EVORA

REGEDOR DAS JUSTIÇAS

PRESIDENTE

DA MEZA DAS CONFIRMAÇÕES GERAES

DO CONSELHO DE ESTADO

E INQUISIDOR GERAL

&c. &c.

EMINENT.^{mo} E REV.^{mo} SENHOR



*AVORECIDO sempre em quan-
to vivo de grandes Princi-
pes , perderia sem dúvida muito da sua
gloria o Poeta , cujas obras intento reim-*

primir, se eu na sua publicação não cuidasse em lhe perpetuar a mesma felicidade, implorando, para de todo ennobrecel-las, o sagrado azilo do nome augusto de V. EMINENCIA. A universal estimação, com que estas forão tambem da primeira vez pelos maiores Sábios recebidas, he outro não menos efficaz motivo, para que de presente só devão ir buscar no poderoso amparo de V. EMINENCIA novos, e mais subidos realces, com que illustrar-se. Estas duas venturosas prerogativas são as que em todos os tempos formão da verdadeira Poesia o singular caracter, quasi necessarios, e infalliveis effeitos da sua mesma natureza. Ella he quem melhor sabe representar á vista em bem illumina-dos quadros toda a incomparavel belleza da virtude; aquella belleza, que a alcançar-se pelos olhos, era de força, se-gundo a expressão de hum Sábio, que atearia maravilhosamente em todos os cora-ções o mais activo Amor. E se delle nem os espiritos ordinarios podem por este mó-do eximir-se, qual será o das almas su-periores, em que ou a luz das sciencias,

ou o esplendor do generoso sangue o faz tanto mais intenso , quanto lhes costuma ser de ordinario mais privativo?

Em circumstancias taes , seria indesculpavel cobardia deixar eu de me prostrar seguro de huma favoravel aceitaçãõ aos pés de V. EMINENCIA , havendo na offerta , que tenbo a honra de apresentar-lhe , titulos tão qualificados , para que a ninguem mais devidamente possa consagrar-se ; além de que se para este ditoso seculo , de que V. EMINENCIA he hum dos melhores ornamentos , tivesse Ferreira sido reservado , sem dúbida , que copiára de tão perfeito original o zelo do bem público , o amor da Patria , o interesse pela humanidade , que tanto inflammão o heroico coração de V. EMINENCIA , e mil outras virtudes , que superiormente adornão a sua grande alma ; e com estas novas riquezas faria sobresahir muito mais as suas primorosas producções. Ver-se-hia então no mais claro ponto de luz tudo aquillo , que o espirito da Religião pertendia com santa humildade sepultar de huma vez em o retiro , se a

próvida vigilancia dos nossos Monarcas, e o bem da Igreja o não houvessem embaraçado com tantas ventagens da pública utilidade, e geral edificação da mesma Igreja.

Que copiosos frutos não tem ella recolhido em duas consideraveis Diecejes do infatigavel zelo de hum tão grande Prelado? Sollicito sempre em prever, e atalhar os males, que brotão da superstição, e da ignorancia, qualquer ligeira nuvem, que para offuscar a pureza da disciplina Ecclesiastica; e sacrosanta Moral de Jesus-Christo baja formado o erro, e a confusão; os raios da sua illuminada providencia para logo a dissipão. O excellente Catecismo digno da sua sabia approvação, traduzido, e impresso por sua ordem, e tantas saudaveis Paçtoraes, eternos monumentos de prudencia, de fidelidade, e da mais sólida eloquencia, que a posteridade supporia filhas do espirito dos primitivos Padres da Igreja; se as particularidades do tempo, e o respeitavel nome, que as distingue, a não persuadisse do contrario, evidente-

men-

mente o testificação. Se fiel a Deos, fiel ao Rei se conserva em conjuncturas arriscadas o socegado rebanho, he o Apostolico disvelo de seu vigilante Pastor, quem lhe concilia esta ventura.

Ao voltar os olhos do Santuario para os altos empregos, com que V. EMINENCIA felicita a Corte; que outro nobre assumpto para o sublime talento, e engenhosa fantasia do Poeta! Para que se conserve immovel em equilibrio a sagrada balança da Justiça, e tenham no abrigo da rectidão inviolavel vigor as Leis do Estado, á prudencia, e perspicacia do vasto, e penetrante genio de V. EMINENCIA commette o Grande REY este importantissimo cuidado. Se estabelece a util instrucção de seus Vassallos, preservando-os de infectas doutrinas no exame; e publicação dos livros; se na confirmação de suas graças quer separar as falsas das legitimas; se procura manter immaculada na sua original essencia a unidade da Fé, nas seguras mãos de V. EMINENCIA deposita tambem com successo sempre correspondente á sabedoria da es-

colha estas porções augustas de sua suprema authoridade. Tanta multiplicidade de negocios, tão varios, de tanto pezo, e capazes de opprimir os espiritos mais vigorosos, parece ao contrario, que fortalece o de V. EMINENCIA, que lhe augmenta os grãos de actividade, e o faz ao mesmo tempo em diversos lugares reproduzir, para tudo comprehender, a tudo assistir, e comunicar a tudo as purissimas luzes de justiça, e de verdade, que só enchem o immenso coração de V. EMINENCIA, e que d'elle como de proprio centro se diffundem a toda a parte.

Digne-se pois V. EMINENCIA de proteger ainda por este respeito aquelles Versos, de que fora infallivelmente o principal objecto, se a Providencia não houvesse destinado para a nossa idade o inextimavel dom de tão preclaros merecimentos, e para outras Musas este inexhaurivel argumento: E possão estas demais, attendendo á benevolencia, com que V. EMINENCIA no cume de tanta gloria recebe benigno da mão mais humilde os

mes-

mesmos Versos , exaltar a humanidade , que serve de fino esmalte a tão relevantes qualidades. O Ceo as abençoa ; pois até quando do Soberano Principe da Igreja obtem a merecida Coroa , para que a felicidade de V. EMINENCIA seja sempre a commua felicidade deste Reino , e inseparavel da gloria do REY , e grandeza do Estado , a elevação de V. EMINENCIA á purpura Cardinalicia , foi o annúncio da suspirada paz , e o estreito vinculo de huma união inalteravel.

Em occasião de tanta alegria seja-me licito , EMINENTISSIMO SENHOR , como demonstração do muito que a V. EMINENCIA devo , para immortalizar a minha gratidão , e para que o Mundo conheça que a minha felicidade mereceo em todos os tempos , e em todas as occasiões tão augusto patrocínio , não só collocar na rica Bibliotheca de V. EMINENCIA , archivo admiravel do bom gosto no numero , na escolha , e na variedade rarissima das edições , o presente exemplar dos Poemas de Ferreira ; mas tambem ajuntar ás repetidas

acclamações de toda a Nação Portugueza este público, se bem que pequeno brado do meu extremo agradecimento. A Sagrada Pessoa de V. EMINENCIA prospere Deos, como todos havemos mister, e fervorosamente lhe rogamos. Lisboa 14 de Março de 1771.

EMINENT.^{mo} E REVER.^{mo} SENHOR

Beija as mãos de V. EMINENCIA

O mais humilde, e reverente criado

Claudio Du-Beux.

AD-

ADVERTENCIA DO EDITOR.

Como a Vida de hum homem de letras não costuma de ordinario ser mais que a Historia de seus escritos, na que se ajunta á presente edição dos Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira encontrará o Leitor quanto basta a informallo do recommendavel merecimento deste Horacio Portuguez. A leitura dos mesmos Poemas, dos quaes se extrahio quasi tudo quanto alli se escreveo, supprindo o que nella parecer faltar, o poderá plenamente satisfazer. O não se haverem elles mais do que huma vez impresso, e o estragado gosto da Poesia, que pervaleceo largo tempo em Portugal, inimigo da magestosa simplicidade dos melhores Antigos, que he a mesma deste illustre Poeta, o tinhão ha mais de hum seculo constituido summamente raro, e desconhecido.* Suppomos que não só este inconveniente fica remediado na actual edição, mas que he grande a ventajem, que esta leva á primeira, não tanto pela elegancia do caracter, melhoria do papel, e commodidade dos volumes, como pelos consideraveis additamentos, com que sahe enriquecida. Na Vida do Poeta vão alguns versos seus, que se não achão na an-

A vi ti-

* V. D. Francisc. Manoel Hosp. das Letr. e a Vid. do Poeta num. 22.

tiga; e as duas Comedias, que andavão separadas, e erão de não menos raridade, que as demais obras, agora se poderão ler juntamente com ellas. E supposto que o original, que se seguiu, fosse hum daquelles exemplares, em que estão emendadas as erratas, que se encontrão no principio com esta declaração: *Em muitos volumes se não verão a mór parte destes erros, que se atalharão no decurso da impressão*; com tudo, conservando-se inalteravel o texto, se alguns se observou haverem escapado ao primeiro corrector, (que não forão em pequeno numero) agora cuidadosamente se evitarão, a fim que da parte da nossa diligencia não deixassemos para a perfeição cousa alguma, que desejar.

V I D A

D O D O U T O R

ANTONIO FERREIRA.

I

Antonio Ferreira, Doutor em Direito Civil, Desembargador da Casa da Supplicação, Fidalgo da Casa Real, e hum dos mais excellentes Poetas Portuguezes, nasceu em Lisboa em o anno de 1528. Forão seus pais Martim Ferreira, Cavalheiro da Ordem de Sant-Iago, Escrivão da Fazenda do Duque de Coimbra o Senhor D. Jorge, e Mexia Froes Varela, que souberão perfeitamente desempenhar, no tocante á boa educação de seus filhos, a particular obrigação, que pela nobreza do sangue lhes fora imposta. Gracia Froes Ferreira seguiu a profissão das Armas, e Antonio Ferreira a das Letras. Coimbra era ao tempo, que elle principiava a cultivallas huma consummada Athenas. A ella o enviárão seus pais para se aperfeiçoar no estudo das Bellas Letras, e continuar depois o da Jurisprudencia. Estas applicações erão então inseparaveis, e por isso tão felices os progressos dos que se lhes consagravam. Mestres insignes em todas as Faculdades, que ElRei D. João III havia felizmente convocado para o restabelecimento desta Universidade, diffundião por todas ellas aquella brilhante luz, cujos raios ainda reflectidos, costumando em tempos taes illustrar ao longe os genios mais vulgares, era de força fizessem recebidos tão de perto vivissimas impressões sobre hum espirito tão elevado como o do nosso Poeta.

2 Diogo de Teive, que ensinava na segunda

Cadeira das Humanidades, o conduzio ao verdadeiro conhecimento da douda Antiguidade, e fez que para alcançallo se dêsse com incansavel disvello á lição dos Poetas Gregos, e Romanos. O successo correspondeo á habilidade de tão sabio Agricultor, que plantava no mais fecundo terreno. Ferreira lhe significou o seu nobre, e sensível reconhecimento na Ecloga v, que lhe consagrou á imitação da III de Virgilio, onde o intitula *ás Musas novo Apollo*, *nova honra á sua memoria*, e na Carta III do Liv. II. O que sendo glorioso ao Mestre, nada he menos honorifico ao discípulo, os quaes o tempo, e semelhança de talentos tornou estreitos amigos. Porém nem o respeitavel exemplo do mesmo Teive, que era então justamente havido por hum dos maiores Poetas Latinos, nem o continuo exercicio de ler os Antigos, foi bastante a fazello tomar o caminho quasi geralmente seguido pelos seus contemporaneos. Desprezava se a lingua vulgar; e pela maior parte os versos, que se compunhão, erão em alguma das estranhas, especialmente na Latina. Antonio Ferreira não se deixou porém nesta parte levar da torrente do uso; de maneira, que em toda a vida dando, como na Elegia sobre a sua morte, diz Diogo Bernardes, *á patria tantos versos raros, hum só nunca lhe deo em lingua alheia*. O seu Horacio, e Francisco de Sá de Miranda, Oraculo da discricção naquella idade, o fizerão capacitar de que só na propria lingua, cuja harmonia unicamente nos póde ser afsás conhecida, se deve poetar. Esta verdade seguida commummente hoje dos melhores Poetas em todas as Nações, e sustentada pelos Criticos de maior nome, achava então na authoridade de tantos illustres Poetas, que dentro, e fóra de Portugal praticavão o contrario com toda aquel-

aquella perfeição , a que se chega de semelhante modo , huma consideravel opposição. Mas nem esta o acobardou , nem ainda a teve em tal conta , que se quer o obrigasse a guardar sobre esta materia algum recatado silencio. A razão era para com elle de maior pezo , que toda a força dos exemplos , os quaes só attendia , quando aquella lhes servia de fundamento.

3 Vio-se isto na preferencia , que a este respeito deo sobre Teive a Sá e Miranda , que havia introduzido em Coimbra este bom gosto da Poezia. Foi elle o primeiro , como diz Miguel Leite Ferreira , filho do nosso Poeta , na Dedicatoria dos Poemas de seu pai , que com a singular brandura dos seus versos Lusitanos começou mostrar o descuido dos passados , e que esta lingua (a Portugueza) he capaz de nella se cantarem Damas , Capitães , e Emperadores. Com cujo exemplo meu pai , que então estava nos estudos , pertendo com a variedade destes seus manifestar como a lingua Portugueza , assi em copia de palavras , como em gravidade de estylo a nenhuma he inferior. Desde os mais verdes annos esta foi a sua mais empenhada diligencia. Assim o significa elle mesmo no Epigramma , que poz antes da primeira Parte dos seus versos , dizendo :

Eu desta gloria só fico contente ,

Que a minha terra amei , e a minha gente.

Não se satisfazia com tudo sómente em practicallo ; a mais se alargava ainda o seu grande zelo. Persuadia , instava , e clamava constante , e com efficacia , para que todos os bons engenhos executassem outro tanto. O Soneto xxxii do Liv. II dirigido a Salicio ; a Ode I do Liv. I , onde exhorta os Poetas Portuguezes a cultivar a propria lingua ; a Carta III do Liv. I a Pero d'Andrade Caminha ; e

a x do Liv. II para D. Simão da Silveira com outros muitos lugares o mostram evidentemente. A força de razões, com que convence vigoroso aos que se dão a escrever em linguagem estrangeira; a ingratidão de que os argúe; os exemplos, que lhes allega; e a viveza, com que insta a seus amigos, para que volváo da errada carreira que levavão, indicação ser este o ponto, que mais tinha a peito, e que com mais interesse o disvelava. Estes unicos termos tirados da Carta escrita ao Caminha o testemunhão affás. Observe-se a valentia, com que se exprime, quando exclama:

*Florea, fale, cante, ouça-se, e viva
A Portuguezza lingua, e já onde for
Senhora vá de si soberba, e altiva.
Se téqui esteve baixa, e sem louvor,
Culpa he dos que a mal exercitirão:
Esquecimento nosso, e desamor.*

4 Levado deste glorioso desejo de ennobrecer com suas composições a lingua nacional, começou a dispôr-se para isso, ajuntando á leitura dos melhores Authores hum continuo, e castigado exercicio de escrever. O adiantamento no Direito Civil não se retardava assim, mas por este mesmo motivo se lhe facilitava. Certo da mutua correspondencia, com que todas as artes, que nos formão para a Humanidade, estreitamente se enlação, tomava de cada huma ellas o que julgava necessario para illustrar-se, especialmente da Poesia hum dos melhores adornos dos bons espiritos, como elle mesmo diz na Carta II do Liv. II.

*Não fazem damno as Musas ós Doutores,
Antes ajuda ás suas letras dão:
E com ellas merecem mais favores,
Que em tudo cabem, para tudo são.*

5 Neste tempo de seus primeiros estudos foi composta a maior parte de seus versos, e entre elles quasi todos os Sonetos, em muitos dos quaes o Poeta dirige ao Mondego seus discursos, e diz alguma vez que as Ninfas deste rio o estão escutando. E supposto no Soneto XLIII do Liv. I falle expressamente com o Têjo, como que o tem presente, seria em razão de haver passado em Lisboa algumas feras, pois que os outros dous immediatos são feitos a hum apartamento; e no XLVI abertamente declara voltar a Coimbra. Outro tanto se pôde conjecturar do Soneto LII escrito no Porto. O Poeta seguidamente nos instrue nos Sonetos da historia de seus amores; amores porém cheios sempre de honestidade, e exprimidos com a maior decencia, sem que esta em nada embarace aquella viveza, graça, e elevação, que a peitos sensiveis costuma ministrar a mais activa das paixões. De duas faz elle menção. A primeira de crer he tivesse o seu motivo em Lisboa; pois sendo de ausencia todas as suas queixas, e assistindo o Poeta em Coimbra, na patria lhe ficaria talvez a origem dellas. O que igualmente confirma a saudosa despedida, com que se aparta do Têjo nos Sonetos já assima referidos. O seu progresso acha-se particularizado desde os primeiros Sonetos até ao Soneto XLV; porém esta paixão primeira principia a entibiar-se dahi por diante, entrando o Poeta a colher defenganos, e a jactar-se da recuperada liberdade, dando por ella aos Ceos immensas graças, quando no Soneto XLVII contempla os desvãos passados.

6 A causa da segunda pôde ser que no Porto lhe nasceria, como indica o Soneto LII alli composto. A morte a mal-logrou, e o Poeta chora terrissimamente huma perda tão sensivel. Nobreza,
for-

formosura , e discrição com outras muitas preciosas qualidades lhe cortou de huma vez a sorte com este sentidissimo golpe. Dá-nos elle a saber qual era a sua patria , quando no Soneto I do Livro II falla com as Nynfas do rio Almonda , em cujo seio declara haver sido creada. E se esta senhora he a mesma , á que o Poeta consagrou os dous ultimos Epitafios , nelles se acha tambem declarado seu nome , que era o de Maria Pimentel , disfarçada no de Marilia na Elegia v , na qual cheio ainda de dor , responde a Pedro de Andrade Caminha , que em outra sua o havia consolado. E tanto era realmente em Antonio Ferreira o sentimento , que por extremo , como bem mostrão os elegantissimos versos , em que desaffoga a este respeito a sua mágoa , lho procurárão moderar , não só Caminha na sobredita Elegia , mas tambem D. Simão da Silveira no Soneto XII do Livro II entre os do nosso Poeta.

7 A maior parte das Eclogas , e nomeadamente a I escrita pelo casamento do Principe D. João , filho d'ElRei D. João III com a Princeza D. Joanna , filha do Emperador Carlos V , a III , e a V tem todas por Scena as margens do Mondego , e igualmente forão producção de seus verdes annos. O que porém faz sobremaneira brilhar o fecundo , e elevado engenho de Antonio Ferreira , he , que em tal idade se achasse com forças , havendo nelle assás discrição para pezallas , para emprender a Comedia de Brilto , que dedicou ao Principe D. João. O Poeta de necessidade havia então ter menos de vinte e seis annos , sendo a morte deste Principe no de 1554 o termo , em que os completou. Esta data serve tambem para se conhecer a da Elegia I a Francisco de Sá de Menezes , Aio , e

Camereiro Mór do mesmo Principe, consolando-o por causa desta morte; e a da Carta I do Livro I, que como congratulação de todo o Reino dirige a ElRei D. João III pela constancia, com que supportou resignado golpe tão fatal. O mesmo Poeta não menos modesto que judicioso, de si proprio parece admirar-se, vendo-se colher frutos tão safoados; e na Dedicatoria da já referida Comedia diz com espanto, que ella fora geralmente bem julgada, e recebida pela Universidade de Coimbra, e com igual consentimento de toda ella offerecida ao Principe *como cousa* (estas são as palavras) *perã isso de dias ordenada, e de Author grave composta, sendo a primeira causa de homem tão mancebo, feita por só seu desenfadamento em certos dias de serias, e ainda esses furtados ao estudo.*

8 No anno de 1537, aos vinte e nove de sua idade, tinha o nosso Poeta promptas, e correctas para a luz pública as suas obras. O Soneto 1, que lhes havia de servir de Prefação, e seu filho na Dedicatoria feita em 15 de Maio de 1598, com que depois as imprimio, o testificão. *Este livro* (diz elle) *esteve por espaço de quarenta annos, assi em vida de meu pai, como depois do seu falecimento, offerecido por vezes a se imprimir, e sem se entender a causa que o impedisse, não ouve effeito.* O que vem com levissima differença a dar na mesma conta. Neste mesmo anno compoz o Poeta a Elegia VI, e o Soneto XXXVII do Livro II. Porém isto não deve entender-se mais que da primeira parte dos seus Poemas, aos quaes he sem duvida, que o Poeta ainda accrescentou depois alguns outros, quoes são por exemplo o Soneto XV do Livro II, feito aos trinta e nove annos de sua idade, e a Ecloga IX aos trinta. A segunda parte, que fórma os dous Livros das

Cartas, e a Tragedia Castro, a qual seu filho imprimio junto com a primeira, he claro pelas pessoas, a que muitas das mesmas Cartas são escritas, e por algumas particularidades nellas especificadas pertencerem a annos de mais madureza. Esta segunda parte, diz por casual inadvertencia o Erudito Abbade Diogo Barbosa Machado na *Biblioth. Lusit.* tom. 1. pag 272 não se haver imprimido, sendo certo o contrario, segundo o que fica referido.

9 Pelo Epitafio da sua sepultura, que traz o P. Fr. Manoel de Sá nas *Memorias Historicas da Provincia do Carmo de Portugal* Liv. II Cap. XI pag. 253, se conhece que Antonio Ferreira foi Lente na Universidade de Coimbra. E como em todos os tempos, ainda nos mais illustrados, ha sempre apoucados talentos, que estreitando-se em determinada esfera, e esta as mais de vezes curtissima, e medindo pelos seus os dos outros, tem por temeridade passar qualquer fóra daquella, em que fomenta lhes parece deveria encerrar-se, procederia talvez daqui ver-se elle necessitado a satisfazer na Carta XII do Liv. II para Vasco da Silveira ao vulgar reparo, com que *hum ruim*, pelo dizer com as suas mesmas palavras, e *ds vezes dous*, e *tres* lhe estranhavão o conciliar elle com o estudo das Leis o da Poezia. Este reparo o não suppõe elle a si feito, pois se não reputa por modestia merecedor do illustre nome de Poeta, mas sim ao dito Silveira, para com mais vehemencia o ridiculizar. *Espirito baixo*, e máo chama o Poeta com justissima causa ao que nega.

Ajudar o bom engenho á boa doutrina

Quando elle em mais estudos bons s'emprega.

Esta Carta defengana assás com razões clarissimas os genios estereis, que se achão do contrario tenaz-

mente persuadidos. Da Universidade passou a ser Desembargador na Relação de Lisboa. E ainda que o serviço d'ElRei lhe impedisse dar-se com tanta familiaridade como dantes á communicação das Musas , com tudo não o separou já mais inteiramente dellas. Grande numero das suas Cartas escritas em Lisboa , de crer he que sejam todas de semelhante tempo ; e especialmente a elegante , e discretissima , que em abono das Bellas Letras , e Poezia escreve ao Cardeal Infante D. Henrique então Regente , parece verificallo.

10 Teve , como já dissemos , hum irmão por nome Gracia Froes de Andrade , que amava ternissimamente , como se vê da Ode vi do Liv. I , admiravel imitação da de Horacio : *Sic te Diva potens* , e dirigia com sabios conselhos , segundo mostra a Carta vii do Liv. II. Casou , e neste estado se achava , quando logo que chegou a Lisboa , dá conta faldoso do retiro de Coimbra na Carta x do Liv. I a Manoel de Sampayo , aquelle judicioso , e exacto Censor de seus versos , do desaffoço , que lhe occasionava o tumulto da Corte. O Poeta o pinta maravilhosamente ; e ao mesmo passo a grandeza de sua alma na indifferença , e desprezo , com que olhava nella o que de commum mais se estima , e suspirava pela quietação do campo , innocente ambição , e quasi universal de animos virtuosos. O filho , que nos consta haver , foi Miguel Leite Ferreira , depois editor de suas obras , o qual deixou em tal idade , que não chegou a conhecer seu pai.

11 Se os escritos são o retrato da alma , nenhuns mais fielmente representão ao natural seu Author , que os do nosso Poeta. Seus costumes são aquelles , que o estudo das letras communica ordinariamente aos espiritos bem formados , e a que a

natureza da sua parte não oppõe para o contrario alguns obstaculos , isto he , a probidade , e a fingeleza. Hum amavel modo de pensar cheio de humanidade , e de doçura , huma paixão declarada pela justiça , hum zelo effectivo pelo bem alheio , a averção da lisonja , do fausto , e da falsa gloria formão o caracter das suas obras ; e pelo conseguinte o do seu coração. Sobresahem entre tantas virtudes a amizade , e o reconhecimento , estas virtudes raras , e só privativas de espiritos sublimes. Os amigos de seus primeiros annos são os mesmos de toda a sua vida. Francisco de Sá de Miranda , Francisco de Sá e Menezes , e Diogo de Teive são por elle tratados com o titulo de Mestres seus , e com aquellas ingenuas expressões , que tirão do coração sua origem , e nunca sabe contrafazer a adulação. O merecimento dos seus contemporaneos , ainda que tambem authores , e authores vivos , e o que he mais Poetas , sempre era para com elle merecimento. Os louvores , com que Horacio exalta Virgilio , e Vario não lhe são de menos gloria do que são a Antonio Ferreira os com que sublima não só os sobreditos Poetas , mas tambem Jeronymo Corte Real , Pedro d'Andrade Caminha , Diogo Bernardes , e outros , todos admiraveis Poetas. Donde se patentea quanto os genios da primeira ordem são superiores aos effectos vulgares da inveja. Isto mais se fará admiravel , observando-se como na Dedicatoria da Ecloga X , e na Carta XIII do Liv. I , fallando com o Senhor D. Duarte , faz valer na presença deste Principe , verdadeiro Mecenas desta nossa idade de Augusto , seu grande amigo Pedro d'Andrade Caminha. Esta nobreza de sentimentos he engrandecida no nosso Poeta por Francisco de Sá de Miranda

na Elegia , que lhe dirige , a qual entre as suas obras se acha na pag. 132 da edição de 1614 , notando a seguinte circumstancia :

*E mais em tal sasão , tempo tão arvaro
De louvores alheios , em tal dano
Dos engenbos , que se achão sem emparo.*

12 Esta Elegia de Sá de Miranda serve de resposta á Carta IX do Liv. II , em que Ferreira o consola pela morte de seu filho Gonfalo Mendes de Sá , que a poucos dias depois da sua chegada a Ceuta , onde hia servir , acabou ás mãos dos Mouros. As virtuosas qualidades , que nelle conhecia seu pai , e as grandes esperanças , que dellas havia concebido , lhe fazião esta perda extremamente sensivel. Este o motivo , por que o nosso Poeta , sem tocar a penetrante ferida pela não avivar , o dispõe admiravelmente para a consolação , louvando-lhe o constante , e magnanimo desapego , com que vivia superior a todas as adversidades no seu filosofico retiro. Esta Carta conciliou a Ferreira o honorifico elogio de Sá de Miranda , que se pôde ver na sobredita Elegia , contentando-me em transcrever sómente aqui os seguintes versos :

*Esta branda Elegia , esta tão vossa
Quero dizer de tanto prego , e tal ,
Que vai fugindo ant'ella a nevoa grossa.
Bem vejo que era empreza principal
Esta a que vinha , mas a dor rezente
Tempo esperava , cura mais geral.
Quanto que aquella veia assi corrente
Se deve áquelle engenbo prompto , e raro
Que assi sente , assi diz tudo o que sente.*

Quem sabe de quanto pezo he na boca de hum varão tão sabio , tão senhor do mesmo sobre que assim falla , e ao mesmo passo virtuosissimo , e de-
cla-

clarado inimigo da mais ligeira lisonja semelhante louvor, só com isto se daria por convencido do alto merecimento de Ferreira.

13 Não são menos crédoras dos maiores louvores as outras Cartas, por se encontrarem nellas os documentos mais sólidos da Moral, correndo parcellas na força com a suavidade da Poezia. Todas as excellencias de Horacio seu original se achão alli exacta, e felizmente desempenhadas. Serião sem numero os lugares, se houverão de apontar-se, em que o nosso Poeta se appropria os pensamentos deste Principe dos Liricos Latinos, que com razão idolatrava, segundo mostra a Carta VIII do Liv. I. Tanto a imitação de Horacio, que he a mais ordinaria, como a de todos os antigos Poetas Gregos, e Romanos, se vê sempre em Ferreira feliz, e acertadissima. Os que toberem advertillo poderão aprender de tão admiravel exemplar o modo, por que esta deve fazer-se exempta daquella servidão, e baixeza, que de commum a desfigura, e envilece.

14 Antonio Ferreira não só como Poeta, mas tambem como cortezão, se constituiu digno emulo de Horacio. Vivendo em huma Corte não menos polida que a de Augusto, em que o bom gosto das letras era commum á principal Nobreza, merecia de toda ella aquella estimação, que independente das distincções estabelecidas pelos homens, a natureza reservou ao merecimento, que ella unicamente distribue. João Rodrigues de Sá de Menezes, pai de D. Francisco de Sá de Menezes, e de Antonio de Sá de Menezes, a cujo Fidalgo, que vivia no Porto, dirige o nosso Poeta a Carta VI do Liv. I, foi quem communicou ás pessoas de maior qualidade o amor dos estudos, que até alli dedignavão.

vão. Francisco de Sá de Miranda lhe dá na Carta IV entre muitos louvores tambem este, dizendo-lhe:

As letras, que não achastes

Vós as metestes na terra,

A' nobreza as ajuntastes,

Com que dantes tinhaõ guerra.

Radicou-o porém o novo restabelecimento da Universidade em Coimbra pelo Senhor Rei D. João III. Eis-aqui o que diz sobre este ponto Miguel Leite Ferreira na Dedicatoria das obras de seu pai. *Como a inclinação dos Reis seja a mais guardada lei de seus vassallos, concorreo com novo fervor a aprender toda a nobreza deste Reino, e começou esta arvore em breve tempo produzir tão suave fruto, como mereciaõ o ânimo, e maons de quem a plantou. Em todas as faculdades bouve varoens insignes, dos quaes boje florecem muitos, e alguns se inclináraõ á Poezia, avendo que com ella ficavaõ as letras mais ornadas. Quão grande fosse este progresso da mesma Nobreza, o testifica o nosso Poeta na Carta x do Liv. II para D. Simão da Silveira. Ellas lhe suavisarão os costumes, e aquella antiga fereza militar, a que Ferreira não põe dúvida chamar brutal, a qual por beneficio das Musas se achava já então, pelo dizer com os seus mesmos termos, temperada da branda humanidade.*

15 Disto mesmo dão a cada instante a mais clara demonstração todas as suas obras. O melhor daquella idade ou erão Poetas, ou os tinham em grande apreço. Francisco de Sá de Miranda, D. Simão da Silveira, Pedro d'Andrade Caminha, Jeronymo Corte-Real, D. Francisco de Moura, D. Antonio de Vasconcellos, Francisco de Sá de Menezes, Aio, e Camareiro mór do Principe D. João, Diogo de Bentancor, Antonio de Castilho, Guarda mór. da Torre do Tombo, todos de illustre

fanguê , erão tambem todos excellentes Poetas , e intimos amigos de Antonio Ferreira. A benigna arajem , que a mesma Poezia recebia do Throno , lhe communicava tão vigorosos alentos , e della participava em grande parte o nosso Poeta. Achava elle , como mostrão seus escritos , favoravel acolhimento nos Serenissimos Reis D. João III , e D. Sebastião , no Principe D. João , no Cardeal Infante D. Henrique , e no Serenissimo Senhor D. Duarte , cujo poderosissimo exemplo seguião D. Constantino de Bragança , D. João de Lancastro , filho do Duque de Aveiro , D. Jorge , Marquez de Torres Novas , e seu irmão D. Pedro Diniz , o Conde de Redondo D. Franciscò Coutinho , Regedor , Affonso d'Albuquerque , filho do Grande Heroe do mesmo nome , o Secretario de Estado Pedro d'Alcaçova Carneiro , com outros muitos Fidalgos. As obras de Antonio Ferreira são tambem nesta consideração hum precioso monumento da Historia Litteraria do seu tempo , e nos descobrem o verdadeiro espirito , por que nelle tão geralmente florecêrão as letras. Outro tanto se pôde dizer dos Poemas de Diogo Bernardes.

16 A grande variedade , que ha nos de Antonio Ferreira , he manifesta prova de que a natureza não limitou , como de ordinario costuma , seu promptissimo genio , e sublime imaginação a nenhum determinado genero de Poezia. Porém elle era o primeiro a pôr-se austeramente sobre cautela contra esta facilidade , que sabia submeter á mais sevêra disciplina. Esta he a razão , por que se encontra em todos os seus Poemas aquella conformidade de estylo com as materias , a que difficilmente sabe domar-se hum mesmo enthusiasmo , muito mais tão ardente como o seu. Aquelle mesmo fogo , com
que

que nas Odes, nos Sonetos, e na Tragedia se eleva com tanto vigor, quão outro se representa na singeleza das Eclogas, ternura das Elegias, aguda delicadeza de alguns Sonetos, e Epigrammas, e na simplicidade das Comedias. Mas onde sobre tudo elle se mostra rendido, e quebra da sua maior actividade, he nas Cartas, nas quaes independente delles só parece prasidir a razão. Tudo nellas he sólido, e cheio daquella brilhante luz, que só da Filosofia se póde tomar, e porque são raras vezes conduzidos ao Parnaso os Poetas mediocres. Maximas importantes comprehendidas em versos energicos, e por isso faceis a reter na memoria, de quanta utilidade são para quem os lê! Porém estes mesmos versos de tanta madureza, e razão, nem por isso lhes falta, quando o assumpto o soffre, toda a sublimidade, força, e graça de expressão, que he o unico arrimo, em que só se sustentão os genios menos fortes de cousas. Por cujo motivo o douto Nicoláo Antonio in *Bibliot. Hispan.* tom. 1. pag. 93 os nomea com summa propriedade: *Lucubrations metricas & elegantie plenas, spirituque & animositate vigentes poetica.* Cujos juizo por ser de hum tão intelligente Author nesta materia, argúe bem de temerario, falto de critica, e alheio do conhecimento das verdadeiras regras da sã Poezia, o que fórma das Eclogas do nosso Poeta Manoel de Faria e Sousa na *Introd. ás de Camões* num. 4 pag. 160, dizendo que elle as escreveu *con perdurable dureza, y poca-dicha en pensamientos, y afeitos, aunque se muestra visto en los Poetas antiguos; para que se acabe de entender, que estudio sin espíritu, y espíritu sin estudio, no pueden obrar cosa de provecho.* Manoel Severini de Faria *Disc. da Ling. Portug.* pag. 82. vers. assegura o contrario a respeito das mesmas

Eclogas. A brandura, diz elle, das *Eclogas* de Diogo Bernardes, Antonio Ferreira, e Francisco Rodrigues Lobo são de tanta suavidade, que o insigne Poeta Lopo da Vega confessa, que os escritos de Diogo Bernardes o ensináraõ a fazer versos pastoris, e os outros não causaõ menor deleitaçãoõ, que he o que neste genero se requer.

17 He bem certo que Antonio Ferreira não estimava em tanto o espirito por si só sem cultura, que tivesse esta em pouca conta, pois como elle diz na Carta XII do Liv. II.

Estimaria antes a dureza

*Daquelle, que o trabalho, e arte abrandou,
Que destoutro a corrente, e vãa presteza.*

Por cujo motivo os dotes naturaes o não satisfazião de modo, que deixasse confiado nelles de os aperfeiçoar, e dilatar na lição dos melhores Poetas da antiguidade. Daqui vem serem-lhe familiarissimos seus pensamentos, como toda a elegancia de suas mesmas linguas. Quanto foubesse da Grega, se vê dos Epigrammas de Anacreonte, e das Elegias VII, e VIII, que verteo, a primeira de Moscho ao Amor fugido, e a segunda de Anacreonte ao mesmo Amor perdido. Ao Leitor curioso pôde ser não desagrado pôr-se aqui a de Moscho, traduzida por Pedro d'Andrade Caminha, grande Poeta, contemporaneo, e amigo de Ferreira, não só pelo deleite, e instrucção, que causa observar, como dous grandes Escritores sabem diversamente tratar o mesmo fogeito, mas tambem por não se haver até agora publicado. He pois a seguinte:

Perdeo Venus fermosa o seu Cupido,

Fermoso filho seu, brando, e mimoso,

E tristissima está de o ter perdido.

Tudo corre, nada acaba trabalhoso,

O campo, o monte, o povoado, o ermo,

Que

Que á grande dor nada he difficuloso.

Co espirito de tristeza todo enfermo
Sobe num alto monte , procurando
O' cuidado remedio , á pena termo.

Dali está quanto póde a voz alçando ,
E nestas tristes queixas a derrama
Por seu feroso filho perguntando.

O filho , a que esta mãe mais que tudo amã
Se me perdeu acaso , que não creio
Que s'escondesse , nem que me desama.

Não posso inda saber onde se veio ,
Nem sei s'espirito algum mo tem furtado ;
Ando toda entre dor , entre receio.

Se o lugar onde está , me for mostrado
A quem mo assim mostrar prometo , e juro ,
Que em premio hum beijo meu lhe seja dado.

A quem nas minhas mãos mo der seguro
Lhe darei inda mais. Quem há que seja
Com taes promessas descuidado , e duro ?

Se ganhar este preço alguém deseja ,
Mil sinaes lhe darei , no peito os guarde ,
Porque o não desconheça quando o veja.

Não he alvo , mas todo o corpo lhe arde
Em cor de fogo , e os olhos resplandecem
Tanto , que não há vista , que os aguarde.

As palavras , que diz doces parecem ,
Mas tem cheia de enganos a vontade ,
E engana os tristes , que isto não conhecem.

Quando está cheio de ira , ou crueldade
Não há cousa , que o mova , ou que o abraude ,
Nem que lhe faça confessar verdade.

He menino , mas tem astucia grande ,
E está mil graves cousas cometendo
Mil vezes quando cuidem , que rindo ande.

Crespos cabellos thê os hombros pendendo

Em certa ordem lhe estão. Medo, nem pejo
 Nunca em seu rosto ousado s'está vendo.
 Maons, e braços pequenos tem, mas vejo
 Que muito longe tira a seta dura,
 Com que hum peito saõ fere, e hum saõ desejo.
 De todo o corpo trás sem vestidura
 A' calma, e ó frio sempre descuberto,
 Mas cheio he o espirito de prudencia pura.
 O voar deixa as vezes, e de perto
 As nimphas ora, os homens ora tenta
 Naõ com rosto fingido, ou encuberto.
 E como vê, e entende que contenta,
 E que a vontade ó que elle diz se abranda,
 Lá no intimo do peito, e alma s'affenta.
 Arco pequeno tem, mas com elle manda
 Thé as estrellas a seta destinada,
 Que certa sempre em suas regras anda.
 Ferosa aljava ó hombro trás dourada,
 Dentro pegonha, e setas, que meu peito
 Mil vezes tem ferido, e alma chagada.
 De usar cruexa em tudo he satisfeito,
 Porque quanto nelle há, tudo he aspreza,
 Cruel he o nome, que lhe he mais aceito.
 Na mão huma faccha trás, que com cruexa
 Gasta as tristes entranhas, e seu fogo
 Queimará o Sol com sua fortaleza.
 Se o achares, e á mão o ouveres, logo
 Se podes com estreitos nós o prends,
 Nem te enganem suas manbas, nem seu rogo.
 Trazeo prezo com manba, e arte, e entende
 Que ou rogue, ou ameasse, ou chore, ou ria,
 Que ardis saõ tudo, com que se defende.
 Se com palavras cheias de alegria
 Te mostrar amizade, entaõ mais teme,
 Entaõ de sua paz mais desconfia.

*Em suas palavras , e em sua boca , cre-me
As peçonhas crueis trás escondidas ,
Com que o triste , a que as dá , chora , arde , e treme.
E se te forem delle offerecidas
Setas , coldre pintado , arcos fermosos ,
Não sejaõ suas offertas recebidas ,
Que seus doens queimaõ tudo , e saõ danosos.*

Desculpem esta larga digressão os môtivos assima referidos.

18 Quanto Antonio Ferreira fundamentalmente conhecesse as especulações da Arte , com evidencia o manifesta a Carta XII do Liv. II escrita a Bernardes , na qual depositou quanto sobre as regras geraes da Poezia encerra a Epistola de Horacio aos Pisões. Era por esta causa consultado como o melhor Critico pelos seus contemporaneos , a quem a sua falta se fazia nesta consideração muito sensivel. Caminha na Elegia sobre a sua morte a lamenta deste modo :

Más eu não choro ver de entre nós ido

Este retrato só da Idade Antiga ,

Do Ceo á nossa lingua concedido.

Mas faltar-me hum ingenho , a que o meu siga ,

E huma voz , que ouça , sprito de que aprenda ,

E os segredos das Musas m'abra , e diga.

E quem o meu mão verso me reprenda :

E o meoã me concerte , e mo levante

Com douto aviso , e com segura emenda.

Bernardes na sua Carta XII do Lima , escrita ao nosso Poeta , a que a sobredita serve de resposta , além de muitos louvores summamente consideraveis em razão de seus , assim lhe encarrega a emenda de seus escritos.

Se pudera formar quanto imagino

Quando teus versos leio , quando noto

Nelles o teu ingenho peregrino:
 Sem temerem os meus a mão de Clóto,
 Ficariaõ á fama encomendados
 No templo, de que fui sempre devoto.
 Mas não posso negar, serem-me dados
 Por ti do Ceo favores venturosos,
 Indaque mal de mim remunerados.
 Se me não dera ao Mundo em tão ditosos
 Annos, de mim que fora? que por ti
 Espero de ter nome entre os famosos.
 Por mim nunca subira, onde subi,
 Meu nome com a vida s'acabára,
 O Mundo não soubera se nasci.
 Confesso dever tudo áquella rara
 Doutrina tua, que me quiz ser guia
 Do celebrado monte á fonte clara.
 E por te dever mais, se á luz do dia
 Te parecer, que saiaõ meus escritos
 Na tua pena está sua valia.
 As saltas, os sobejos, duros ditos,
 O não guardar decóro em pranto, e rogo,
 Em fim, erros que se vão infinitos.
 Emenda, corta, abrandá, sintaõ fogo
 Da tua ardente Musa, em que s'apurem,
 E sendo dignos doutro, dá-lho logo.
 Ou acabem por ti, ou por ti durem
 Seu fim, ou seu louvor por ti os siga,
 De mim mais não esperem, nem procurem.
 Com igual elogio, e para o mesmo fim o trata
 na Carta II do mesmo Lima, dizendo-lhe entre
 outras cousas:

Musa da Lusitania; pouco digo
 Das nove do Parnaso a principal,
 Que menos não partio o Ceo contigo.
 E se tua clara luz, que a nevoa escura

*Dos bons ingenhos vai alevantando ,
E do Pindo lhes mostra a mor altura.*

*Me for por esta selva lumiando ,
Onde amor me metteo alta , e sombria ,
Por onde vou a medo caminhando.*

*Inda eu espero , que vejas algum dia
Com novo louvor teu mais doce canto ,
Porque tendo taõ certa , e fiel guia
Nãõ he muito de mim prometer tanto.*

Aos que parecer consultar por inteiro estas duas Cartas , ficará claro em que respeitosa veneração erãõ tidas por hum dos mais célebres Poetas daquelle tempo outras muitas eminentes qualidades de Antonio Ferreira , as quaes elogiãõ pelo mesmo modo , ainda estando elle vivo D. Francisco de Moura , e Jeronymo Corte-Real , cujos testemunhos vãõ impressos ao principio das obras do mesmo Poeta.

19 No meio pois da mais distincta reputação o tomou de improviso a morte em Lisboa no anno de 1569 aos 41 de sua idade. A peste , que nesta Cidade devorava tudo , ajuntou este aos outros muitos estragos , com que a assolava. A dureza , com que os grandes males tornão quasi insensiveis á dor os animos a elles costumados , não foi com tudo tão poderosa nesta occasião , que deixassem de manifestar o mais vivo sentimento seus maiores amigos. Taes forão Diogo Bernardes , e Pedro d'Andrade Caminha nas duas elegantissimas Elegias , que vãõ impressas no fim das obras do nosso Poeta , e Francisco de Sá de Menezes no Soneto posto ao principio dellas. Quando a natureza se exprime em linguagem tão propriamente sua , facil he de conhecer não ser este o corrupto incenso , com que a dependente , e servil lisonja costuma

perfumar as cinzas dos que só devem á sorte a inutilidade de haver sido poderosos. Foi sepultado no cruzeiro do Convento do Carmo , e sobre a campa se lhe gravárão as seguintes palavras :

Epitafio do Doutor Antonio Ferreira , Lenue que foi na Universidade de Coimbra , Desembargador da Relação , raro Poeta : faleceo no anno de 1569.

Hic Doct̃or jacet e Cathedra , quem jura Tonantem

Mente arvida audivet Bartolus , imo Solon :

Carmina scribentem Cythara sequeretur Apollo ,

Diceret , & numeris non satis esse Chelin.

Jus , & Pieridas Patria decoravit , amore

Illius hæc capiti laurea major erat.

Nec vati magnum , ac fuerit quod in urbe Senator ,

Sed sua quod regnum scripta Thalia regit.

Si legit , una tuos componet Epistola mores ,

Maximus est Doct̃or , qui docet e tumulo.

A pedra está quebrada , e tem de menos dous dísticos.

20 Por espaço de vinte e nove annos depois de seu falecimento estiverão por publicar seus Poemas , até que seu filho Miguel Leite Ferreira cuidou em que se imprimissem , não tendo , como suppoz o douto Nicoláo Antonio *in Bibliot. Hisp.* quarenta annos de idade , pois que elle não chegou a conhecer seu pai , mas havendo-se sim passado este tempo , desde que seu Author , como fica referido , os destinára para a luz pública , o que deo motivo ao dito engano. Sahirão com o seguinte titulo : *Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira , dedicados por seu filho Miguel Leyte Ferreira ao Principe D. Philippe nosso Senhor. Em Lisboa. Impresso com licença por Pedro Crasbeeck. 1598. Com Privilegio. A' custa de Estevão Lopes , Livreiro , in 4.º* cuja Dedicatoria he desta maneira : *Senhor. Esteve a lingua Portuguesa*
naõ

naõ conhecida no Mundo , por causa dos ingenhos Portuguezes naõ terem experimentado nella , o que outras naçoens mostráram nas suas : tè que Deos foy servido dar-lhes el Rey D. JOAM III Tio de V. A. , (a quem devidamente coube o nome de Pay da Patria) que inspirado do seu pio zelo espertou os estudos das letras , e a Universidade , que o grande Rey D. DINIZ fundára em Coimbra , e despois se mudou a Lisboa , tam de proposito tornou assentar em Coimbra , que mais parecia instituyla , que reformala. E como a inclinação dos Reys seja a mais guardada ley de seus vassallos , concorreo com novo fervor a aprender toda a nobreza deste Reyno , e começou esta arvore em breve tempo produzir tam suave fruiito , como mereciam o animo , e maõs de quem a plantou. Em todas as faculdades ouve varoens insignes , dos quaes boje florecem muitos , e alguns se inclináram á Poesia , avendo que com ella ficavam as letras mais ornadas. Naquelles tempos o Doutor Francisco de Sá de Miranda foy o primeiro , que com a singular brandura dos seus versos Lusitanos começou mostrar o descuido dos passados , e que esta lingua hé capaz de nella se cantarem Damas , Capitães e Emperadores. Com cujo exemplo meu pay , que entaõ estava nos estudos , pretendeo com a variedade destes seus manifestar como a lingua Portuguesa , assi em copia de palavras , como em gravidade de estylo , a nenbuna hé inferior. E com mór honra desta nação mostrára esta verdade , senaõ fora impedido com o serviço del Rey no Desembargo , e a morte tam anticipada lhe naõ cortára o fio a mores esperanças , deixando-me em tal idade , que o naõ conheci. Esteve este livro por espaço de quarenta annos , assi em vida de meu pay , como despois do seu falecimento , offerecido por vezes a se imprimir , e sem se entender a causa , que o impedisse , naõ ouve effeito. Agora que com a idade foy crescendo a razaõ , conheço qual era , e quanto devo á boa estrella , que o detinha vir a luz , esperando

cbegasse a de V. A. com seu amparo , e favor. A quem eu com o devido acatamento o offereço , confiando que com benigno , e real animo será recebido , assi pola obrigação , que V. A. tem de favorecer os bons ingenhos , que com amor , e sancto zelo de tal Rey começáram mostrar-se nestes Reynos , como pola muita parte , que a V. A. cabe na boa reputação desta lingua , ficando desculpado meu atrevimento com a devida , e natural obrigação , que os filhos tem de procurarem perpetuar com honra a memoria de seus pays. Deos guarde a V. A. De Lisboa a 15 de Mayo de 1598. Miguel Leite Ferreira.

21 As obras de Antonio Ferreira dividem-se em duas Partes. Huma dellas , que he a primeira , consta de dous livros de Sonetos , o primeiro com sincoenta e oito , e o segundo com quarenta e cinco ; de dez Epigrammas ; de dous livros de Odes , o primeiro com oito , e o segundo com cinco ; de nove Elegias ; doze Eclogas ; hum Epithalamio ao casamento da Senhora D. Maria com o Senhor Alexandre Farnés , Principe de Parma , e da Historia de Santa Comba dos Valles , de cuja Historia , dizendo a conservava em seu poder , faz menção João Tamaio Salazar , *Martyrol. Hispan.* tom. 4. pag. 183. A segunda Parte comprehende os dous livros das Cartas , tendo cada hum delles treze , desenove Epitafios , e a Tragedia Castro , servindo a tudo de remate as duas Elegias , a primeira de Diogo Bernardes , e a segunda de Pedro d'Andrade Caminha sobre a sua morte.

22 A ninguem cause dúvida ser ou não do nosso Poeta a Carta I do Liv. II para El Rei D. Sebastião , supposto a veja attribuida a Camões na terceira Parte das Rimas deste Poeta , que imprimio em 1668 D. Antonio Alvares da Cunha , e dedicou ao Serenissimo Senhor Rei D. Pedro II , ainda

da então Príncipe. Assim he que o editor diz, que tirára estas obras de varios manuscriptos, muitos dos quaes erão da letra do mesmo Camões; porém he tão diversa a Orthografia, em que está impressa a dita Carta, da do tempo, em que se suppõe escrita, que claramente mostra ser alguma moderna cópia da de Ferreira, que estava entre os taes manuscriptos, e esta bem viciada. A mudança assim em versos alterados, muitas particulas, e palavras trocadas, que ha entre ella, e o texto claro, natural, elegante, e já setenta annos antes publicado, só serve de a desfigurar, e escurecer, e de manifestar ao mesmo passo quanto já neste tempo era elle desconhecido.

23 As duas Comedias intituladas *Briso*, e o *Cioso* publicou depois no anno de 1622 em Lisboa em 4^o, juntamente com as de Francisco de Sá de Miranda, Antonio Alvares, Impressor, e Mercador de livros, e as dedicou a Gaspar Severim de Faria em agradecimento de este lhas haver confiado para este mesmo fim; pois que era tanta a sua raridade, que fazendo incansaveis diligencias por descubri-las, nunca o pudera conseguir, senão na sua preciosa livraria. Estas duas Comedias são escritas em prosa, e tudo mais em verso Rimado á exceção da Carta I do Liv. I, e da Tragedia. O Poeta, que admiravelmente conhecia quanto a Rima cativa a liberdade ao pensamento, e suspirava pela soltura, com que os Italianos, Sá de Miranda, Gracilasso, e Boscão versificarão, se lhe submettia, como confessa, obrigado da necessidade. Porém parecem pouco justificadas suas queixas, pois que a vemos para com elle tão pouco tyranna, que ella he sempre a constangida, obedecendo de maneira, que sem particular advertencia, difficil fora o per-

ce-

cebella. Eis-aqui o que o Poeta a seu respeito diz na Carta x do Liv. II.

O' doce Rima! mas inda ata, e dana,
Inda do verso a liberdade estreita,
Em quanto co som leve o juizo engana.

Não fei a consonancia sempre aceita
Tam repetida, assi como a doçura
Continua o appetite cheo engeita.

Mas soframo-la, em quanto huma figura
Nã vemos, que mais viva represente
D'aquella Musa antiga a boa soltura.

24. O merecimento das Comedias comprova assás o sobredito Editor na Dedicatoria, que lhes ajuntou, não havendo no que diz clausula alguma, que se possa presumir exaggerada, e que depois da mais exacta averiguação não se haja por verdadeira, e exempta de censura. O seu juizo he o seguinte: *Nas Comedias dos Doutores Francisco de Sá de Miranda, e Antonio Ferreira, mais que em nenhuma outra escriptura vulgar, se mostra a excellencia da lingua Portuguesa, vendo-se em breves palavras grande gravidade nas sentenças, excellentes discursos, ditos agudos, summa graça, e galantaria no modo de dizer, guardando-se sobre tudo o decoro a cada pessoa, e as regras da Arte com tanta perfeição, que não sómente igualam as melhores dos Gregos, e Romanos, mas as podem aventajar. Pelo que são dignissimas de serem trazidas nas mãos de todos, e celebradas não menos que as de Plauto, e Terencio. Porém ainda mais claramente o manifesta o mesmo Poeta na Dedicatoria da Comedia de Bristo, quando singelamente nos diz, que ella fora na Universidade recebida, e publicada com approvação, e como fazendo para isso força ao Author os bons juizos de homens de muitas leiras, a que foi necessario que o seu obedecesse. Isto faz-se muito considera-*

vel, sendo em tal tempo, e muito mais com a circumstancia, que elle mesmo especifica de que *pouco antes se virão outras, que a todas as dos antigos ou levão ou não dão ventajem*. O que bem mostra haver entre nós corrido a Comedia igual forte, que na Grecia, em Rôma, e depois nas demais nações, sendo sempre a primeira em se aperfeiçoar com anticipação á Tragedia.

25 Nesta he que Antonio Ferreira se constituiu unico, não tendo dos seus quem seguisse, nem talvez quem até agora o igualasse. Muitas são as singularidades, que concilião á sua *Castro* os mais subidos louvores, e a fazem crédora de particulares observações, quaes são a sua antiguidade, a ventajem, que leva ás mais célebres das outras nações naquelle tempo, quando com ellas se confere, o profundo conhecimento das regras da arte, a imitação dos Gregos, e mais que tudo a feliz escolha do argumento, por si mesmo trágico, interessante á nação, para que escrevia, e nunca antecedentemente tratado.

Vestigia graeca

Ausus deserere, & celebrare domestica facta.

Horat. Epist. ad Pison. v. 286.

Porém isto mais era para huma larga dissertação, que proprio do presente lugar. Pelo que, sem em tal nos demorarmos, satisfaremos sómente ao gosto de alguns leitores com hum succinto extracto feito *Scena* por *Scena*, tocando em geral algumas cousas mais notáveis, as quaes lhes despertem a attenção para em outras muitas reflectirem, e occuparem a sua penetração.

26 A primeira *Scena* abre-se pela exposição do que deve servir de fundamento a toda a fábula. *Castro* a faz; e supposto seja prolixa, e tomada de longe sua origem, he todavia energica, e animada.

da. A alegria domina em seu coração, e se vê reluzir no seu discurso; porém sua ama lhe divide lagrimas, que não obstante ella as attribuir ao prazer, fazem com tudo presentir ao expectador a mudança dos incidentes, para que o Poeta o vai desde tão longe preparando com imperceptivel artificio, e habilidade. Em fim, todas aquellas sementes, pelo dizer assim, de que depois hão de brotar os mais maravilhosos successos, e até a mesma catastrophe, se achão com simplicidade alli quasi inadvertidamente derramadas. Vê-se a repugnancia do Rei, e do Reino, as cautélas, que se tomavão para atalhar ao Infante o despozalla, a violenta paixão do mesmo Infante, e ultimamente o como cego della chegou a executallo. Na Scena segunda o Principe apparece com outros affectos bem differentes dos de Castro. Seu pai o persegue, o povo com pertinacia, e odio se lhe oppõe, a paciencia lhe falta. O coro conserva alli o seu devido caracter, pois he moral, e lhe procura moderar a cólera. Na Scena terceira se vê brilhar a fidelidade de hum magnanimo vassallo, e a resoluta determinação de hum Principe mancebo, a que á força da mais impetuosa paixão cerra os ouvidos. O zelo, e o amor ministrão de parte a parte sentimentos da maior elevação.

27 Na Scena primeira do Acto II o Rei se queixa do pezo da Coroa, e da desobediencia do Infante: consolão-no os Conselheiros, e lhe apontão os meios de obviar tantos males, isto he, a morte de Castro. O Rei a principio o desaprova, e com quanta humanidade, e justiça! mas as especiosas razões do bem público prevalecem, das quaes se deixa em fim hallucinar. O terror, e a compaixão dominão. O auditorio se interessa, vendo traçar

çar a morte de huma innocente, e lutar entre desgostos, e dúvidas a affligida velhice de hum virtuoso Rei, e enternecido pai. No Acto III Castro quão outra se representa do que se havia mostrado na primeira Scena do primeiro Acto. Toda a alegria passada se lhe converte em confusão, e affombro. Hum funesto sonho a traz timida, e desaffocogada. A allegorica pintura do mesmo sonho he exprimida com toda aquella viveza, que constituem a essencia das narrações dramaticas, como são graças de elocução, evidencia, e affectos. Quando o Coro, ou o seu *Coryseo* principia, dizendo: *Tristes novas, cruéis, novas mortaes te trago, Dona Ignés,* a resposta de Castro, he sublime. Pergunta-lhe ella qual era a triste nova, que lhe annunciava; e respondendo-lhe aquelle, que era a sua morte, lhe torna Castro de improviso: *He morto o meu Senhor? o meu Infante?* Esquecida toda de si, não reputa perigo seu, mais que o do seu amante. Os que conhecem quão raro he saber desentranhar do fundo do coração segredos tão sensiveis, depois de descubertos, mas tão reconditos antes de tocados, poderão bem avaliar toda a propriedade de hum tão fino pensamento.

28 No Acto IV a Primeira Scena he cheia de interesse. Os sentidos rogos da desditosa Castro; o voltar-se a pedir auxilio aos mesmos, que com mais instancias sollicitavão sua desgraça; as reiteradas, e vivissimas súplicas, com que se volve ao Rei; o abalo, que ellas lhe fazem; o perdão, que levado do primeiro affalto de commiseração, parece conceder-lhe os agradecimentos, com que o Coro lho applaude, a que tropel de affectos não fazem succeder no animo dos espectadores a maior suspensão! Tudo repentinamente muda de situa-

situação. A morte de Castro, que consideravão immediata, senão effeiva. Começão a ter esperanças. E o affombro se augmenta pela suspeita de que o Poeta haja tomado outro caminho para desfatar o enredo, differente daquelle previsto pela Hiltoria; o que nos argumentos conhecidos he hum dos meios mais conducentes para se conseguir o maravilhoso. Na segunda Scena a ira contra os Conselheiros do Rei se faz fortissima, e não he menos o desejo de que este os não escute firme na primeira resolução; mas tudo he trocado, vendo-o ceder ás importunas súplicas, que lhe fazião. Os versos, em que o Coro dá noticia da morte de Castro, são ternissimos. No Acto v, que commiserção não causa o infeliz Principe, quando todo embebido em lisonjeiros discursos, recebe de subito o penetrante golpe, que lhe traspassa a alma! A sua desesperação he exprimida com toda aquella vehemencia, que a natureza dicta em circumstancias taes. Nada ha mais fiel, que o retrato do seu atribulado coração. Todas as paixões ganhão d'elle posse, humas interruptamente se succedem a outras, todas fallão a sua propria linguagem, todas em fim vivissimas, e subidas ao seu mais elevado ponto, sem nunca enfraquecerem. Esta Scena não cede neste genero a quanto ha de mais recommendavel entre antigos, e modernos. Nem tambem he de pouco merecimento saber reservar affectos tão vigorosos para o fecho da Tragedia.

29 Aristoteles no Liv. III da Rhetorica adverte haver sido a locução desta em sua origem fraca, e baixa; e o mesmo que elle diz dos Gregos, se observa nas primeiras de quasi todas as nações; porém o nosso Poeta ao contrario usou logo da mais sublime, e magnífica, qual unicamente con-

vem

vem a este poema. Os que entenderem outra cou-
sa, quando talvez topando huma, ou outra expres-
são, que por muito vulgarizada haja com o tempo
contrahido aquella baixeza, que hum semelhante
contacto costuma communicar, devem neste caso
reflectir ser este o destino ordinario de muitas pa-
lavras em todas as linguas. Nenhum Escriitor, por
mais elegante que seja, se poz já mais a salvo deste
inevitavel risco: e quando estes termos, que os
nossos ouvidos presentemente estranhão, forão pe-
los melhores Authores contemporaneos empregados
em assumptos igualmente sublimes, como erão ao
certo todos os do nosso Poeta, qualquer censura
ficará sendo indiscreta, e injusta. Além de que,
remos para nos abonar a perfeição do estylo desta
Tragedia o testemunho de hum Author coetaneo,
muito intelligente nestas materias, e por isso de
muita conta. He este o suavissimo Diogo Bernar-
des nas *Flores de Lima* Soneto xciv, o qual assim
louva a Antonio Ferreira a sua Castro.

Se Dona Ines de Castro presumira

Que tinba' o largo Ceo detriminado

Ser o seu triste fim taõ celebrado,

Co' raro ingenho da tua doce Lira:

Inda que de mais duros golpes vira

O seu taõ brando peito traspassado,

Do corpo o triste sprito desatado,

Ledo desta baixeza se partira.

Allegre-se no Ceo, pois que na terra

O seu nome por ti será famoso,

O qual já não lembrava em Portugal,

O teu estillo fez á morte guerra,

O' Dona Ines ditosa, ó tu ditoso,

Que dando vida, ficas immortal.

A modesta resposta de Ferreira está no Soneto xxv

do Liv. II; porém com tanta differença do modo, por que se lê na edição de Bernardes feita em 1597, que por essa causa a transcreveremos pelo modo, que nella se acha, e vem a ser:

Bernardes, cujo sprito Apollo spira

Volve teu doce verso, a mim mal dado

Ao grande obgeito teu, que levantado

Por ti será a gloria, a que já aspira.

Inda onde quer qu' está, chora, e sospira.

O triste Infante, em ver taõ mal chorado

Seu doce amor, de que cá taõ magoado

Nam fartou d'agoa os olbos, peito d'ira.

Isto só pede ós Ceos, qu' inda da terra

Qu' esconde suas cinzas, hum lumioso

Rayo saya, de luz nova, luz tal

Qu' aclare a nuve, que nos cobre, e cerra.

Aquella vida, qu' indaque mortal

De doce amor, despoja saudosõ.

30 Se algumas cousas porém ha, (o mesmo se póde dizer das Comedias) as quaes de justiça em nossos dias pudera reprehender a critica, ao tempo, e não á falta de genio em o nosso Poeta se devem attribuir. Lea-se a Historia do Theatro de todas as nações existentes, e ver-se-ha serem poucas as que em vulgar possão naquelle tempo offerecer neste genero obras tão regulares. Os muitos discursos, a pouca acção, a falta de enredo, o desatado das Scenas, os longos *a partes*, a instabilidade do Coro sobre o Theatro, tudo isto lhe he commum com os melhores Poetas da sua idade, e com os demais, que por languissimos annos lhe succedêrão.» Ha huma grande differença, diz hum
» illustre sabio, * entre a belleza de qualquer obra, e
» o merecimento de seu Author. Certa obra, que he
» em

* Mr. de Fontenelle *Vie de Cerneille.*

» em si mui mediocre, não a poderia produzir senão
 » hum genio sublime; e ao contrario a que he asás
 » bella, pôde bem ser producção de hum genio asás
 » mediocre. Cada seculo tem seu gráo de luz, que
 » lhe he proprio, e se eleva, pelo dizer assim, a
 » hum certo tom de espirito. Os espiritos medio-
 » cres conserváo-se inferiores ao gráo de luz, em
 » que se acha o seu seculo, os bons o conseguem,
 » os excellentes passáo adiante, no caso de ser pos-
 » sível o passar. Hum homem, que nasce com
 » talentos, he naturalmente conduzido pelo seu se-
 » culo ao ponto de perfeição, a que este seculo
 » tem chegado... Desta sorte dous Authores, hum
 » dos quaes se aventaja extremamente a outro na
 » belleza de suas obras, são com tudo iguaes em
 » merecimento, se cada hum delles igualmente se
 » elevou com superioridade ao seu seculo. Assim
 » he que hum se levantou mais assima do que o
 » outro; o que porém não he, porque haja tido
 » mais força, mas só sim porque tomou o voo de
 » hum lugar mais elevado. Pela mesma razão dous
 » Authores, cujas obras são de igual belleza, hum
 » pôde ser hum homem muito mediocre, e o outro
 » hum genio sublime. Para julgar da belleza de
 » huma obra, basta o consideralla em si mesmo;
 » porém para se julgar do merecimento do Author,
 » he preciso comparallo com o seu seculo.» Refle-
 » xões mui adequadas á Tragedia, de que tratamos.

31 *Esta Tragedia*, diz o eruditissimo Abbade Diogo Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana, foi traduzida por hum Francez na sua lingua, e a dedicou ao Conde da Atouguia João Gonsalves de Attaide, de quem fora criado, e Mestre da lingua Latina de hum seu filho, a qual se imprimio em Pariz; porém não declara o anno da impressão.

32 O prognostico , que Antonio Ferreira formára, e a bem fundada esperança, que se augurava na Ode 1 do Liv. I, de que *inda em alguma parte ab Ferreira dirão da lingua amigo!* o tempo o verificou, sendo como realmente são seus escritos huma das fontes mais puras, em que póde beber-se a elegancia, e propriedade da linguagem Portugueza. Nelle se não encontra mistura alguma, ou corrupção de vocabulos estrangeiros, nem affectação em usar dos antigos, não por falta de lição dos velhos, e originaes Authoics, como se vê nos Sonetos XXXIV, e XXXV do Liv. II, mas por saber a moderada economia, com que se permite o seu uso, e quanto como nos trajos he ridicula deste modo a singularidade. *Estes dous Sonetos*, diz seu filho em huma advertencia, que poz depois da errata, *fez meu pay na linguagem, que se costumava neste Reino no tempo del Rei D. Deniz, que he a mesma, em que foi composta a historia de Amadis de Gaula por Vasco de Lobeira, natural da Cidade do Porto, cujo original anda na Casa de Aveiro. Divulgáraõ se em nome do Iffante D. Afonso, filbo primogenito del Rei D. Deniz, por quam mal este Principe recebêra (como se vê da mesma historia) ser a fermosa Brianloja em seus amores taõ mal tratada.* Esta elegancia de estylo, que resulta da feliz escolha de palavras, junta com exactidão, e vivacidade dos pensamentos, e fórma a natural belleza do discurso, he o commum caracter de todas as suas obras. Os elogios já referidos de Francisco de Sá de Miranda, Pero d'Andrade Caminha, Diogo Bernardes, e outros, e os que pela extensão reservamos para o fim, são unanimes neste ponto, como tambem os demais, que em tempo lhe succedêrão, contando sempre o nosso Poeta por hum dos Escriitores mais polidos, e recommendaveis

Me-

Mestres do idioma Portuguez. Antonio de Sousa de Macedo *Flores de España* cap. 22, Excell. 6, tratando da aptidão, que nelle ha para todos os estylos, o comprova duas vezes com as obras de Antonio Ferreira, pelo que respeita á brandura, e suavidade, allegando as suas *Éclogas*, e *Comedias*. D. Francisco Manoel no *Hospital das Letras*, supposto attribua a Quevedo hum dos interlocutores do Dialogo o juizo do nosso Poeta, e este o faça jocosamente, he com tudo desta maneira: O Ferreira, diz elle, contente-se de lhe haver amanhecido a frase sublime primeiro que a maior parte dos Poetas de á quem mar, porque em nehum se achão melhores arremessos; e vá passando assim como puder, satisfeito de que os menos conhecidos são hoje por ventura os melhores parados; por aquella regra de hum moderno, que fez a fama cumplice das grandes tragedias dos famosos. Manoel Severim de Faria *Discurs. da lingua Portugueza* pag. 83 assim se explica: Esta brevidade, graça, e decoro, (da linguagem) que os Latinos desejavaõ, se vem tão praticadas nas *Comedias Portuguezas* de Francisco de Sáa, e Antonio Ferreira, e em algumas de Jorge Ferreira, que a juizo de todos os doutos não tem superior. E na pag. 72. vers. *ibid.* E quanto ás traduções claramente se mostra assi nas de verso, que fizeraõ Antonio Ferreira e Luiz de Camoens, como nas de Prosa do Bispo D. Antonio Pinheiro, e outros, que senão he mais breve (a lingua Portugueza) que a Latina, ao menos não he mais larga.

33 Terminaremos em fim a Vida do nosso Poeta com os louvores, que lhe derão alguns Aucthores de abalizado merecimento, os quaes, além dos já referidos, testifiquem a grande conta, e universal apreço, em que sempre forão havidos seus escritos. Serão os primeiros os de seus amigos, e

in.

infignes Poetas Diogo Bernardes , e Pedro d'Andrade Caminha com alguns versos do mesmo Ferreira , que faltão na edição das suas obras. O primeiro nas *Flores do Lima* tem os seguintes Sonetos , e este primeiro em louvor da Ecloga XI he o LXXXV.

Filis , senão r'abranda a viva vea

*De pranto , que por ti vay derramando
O teu Androgeo , a verde erva regando ,
Humedecendo a seca , e branca area :*

As lagrimas d' Alcipo , que recea

*Perder o caro amigo , tornem brando
Esse teu peito duro : não vás dando
Causa , que de tal Nimfa , tal se crea.*

Qual fermosura , ó Filis foi cantada

*Em mais suave estillo ? ou qual dureza
Chorada foi de mais brandos pastores ?*

Androgeo immortal faz tua belleza ,

Alcipo chora , verte descuydada

De pagares tão mal tão bons amores.

Antonio Ferreira nas mesmas *Flores do Lima* assim escreve a Bernardes :

Bernardes , tu ó som do claro Lima

*Inda por ti mais claro , á sombra fria ,
A branca Nimfa , que te deu por guia ,
Amor , fazes soar na doce rima.*

E em quanto a cantas , flores mil de cima

*Derrama Cyberea , hum louro cria
Pera as tuas fontes Febo , e em companhia
Doutros teu nome leva a outro clima.*

Eu mudo , e triste , em lagrimas banbado ,

A vida gasto , em esperar buã bora ,

Que meu fado cruel m'está detendo ,

Então solto , então livre , e à mi tornado

Teu doce som yria ao meu regendo ,

Em tanto teu bem canta , e meu mal chora.

Resposta de Bernardes :

Alcipo, buma dura, e cruel Lima

Que no meu peito roe, noite, e dia,

Destrue o som, que Febo dar sobia,

Ao canto meu, qu' ao doce teu s'arrima.

Tu, a quem elle mais ama, a quem amima,

Tanto que com Urania, e com Talia,

Ao seu Parnaso t'alça, e de ti fia

Segredos, que mais ama, e mais estima.

Como não cantas? tira esse cuidado

Que tanto t'atromenta, d'alma fora,

Que já onde desejas t'estou vendo:

O choro seja meu, pois que forçado

Me tem cá minha estrella, o Lima enchendo

De queixas, e de lagrimas agora.

Ahi mesmo no Soneto XCVII assim celebra a Ferreira.

Ferreira, eu vi as claras, e fermosas

Agoas do teu Mondego irem chorando

As lembranças do tempo, que cantando

Andavas nas suas praias saudosas:

Não vi os brancos lirios, nem as rosas

Vermelhas, que mostrava o campo, quando

A serra docemente bias chamando

Com vozes namoradas, mas queixosas.

Vi secos os censeiros, que já tantas

Vezes queixar t'ouviram, vi o dia

Escuro, a relva triste em toda a parte:

Se nas agoas, no Sol, flores, e plantas,

Vi tanta saudade, que faria,

Deixando lá de mim a milhor parte?

E no Soneto XCIX o torna a louvar deste modo:

Crecey novos loureiros, pois as bellas

Nimfas do meu Lima vos plantáraõ

As vossas verdes ramos, qu' alcançáraõ

Hum dom tamanho subaõ ás estrellas.

*Naõ temão ventos, neves, nem aquellas
Setas, que pera Jove se formáraõ,
Qu' os Ceos (que tudo podem) ordenarão
Que fossen (pera sempre) livres dellas.*

Tanto crecey aqui nesta ribeira

Que mui cedo com vosco Febo possa

Coroar quatro spritos, que amo tanto:

Dous Andrades, hum Castilho, e hum Ferreira

Gloria das nove irmãs, honra da nossa

Lingoa, que s'enriquece com seu canto.

E na Carta II do Lima, alludindo a quanto erão moraes os discursos do nosso Poeta, pelos quaes elle se regulava, lhe falla assim:

Outros conselhos dás na triste historia

Da triste Dona Ighes, outras lembranças

Dignas de fama cá, no Ceo de gloria.

34 Entre os Epigrammas, que se conservão manuscriptos do illustre Poeta Pedro d'Andrade Caminha, se achão estes, que vão aqui trasladados.

A Antonio Ferreira:

Embora meu Ferreira sejas vindo,

Que ja m'bia faltando a pobre vea,

E agora espero birme restituindo

Na tua sempre rica, e sempre cbea.

Já me vay novo lume Febo abrindo,

Peraqu' em ti de novo aprenda, e lea,

Que em tua conversação leo, e aprendo

Quanto Ferreira fallo, escrevo, e entendo.

Resposta de Antonio Ferreira:

Pera ver-te, e ouvir-te só sou vindo,

E enriquecer em ti a pobre vea,

Em ti nos vay, Andrade, restituindo

Da sua agoa Hypocrene a fonte cbea.

Eu com tua luz bivei caminho abrindo

O ingenho, qu' a ti entenda, e lea,

*Quem não sabe quanto á que de ti aprendo
S'alguma cousa escrevo, leo, e intendo.*

Da imitação de Antonio Ferreira.

*A imitação tem sua authoridade
Em seguir só o antigo, e escolbido,
Ganha assi melhor nome, e gravidade,
E com ração lhe he mais louvor devido.
Mas s'alguem se igualar á antiguidade,
Porque imitado não será, e seguido?
Eu a só meu Ferreira sempre imito,
Igual em tudo a todo antigo espirito.*

Da Poesia do dito.

*Quiz Apollo, e quizerão as irmãs nove
Formar hum perfeitissimo Poeta,
Que com louvor geral o Mundo aprove,
Cujó ingeuho alta gloria lhe prometa,
Em quem o espirito antigo se renove,
De quem fiem sua fonte mais secreta,
Formaraõ nesta idade só Ferreira
Da antiguidade imagem verdadeira.*

35 Antonio de Sousa de Macedo na *Eva e Ave* Part. I cap. xxvi tambem o louva, dizendo: *Forão exaltando a Poesia Antonio Ferreira, e Diogo Bernardes.*

O P. Antonio dos Reis no *Enthusiasmo Poetico* o engrandece desta maneira:

Ferreira, Tagarrus

*Ximeniusque simul resident prope lucida Phæbi
Scamna.*

O Eruditissimo Abbade Diogo Barbosa Machado na *Biblioth. Lusit.* Tom. I. pag. 272 diz, que Antonio Ferreira no tempo, que na *Academia de Coimbra* começou a estudar *Jurisprudencia*, arrebatado da natural inclinação á *Poesia*, não sómente compunha nas horas vagas do estudo alguns versos, que já respiravão suave cadencia, e magestosa elegancia, mas incitava aos seus

condiscipulos, a que lhe fossem emulos em tão divina arte. Por ella alcançou tão profunda veneração dos maiores alumnos do Parnaso, que, como a Principe desta faculdade, lhe mandavão as suas composições, para que polidas com a sua Lima, sabissem totalmente perfeitas ao theatro do Mundo.

Candido Lusitano no Discurso Preliminar á sua elegantissima traducção Portugueza da Poetica de Horacio, discorrendo judiciosamente sobre a necessidade, que ha de libertar do cativo da Rima algumas vezes a Poesia, corrobora o seu parecer, dizendo: *Entre nós tambem houve este uso (do verso solto) em melhor seculo, não só em Dramas, como a Tragedia Castro do nosso Ferreira, mas em Poesia narrativa, como o naufragio do Sepulveda por Jeronymo Corte-Real.* E quando para illustrar alguns lugares de Horacio confronta com elles outros de Ferreira, o que repetidas vezes faz com igual delicadeza, que propriedade, he pela maior parte ajuntando ao seu nome os honorificos epithetos ou de *Judicioso*, ou de *Insigne*, ou alguma outra expressão de louvor, que suscite em quem ler alguma idéa ventajosa. E tanta he a estimação, que delle faz hum critico tão intelligente, que quando na bella Dissertação anteposta á traducção igualmente bella da Athalia de Racine allega os motivos, por que lhe appropriou o verso solto, conclue, que além dos muitos exemplos, em que se fundára, *o do nosso insigne Ferreira (estas são as palavras) na sua Castro he para mim da maior excepção.*

DE D. FRANCISCO DE MOURA

A ANTONIO FERREIRA,
EM VIDA.

C Ante Apollo, Parnaſo, Eurota ſoe
Ferreira ſempre. Ferreira ás eſtrellas
Contenta: pois aos Ceos tal nome voc.
Chegaſte, divino ſprito, a entendellas.
Chegarão a t'entender ellas tambem.
Que querem mais de ti? que tu mais dellas?
Que quer o Mundo mais, que em ſi te tem?

DE JERONYMO CORTE-REAL.

C Oroadas de myrtho, e de verd'hera
Muſas, Graças, e Venus, e os Amores
Num boſque nunca entrado de Paſtores
Na primeira manhã da Primavera.
Huma coroa, de que ſe podera
O grande Apollo honrar, teciam de flores,
E banhada em ſua fonte, em ſeus licores,
Quaes nunca a ninguem ver o tempo dera,
Eſte divino dom de mãos tecido
Divinas, a ti, Antonio, ſó guardamos,
Eſperada luz noſſa, e noſſa gloria.
Pera ti neſte Louro o penduramos
(No Louro iſto eſcreviam) tam devido
A ti, quanto honrarás noſſa memoria.

NA MORTE DE ANTONIO FERREIRA.

S Prito, qu'entre os homés peregrino
Da tua patria andaste, em quanto a fria,
E escura idade nossa s'acendia
No fogo de que tu só foste dino,
Deixaste o mortal peso, e já divino
Nessa alta luz, e sempre claro dia,
Ergues tua voz em mais doce harmonia,
Cantádo ao Rey da Gloria immortal hyno.
Oh branco Cisne, que de doce canto
Encheste est'ar, e com mais leves penas
Tornaste a esse Ceo, donde partiste
Por ti sempre os Amores farão pranto.
Por ti suspirarão sempre as Camenas.
Por ti será este campo sempre triste.



PRIMEIRA PARTE

DOS VERSOS

DE

ANTONIO FERREIRA

A OS BONS INGENHOS.



Vós só canto fpritos bem nascidos,
 A vós, e ás Musas offereço a Lira:
 Ao Amor meus ays, e meus gemidos,
 Compostos do seu fogo, e da sua ira.

Em vossos peitos são, limpos ouvidos

Cayaõ meus versos, quaes me Phebo inspira.

Eu desta gloria só fico contente,

Que a minha terra amei, e a minha gente.

S O N E T O I.

Livro, se luz desejas, mal t'enganas.
 Quanto melhor será dentro em teu muro
 Quietos, e humilde estar, indaque escuro,
 Onde ninguem t'empece, a ninguem danas!
 Sugeitas sempre ao tempo obras humanas
 Co' a novidade aprazem, logo em duro
 Odio, e desprezo ficam: ama o seguro
 Silencio, fuge o povo, e mãos profanas.
 Ah não te posso ter! deixa yr comprindo
 Primeiro tua idade; quem te move
 Te defenda do tempo, e de seus danos.
 Dirás que a pezar meu foste fugindo,
 Reynando Sebastião, Rey de quatro annos:
 Anno cincoenta e sete: eu vinte e nove.

II.

Aquella, cujo nome a meus escritos
 Que a meu amor dará melhor ventura,
 Toda virtude, toda fermosura,
 Qu'após si leva os olhos, e os spritos,
 Aquella branda em tudo, só aos gritos
 Meus furda, aspera ôs rogos, a Amor dura
 Podia c'um furrifo, huma brandura
 D'olhos curar meu mal, ornar meus ditos.
 Mas que dará de si h'ia esteril vea?
 Hum desprezado amor? h'ia cruel chãma?
 Senão desconcertado, e triste pranto?
 Quem de tristezas vive, só me lea:
 Cante a quem inspira Amor mais doce canto:
 Busco piedade só, não gloria, ou fama.

III.

E U não canto, mas choro ; e vai chorando
 Comigo Amor, de ter-me assi obrigado
 Em parte tal, que nem a elle he dado
 Valerm'em mais, que de yr-me consolando.
 Vay-me sempre ante os olhos figurando
 Aquella fermosura, em que enlevado
 Ha tanto que ando, e assi com meu cuidado
 Me vou trás ella em fim triste enganando.
 Mas não póde sofrer tamanho engano
 Amor, que nos conhece, e de tal ver-me
 Foge, e me deixa só de pura mágoa.
 Olho-me então, e vejo o desengano:
 Afronta a alma cançada, e por valer-me,
 Desabafo desfeito em fogo, e em agoa.

IV.

S E eu podesse igualmente mostrar fóra,
 Ao menos do meu fogo hum rayo claro,
 Naquelle sprito aceso, puro, e raro,
 Que a escura terra aclara, os Ceos namora ;
 Se as faudosas lagrymas, que chora
 Minh'alma apôs hum bem seu, que tão caro
 A fortuna lhe faz, e o tempo avaro,
 Em que já bem nenhum, nem razão mora.
 Sofreria, ó Amor, mais brandamente
 A força do teu vivo, e doce fogo,
 Que novamente em mim s'esconde, e cria.
 Choraria meu mal comigo a gente,
 E de pura piedade esperaria
 Ouvirem-me inda os Ceos meu santo rogo.

V.

DOs mais fermosos olhos, mais fermoso
 Rosto, qu'entre nós ha, do mais divino
 Lume, mais branca neve, ouro mais fino,
 Mais doce fala, riso mais gracioso:
 D'um Angelico ar, de hum amoroso
 Meneo, de hum sprito peregrino
 S'acendeo em mim o fogo, de qu'indino
 Me sinto, e tanto mais assi ditoso.
 Não cabe em mim tal bemaventurança.
 He pouco hũa alma só, pouco hũa vida,
 Quem tivesse que dar mais a tal fogo!
 Contente a alma dos olhos agoa lança
 Polo em si mais deter, mas he vencida
 Do doce ardor, que não obedece a rogo.

VI.

NAõ he minha tenção louvar aquella,
 Que entre todas na terra tal parece,
 Qual a fermosa Lua resplandece
 Junto da mais escura, e baixa estrella.
 Estes meus olhos, que poderão vella
 Guiados só do Amor, que a só conhece,
 (Que sem Amor ninguem vela merece)
 Dão verdadeira fé de quanto ha nella.
 Outro alto estado, outr'honra, outras riquezas,
 Outras graças em tudo differentes
 Das que vemos lhe deu quem tudo cria.
 Esta venham correndo ver as gentes,
 Nella veram dos Ceos novas grandezas,
 E nella para os Ceos caminho, e guia.

VII.

L Agrimas costumadas a correr-me
 Quem vos pôde deter? fahi correndo
 Doces, e tristes: vão-vos todos vendo,
 Huns riam, outros chorem de tal ver-me.
 Onde poderei eu de mim esconder-me?
 Se quanto mais resisto, e me defendo,
 Então me venço mais, e vay crescendo
 A força, como posso defender-me?
 Quem meus olhos olhar, rindo, ou chorando,
 Sentirá nelles logo hum movimento
 D'algum sprito, que os lá rege, e manda.
 Este chorar me faz, este cantando
 Me leva apôs meu mal, sem hum momento
 Esta alma livre ter do estado, em que anda.

VIII.

S'Erra minh'alma, em contemplar-vos tanto,
 E estes meus olhos tristes, em vos ver,
 S'erra meu amor grande, em não querer
 Crer que outra cousa ha hi de mor espanto,
 S'erra meu esprito, em levantar seu canto
 Em vós, e em vosso nome só escrever,
 S'erra minha vida, em assi viver
 Por vós continuamente em dor, e pranto.
 S'erra minha esperança, em se enganar
 Já tantas vezes, e assi enganada
 Tornar-se a seus enganos conhecidos,
 S'erra meu bom desejo, em confiar
 Que algũ'hora seram meus males cridos,
 Vós em meus erros só fereis culpada.

IX.

N Aó Tejo, Douro, Zecer, Minho, Odiana,
 Mondego, Tua, Avia, Vouga, Neiva, e Lima,
 Nem os que correm lá no Oriental clima
 Nilo, Indo; Gange, Eufrate, Hydasphe, e Tana:
 Não Pinho, Faya, Enzinho, Ulmo, Hera, ou Cana
 Nem doce suspirar em prosa, ou rima
 O fogo apagarão, qu'em mim de cima
 Do terceiro Ceo cae, e dos olhos mana.
 Qu'o Ceo outra vez s'abra, e o Mundo alague,
 Sopre de toda parte bravo vento,
 Ardendo m'estará meu fogo em meo.
 E eu morrerei, porque se não apague;
 Então de mór prazer, mór gloria cheo,
 Quanto mór parecer o meu tormento.

X.

P Arecerá, senhora, em outra idade
 Milagre grande, o que hoje todos vemos.
 Quem averá, que crea taes estremos
 D'amor, de fermosura, e crueldade?
 Algũs dirão: Se não fora verdade,
 Quem podera inventar isto, que lemos?
 E se tal foy, já agora não teremos
 Pagar-se bom amor mal, por novidade.
 Cada hum dará juizo sobre mim,
 Todos condenarão vossa aspereza
 Chorando minhas magoas, quando as lerem.
 Mas esta gloria só terey em fim,
 Que juntos nos lerão, e os que as crerem,
 Dirão: Igual ao amor foy a dureza.

XI.

M Ondego, tão soberbo vás da vista
 Da tua fermosa Nimpha, que parece
 Que quanto achas diante, se offerece
 Recolher-te, sem aver quem te resista.
 Que té o Oceano grande (que a conquista
 Nossa tem feito humilde) te obedece,
 D'ali te leva ao Indo, e s'engrandece
 O Gange, e Nilo, de que tua agoa he vista.
 Thetys com suas Nimphas t'acompanham,
 Por honra desta Nimpha em ti criada,
 E por todo seu Reyno a vão cantando.
 Estas tuas agoas rogo, em que se banham
 Os seus cabellos d'ouro, que cantada
 Seja por lá tambem a pena, em que ando.

XII.

Q Uando entoar começo com voz branda
 Vosso nome d'amor, doce, e suave,
 A terra, o mar, vento, agoa, flor, folha, ave
 Ao brando som s'alegra, move, e abranda.
 Nem nuvem cobre o Ceo, nem na gente anda
 Trabalhoso cuidado, ou peso grave,
 Nova cor toma o Sol, ou se erga, ou lave
 No claro Tejo, e nova luz nos manda.
 Tudo se ri, se alegra, e reverdece.
 Todo Mundo parece que renova.
 Nem ha triste planeta, ou dura sorte.
 A minh'alma só chora, e se entristece.
 Maravilha d'Amor cruel, e nova!
 O que a todos traz vida, a mim traz morte.

XIII.

N Aõ aparece o Sol, triste está a terra :
 As nuvês carregadas, os Ceos tristes,
 Estes sinaes, que vós meus olhos vistes,
 O que mal vos promettem, ó que guerra!
 Aquelle Sol fermoso, que na Serra
 Nos fõe amanhecer, vós o encobristes :
 Parece que sentio que não dormistes,
 Esperando sua luz, quem vo-la encerra.
 E por fazer-nos mal, o fez ao dia,
 Que queixando-se está deste mal nosso
 Em tempo, que tão mal lho merecia.
 Eu não me queixarey, porque não posso,
 Nem doutro mayor mal me queixaria :
 Mas vós olhos choray, que isto he mais vosso.

XIV.

O Olhos, donde Amor suas frechas tira
 Contra mim, cuja luz m'espanta, e cega,
 O olhos, onde Amor s'esconde, e prega
 As almas, e em pregando-as, se retira!
O olhos, onde Amor amor inspira,
 E amor promete a todos, e amor nega,
O olhos, onde Amor tambem s'emprega,
 Por quem tambem se chora, e se suspira!
O olhos, cujo fogo á neve fria
 Acende, e queima; ó olhos poderosos
 De dar á noite luz, e vida á morte!
O olhos por quem mais claro nasce o dia,
 Por quem são os meus olhos tão ditosos;
 Que de chorar por vós lhes coube em sorte!

XV.

O Nde está aquella imagem pura, e bella
 Artificio divino entre nós raro?
 Onde aquelle olhar brando, que tão caro
 Me foy? e o resplendor de hũa, e outra estrella?
 Quem a doce voz ouve? ah quem aquella
 Divina graça vê? onde o tão claro
 Fogo, que cá m'inflamma? onde o seu charo
 Thefouro esconde Amor, que só tem nella.
 Fazer poderá ausencia que eu não veja
 Aquella viva imagem: não fará
 Que d'alma, onde anda escrita, se m'aparte.
 Mas qual estrella, ou sorte me dará,
 Que pois em vão dali fair deseja,
 Abrande da dureza já algũa parte?

XVI.

B Em podeis vós, senhora, ajuntar fogo
 A este, que n'alma ardendo, aos olhos corre,
 Bem me podeis trazer em riso, e em jogo,
 Pois Amor contra vós ninguem socorre:
 Bem vos podeis fazer surda a meu rogo,
 E a esta alma, que ante vós de si se corre,
 Bem me podeis tornar em cinza logo,
 Mas ficará o sprito, que não morre.
 Este vos chama, e vê, e suspira, e chora,
 Este irá dando a vosso nome fama,
 Qu'Amor me ajudará, que eu só não posso.
 Não apagueis a luz da clara chama,
 Que de vós nasce, que virá algũ'hora,
 Qu'em minha morte choreis dano vosso.

XVII.

SE vós podesséis com desprezo, ou ira,
 Com abaixar os olhos, volver rosto,
 Credo danar a gloria, e doce gosto
 Dest'alma, que vos vê, e em vão suspira,
 Quebrar aquella força, que me tira
 De mim mesmo, e me faz estar lá posto
 Onde vos vejo sempre, já desposto
 Sofrer Amor, que em vão contra mim se ira,
 Desculparia eu vossa crueldade,
 S'algũa dura estrella, ou triste sorte
 Mudar podesse minha grã firmeza;
 Mas já que em vão, senhora, he tal dureza,
 E qu'em mim estareis sempr'em vida, e em morte,
 Ao menos não estejais contra vontade.

XVIII.

HUns olhos, que ao Sol claro, á Lua, ao Norte,
 Seu lume tiram, e onde resplandece
 Huma divina luz, que ós qu'apparece,
 Faz no perigo não temer a morte:
 Hús crespos laços de ouro, que o mais forte
 Atam, e prendem, de que se enriquece
 Amor, e foge, porque não empece
 Nelles, temendo algũa dura sorte;
 Riso, que em riso converte meu pranto,
 Sprito, que em mim todo bem inspira
 Ferosura no Mundo nunca achada
 São a só causa, porque assi suspira
 Minha alma em vão, e porque em doce canto
 Antes será desfeita, que cansada.

XIX.

D Onde tomou Amor, e de qual vea
 O ouro tam fino, e puro para aquellas
 Tranças louras? de que esphera, ou estrellas
 A luz, e o fogo que assi em mim se atea?
 Donde as perlas? a voz de que screea?
 Os brancos lyrios donde, e as rosas bellas,
 Aquelle vivo sprito pondo nellas,
 De que formou húa nova ao Mundo idea?
 Antes a neve, a alvura, a cor as rosas
 Do seu rosto tomaram, e a harmonia
 As aves da voz doce, suave, e branda.
 Não são ante ella as estrellas mais fermosas.
 Nem mais sereno o Ceo, ou claro dia.
 Nem mais fermoso o Sol na sua esphera anda:

XX.

S Ae minha alma as vezes a buscar-vos
 Tão apressadamente, que aparece
 Que algũa estrella a força, e se offerece
 Encaminha-la lá, onde possa achar-vos.
 Mas quando vos não vê, e vê que deixar-vos
 De buscar lhe he forçado, assi esmorece,
 Que quando Amor já acode, a não conhece,
 Senão pelos sinaes, que traz de amar-vos.
 E no tempo, em que está mais descuidada
 No perigo inda, em que se vio, cuidando,
 Então subitamente a salteais.
 Quereila andar, senhora, assi enganando,
 Para que viva; e assi vive enganada:
 Assi entre morte, e vida a sustentais.

XXI.

Quem vio neve queimar? quem vio tão frio
 Hum fogo, de que eu arço? quem chegando
 A morte vivo, e ledo estar cantando?

Parece quanto digo desvario.

Dize-o tu Mondego manso rio,

Que m'ouves, qu'o vês, e o vás chorando:

Digam-no tuas Nymphas, qu'escuitando

Meus segredos estão, qu'eu dellas fio.

E Amor, que aqui está, sabe a verdade,

Que nesta agoa tam fria está acendendo

O fogo de meus olhos distilado.

Tristes lagrimas minhas, que correndo,

Mais o peito arde, quando piedade

Terão hús olhos deste triste estado?

XXII.

Sol, que já tantas voltas aos Ceos deste,

E de todas me viste estar chorando,

Faze que este teu lume, que tomando

Vas d'outra luz, qual nunca cá tiveste.

Minhas lagrymas seque; se soubeste

Algũ'hora ser triste, e chorar, quando

Aquelle amado teu Louro abraçando,

Tornar-lhe sua fórma não podeste.

Ah Phebo, qu'inda tu da dura terra

Abrandar tua planta a ti podias,

Inda com doces lagrymas regala.

Eu como abrandarey húa dura Serra,

Por quem as noites choro, choro os dias,

E não m'ouve, nem vê, nem crê, nem fala?

XXIII.

QUantas vezes Amor comigo, cheo
 De nova maravilha já de hum posto
 Se poem a olhar aquella, em cujo rosto,
 Em cujos olhos o que escrevo, leo!
 Vês, diz, que fermosura? que meneio?
 Que doce riso? que estar tão composto?
 Qu'ouro, que neve, e lume, ante quem posto
 Do Sol o rayo fica escuro, e feo?
 Olha com que brandura os olhos vira!
 Com que graça os abaixa, e os levanta
 Ricos de mil despojos, mil victorias!
 Que effeitos faz! que sprito não aspira
 A deixar cá de si claras historias
 Movido só de fermosura tanta?

XXIIII.

EM quanto solto ao Sol brando ar movia
 O ouro, que Amor de sua mão fia, e tece,
 D'amorosos spritos o ar se enchia,
 De que amor doce em toda a parte crece.
 Hum lhe dava o nó crespo, outro tecia
 Laços, em que toda alma livre empece,
 Outro o soltava ao vento, e parecia
 Decer então o Sol mais do que dece.
 Namorava-se o claro Sol da terra,
 Hia crescendo o dia mais fermoso,
 Minh'alma de si mesma estava fóra.
 Mas recolhendo o Amor, eis que se cerra
 Triste o Ceo, escuro o dia, o Sol queixoso,
 E minh'alma dali sempre em vão chora.

XXV.

O Cabellos d'Amor rico thesouro,
 De que s'arma, guerra, vence, e mata,
 Cabellos, com que Amor, os que vence, ata,
 E triumphando vay com palma, e louro.
O Cabellos, com que feu arco d'ouro
 O Amor encordoa, e desbarata
 Quanto acha diante, e se o vento os desfata
 Dá nova vida ao Mundo, e eu arço, e mouro.
Cabellos, em que Amor nasceo, e se cria,
 De que mil redes tece, laços mil,
 E almas mil em cada laço prende:
Cabellos, que o ouro fazem baixo, e vil,
 Com que inda o Sol mais clara luz daría,
 De cada hum de vós minha alma pende.

XXVI.

A H porque não posso eu em prosa, ou rima
 Táo alto levantar o brando nome,
 Que em toda praya estranha, estranho clima
 Brandura a fera gente delle tome?
Com que eu batendo as aías vá por cima
 Da baixa inveja, e assi a vença, e dome,
 Que em vão seus dentes quebre, e dura lima,
 Em vão louvor esconda, erros assome?
Mas pois não basta o sprito a empresa tanta,
 Bastar devia ao menos aqueixar-se
 Esta lingua em meu mal só fria, e muda.
Assi a clara vista me ata, e espanta,
 Que quando della espero mór ajuda,
 Então a vejo em dano meu calar-se.

XXVII.

Muitas vezes quísera (tal me vejo)
 Não ser nascido , ou não ter visto aquella ;
 Porque assi mouro , quando espero vella ,
 Como de a não ver , quando desejo .

Mas logo torno , e m'envergonho , e pejo
 Do meu mesmo erro ; a culpa he tua , ou della
 Amor cruel , que em amalla , e temella
 Se converte em fim sempre alma , e desejo .

Mais quero assi viver , que qual vivêra
 Sem ter visto , o que vi ; ditosa sorte ,
 Quando olhos meus tão altamente olhastes !

Perdido fora , se me não perdêra ,
 Que inda que mouro , bem comprada morte ,
 Por esta gloria , que me vós mostrastes .

XXVIII.

OFogo , qu'em meu seo guardo , e crio ,
 Hora tam docemente a alma m'inflâma ,
 Que co a brandura da sua doce châma
 O seu mais vivo ardor se me faz frio .

Hora de tristes lagrimas hum rio
 Dos olhos , porque entrou o Amor , derrama ,
 Ao som das quaes a lingua canta , e chama
 Aquella por quem choro , e por quem rio .

Cresce o fogo no peito , crescem'agoa
 Nos olhos ; a voz canfa , o sprito voa
 Apôs quem traz em só fugir-me o tento .

Ella me vê ; eu de fogo húa viva fragoa .
 Chora Amor , e fortuna meu tormento ,
 E em vão meu grito em seus ouvidos soa .

XXIX.

O Nde quer qu'eu esteja, onde me vire,
 Ou dia, ou noite, ou só, ou entre a gente,
 Aquella fermosura me he presente,
 Por quem me manda Amor, qu'em vão suspire;
Ou corra agoa, bulla herva, ar brando espire
 Na flor, no Ceo, na Lua, no Oriente,
 Sol roxo na alva aurora, e na luzente
 Branda estrella de Amor, qu'amor lh'inspire.
 Ali a vejo, ali se me affigura:
 Mas mais em neve, ou fogo, ou na asperceza
 De hũa rocha, ou hũa onda furiosa.
 No rosto amor, no peito traz dureza:
 Não sey se mais fermosa, se mais dura;
 Ah bem dura he, porém bem he fermosa.

XXX.

E Ste peito, que está de fogo cheo,
 Como aos olhos me vay tanta agoa dando?
 Ou como a não pod'ella yr apagando?
 Que segredo d'Amor, que novo enleo?
Eu que o padeço só, o entendo, e creio.
 Está Amor com agoa o fogo temperando,
 Hum contrario com outro sustentando,
 E entre duas mortes huma vida em meo.
Desta arte usa Amor com quem está quedo,
 Vendo o bem, que deseja; mas quem parte
 A alma, partindo donde deixa a vida,
Ou em cinza o fará o fogo cedo,
 Ou em lagrimas a alma derretida
 Vencerá sua pena, e do Amor arte.

XXXI.

EM dia escuro, e triste fui lançado
 Dos Ceos na terra tam pesadamente,
 Que vendo ao longe o sprito o mal presente,
 Eu logo de mim mesmo fuy chorado.
 Em lagrymas nasci, a ellas fui dado:
 Nellas passei minha idade innocente.
 Tanto ha, que historia triste sou a gente!
 Tanto ha, qu'o Ceo espero ver mudado!
 Hum grande bem a quem não custou muito?
 A quem foy dada tão ditosa sorte,
 A que o mal não coubesse por medida?
 Não eram minhas lagrymas sem fruto,
 Pois por vós eram, nem o será a morte,
 Que mais doce he por vós, que sem vós vida.

XXXII.

SE meu desejo só he sempre ver-vos,
 Que causará, senhora, qu'em vos vendo,
 Assi m'encolho logo, e arrependo,
 Que falgaria então poder esquecer-vos?
 Se minha gloria só he sempre ter-vos
 No pensamento meu, porque em querendo
 Cuidar em vós, se vay entristecendo?
 Nem ousa meu sprito em si deter-vos?
 Se por vós só a vida estimo, e quero,
 Como por vós a morte só desejo?
 Quem achará em taes contrarios meo?
 Não sey entender o que em mim mesmo vejo.
 Mas que tudo he amor, entendo, e creio,
 E no qu'entendo, e creio, nisso espero.

XXXIII.

EU vi em vossos olhos novo lume,
 Qu'apartando dos meus a nevoa escura,
 Víram outra escondida fermosura,
 Fóra da sorte, e do geral costume.
 Em vão seu arco Amor armar presume:
 Que esse alto sprito, essa constancia dura
 A outro mais alto Amor guarda a fé pura,
 Em mais divino fogo se consume.
 Nesta desconfiança inda s'acende,
 Em mim hum vão desejo de aprazer-vos,
 E pera isso só busco ingenho, e arte.
 Senhora que al fará quem chega a ver-vos
 (Ja qu'ó desejo a mais senão estende)
 Que dar-vos de su'alma toda parte?

XXXIIII.

DOce Amor novo meu tambem tomado,
 Quando será o tam ditoso dia,
 Que dos enganos livre em que vivia,
 Me veja em ti de todo foflegado?
 Quando será, que tendo triumphado
 Do que tam cegamente me vencia,
 O mal, que tanto d'antes me aprazia,
 Em verdadeiro bem veja mudado?
 Amor doce, qu'em mim de novo crias
 Novo desejo, novo sprito, e santo
 Illustrado de hum novo lume raro;
 Guia-me áquelle fim, que m'escondias,
 Muda esta minha noite em dia claro,
 Levantarey em teu nome alegre canto.

XXXV.

N Aõ lagrymas fingidas, não de cores
 Falsas o rosto tinto, não cortadas
 As palavras por arte, nem pintadas
 Em versos ingenhosos falsas dores,
 Nem nomes vaõs do Amor, e dos Amores,
 Nem mágoas da só boca bem choradas,
 Nem leves esperanças mal tomadas,
 Nem apos fogos vaõs, mil vaõs tremores,
 Mas verdadeiro, puro, casto, e santo
 Amor cantando vou, qual n'alma escondo,
 Qual o Mundo terá por seu exemplo.
 E aquelle raro sprito, qu'eu contemplo,
 Levantando me irá meu baixo canto,
 Limando o rude, e no que falta, pondo:

XXXVI.

Q Uando vos vi, senhora, vi tão alto
 Estar meu bem, que logo ali em vos vendo,
 O achei juntamente, e fuy perdendo,
 Ficando num momento rico, e falso.
 E tal foy de vos ver o sobrefalto,
 Qu'os olhos outra vez a vós erguendo,
 Senti a vista, e sprito yr falecendo,
 Quando me olhei, e vi posto tão alto.
 Ficou de sua prisão a alma tão leda,
 E os olhos de vos verem tão soberbos,
 Que toda outra cousa desprezárão.
 Não os tenho já mais, que pera ver-vos.
 Tudo mais lhes defende Amor, e veda.
 E elles que al verão, pois vos oihãram?

XXXVII.

VAlles, ferras, e montes, bosques, prados,
 Arvores, hervas, sombras, folhas, flores,
 Aves, agoas, e Nymphas, e Pastores,
 Que do meu claro Sol sois illustrados,
Em meus versos sereis sempre cantados.
 Sempre das Musas, sempre dos amores
 Ouvireis o som doce nos louvores
 D'aquella, que venceo estrellas, e fados.
Eu digo aquella ao Mundo dos Ceos dada,
 Exemplo de sanctissimos costumes,
 Rara em saber, e rara em fermosura,
Que com a luz dos seus dous claros lumes
 Minh'alma me illustrou, dantes escura,
 Dina de em toda lingua ser cantada.

XXXVIII.

Quando eu vejo fair a menham clara
 Nos olhos dia, as faces neve, e rosas,
 Afugentando a sombra, qu'as fermosas
 Cores do campo, e Ceo d'antes roubára;
E quando a branca Delia a noite aclara,
 E traz nos brancos cornos as lumiosas
 Estrellas, serenando as tempestosas
 Nuvés, qu'o grosso humor nos Ceos juntára;
Tal he, digo comigo, a clara estrella,
 Que minh'alma me encheo doutra luz nova,
 E meus olhos abrio ao que não viam.
Assi me leva a vida, e ma renova,
 Assi as vás sombras, que antes m'escondiam
 O claro Ceo, fugindo vão ante ella.

XXXIX.

V Ay minh'alma cansada a vós, buscando,
 Como de tempestade, hum porto manso,
 E acha em vossos olhos feu descanso,
 Onde está ardendo em fogo doce, e brando.
 Ali todo meu bem se me está dando,
 Ali vivo, me estendo, ali descanso,
 Nem me doe dor, nem no trabalho canso,
 Ali meus dias lédo estou contando.
 Cantada seja sempre a ditosa hora,
 Que se acendeo em mim tam doce fogo,
 Que então deleita mais, quando mais arde.
 Ouvido foi dos Ceos meu sancto rogo:
 Mais pois mais piedade inda lá mora,
 Dure est'amor, e junto acabe tarde.

XL.

T Em m'Amor preso em hũas redes d'ouro,
 Mais que as de Vulcano artificiosas,
 Que quanto mais estreitas, mais forçosas,
 Mais docemente nellas vivo, e inouro.
 Achei, onde perdi me, o meu thesouro;
 E vi minhas cadêas tão fermosas,
 Que inveja estão fazendo ás gloriosas
 Coroas triumphaes de Palma, e Louro.
 Triumphem lá os grandes vencedores,
 Mostrem inimigos mortos, outros vivos,
 Cheos soberbamente de sua fama:
 Eu os meus olhos de vós sô cativos,
 Eu as minhas prisoês, e a minha chãma;
 Eu mostrarei ao Mundo os meus amores.

XLI.

Despois qu'o meu sprito, então só claro,
 Quando enxergou em vós o fogo puro,
 Em que docemente arde, em tanto escuro,
 Soube assi descobrir dos Ceos hum pharo;
 Despois que nesse sprito ao Mundo raro
 O meu se transformou, e o cego, e duro
 Tyranno, que me vio posto em seguro,
 Deixou armas, e Reyno em desemparo,
 Eu fiquei tam soberbo triumphando,
 Que sacodido o jugo, as prisoês rotas,
 Gritei a grandes vozes: liberdade.
 Aqui de vontade arço em fogo brando,
 Aqui está bom amor, aqui verdade.
 Aqui ficam do imigo as armas botas.

XLII.

Daquella vista, de que se mantinham
 Meus olhos, e minh'alma assi apartado,
 Nem o dourado Sol, nem o Ceo estrellado
 Tem pera mim a graça, qu'antes tinham.
 Aquelles meus amores, que hiam, e vinhã
 Repartindo seu fogo em cada lado,
 De qu'o meu novo amor, doce cuidado
 Em prazer amoroso se fofinham,
 E aquella tam viva fermosura,
 De que os meus olhos lá senão fartavam,
 E alma enchia d'amor, e de brandura,
 E quanto de meus bês cá me figura
 Minha doce lembrança, e me lá davam
 Vida contente, me dão morte dura.

XLIII.

TEjo triumphador do claro Oriente,
 Que Nilo, e Ganges por senhor conhecem,
 Téjo de areas d'ouro, onde florecem
 Pales, Pomona, e Flora eternamente;
 Tu levas, onde eu fico, tua corrente,
 Se saudosas lagrymas merecem
 (Pois tanto com ellas tuas agoas crecem)
 Piedade, em ti as recolhe brandamente:
 E antes qu'ao mar pagues seu direito,
 A destra mão da tua praya hum monte
 Com graciosa soberba se levanta;
 Ali fiquei ao meu amor fugeito.
 Ali tuas agoas parte, e mostra tanta
 Destes meus olhos, quanta da tua fonte.

XLIIII.

OS dias conto, e cada hora, e momento,
 Qu'alongando-me vou dos meus amores,
 Nas arvores, nas pedras, hervas, flores
 Parece que acho mágoa, e sentimento.
 As aves, que no ar voam, o Sol, e o vento,
 Montes, rios, e gados, e Pastores,
 As estradas, e os campos mostram as dores
 Da minha saudade, e apartamento.
 E quanto m'era lá doce, e suave
 Mais triste, e duro Amor cá mo apresenta,
 A que entreguei da minha vida a chave.
 Em lagrymas força he qu'as faces lave,
 Ou que não sinta a dor, que na tormenta
 Memoria da bonança faz mais grave.

XLV.

A Quellas olhos, qu'eu deixei chorando,
 Cujas fermosas lagrymas bebia
 Amor, com as fuas tendo companhia,
 Ante os meus se me vão representando.
 Os faudosos suspiros, qu'arrancando
 Duas almas, em qu'hũa troca Amor fazia,
 Qu'a que ficava, era a que partia,
 E a que hia, a ficava acompanhando,
 Aquellas brandas, m'pronunciadas
 Palavras da fauda e da bebida
 Entre lagrymas e quebras, e quebradas,
 E aquellas alegrias esperadas
 Da boa tornada, já antes da partida,
 Vivas as trago, não representadas.

XLVI.

A Ti torno, Mondego claro rio,
 Com outr'alma, outros olhos, e outra vida:
 Que foy de tanta lagryma perdida,
 Quanta em ti me levou hum desvario?
 Quando eu co resto descorado, e frio
 Soltava a voz chorosa, e nunca ouvida
 Daquella mais que Serra endurecida,
 A cuja lembrança inda tremo, e esfrio.
 Doc'engano d'Amor! que m'escondia
 Debaixo de vãs sombras, que paísaram
 Outro ditoso fim, qu'alma já via.
 Já á minha noite amanheceo hum dia,
 Já rim os olhos, que tanto choráram;
 Já repouso em boa paz, boa alegria.

XLVII.

EU vejo inda aqui os finaes das agoas,
 Que minh'alma estilou em vivo fogo,
 Quando eu trazido ao vento em leve jogo
 Fazia soar ao longe minhas mágoas.
 Inda o ardor daquellas vivas fragoas,
 Inda a dureza ao piadoso rogo
 Se me figura, e vejo do meu fogo
 Acesas yr correndo as manfas agoas.
 Inda daquelles tristes meus gemidos
 Húa voz ficou de todo não desfeita,
 Sendo a cinza do fogo já apagada.
 Mercê de Deos! que hũ'alma tão fogueita
 A vãos cuidados, dias tam perdidos,
 Refez nũa hora bemaventurada.

XLVIII.

QUando se envolve o Ceo, o dia escurece,
 Assopra o bravo vento, o alto mar geme,
 O Sol se nos esconde, a terra treme,
 Trovoa a noite, o rayo resplandece,
 Eu olho áquella parte, onde esclarece
 Hum Sol, qu'eu vejo só, e elle só vê-me;
 E com sua luz, em quanto o Mundo teme,
 De lá m'alegra o sprito, e fortalece.
 Meu perpetuo verão, meu claro Oriente,
 Donde o dia me vem, donde douradas
 Vejo as nuvês correr, os Ceos fermosos!
 Ditosas aves, a que foram dadas
 Pènnas, ditosa a terra, a que he presente
 A luz destes meus olhos saudosos!

XLIX.

Vou de suspiros todo est'ar enchendo,
 Vou a terra de lagrymas regando,
 Mais agoa aos rios, mais ás fontes dando,
 E com meu fogo em tudo fogo acendo.
E quando os olhos meus, senhora, estendo
 Para onde o Amor, e vós m'estais chamando,
 As altas ferras, em qu'os vou quebrando,
 Da vista me tolher s'estão doendo.
Mas nisto acode Amor, que sempre voa;
 Eu pelas asas, eu pelo arco o tenho,
 Té me levar consigo onde desejo.
E jurarey, senhora, que vos vejo.
 Jurarey qu'essa doce voz me foa:
 Nesta imaginação só me sostenho.

L.

A Ssi da fonte cristalina, e pura,
 Meu Rio, a tua clara agoa a vea enchendo,
 Sempre igual, sempre doce, e sem mistura,
 Que a turve, té o mar largo vá correndo,
Assi canto de Amor, e de brandura
 Sempre aqui o caminhante estê detendo,
 Em ti se banhe, e pife tua verdura
 Marilia, e as brancas flores vá colhendo;
Que as lagrymas saudosas, que derramo,
 Num vidro de cristal, contra corrente,
 Que trazes, mandes lá a tua fresca praya.
E á mais branca tua, Nimpha as apresente
 Nas brancas mãos, de quem me ama, e amo.
 (Isto cortava Alcippo nũa alta Faya)

L I.

QUantos suspiros, triste, e quam compridos
 Ardendo vejo vir dentro a meu peito
 Daquella doce parte, onde eu desfeito
 Em lagrymas fiquey todo, e em gemidos!
Vereis em agoa hús olhos consumidos
 Messageiros de Amor não contrafeito,
 A alma achareis lá, se do direito
 Caminho, não viestes mal perdidos.
Tornai-vos pois áquelle doce abrigo
 Do meu amor, donde assi em vão partistes,
 Ficando eu escondido lá em seu seo:
E dizei-lhe: Senhora, hús olhos tristes
 Vimos lá só chorar, sem fim, sem meo:
 Cá o tendes, cá buscay o vosso amigo.

L I I.

A Legra-me, e entristece a Real Cidade,
 Qu'ò Douro réga, e meus Sás ennobrecem
 Com as armas, e tropheos, que resplandecem,
 E resplandeceráõ em toda idade.
Isto me alegra. E faz-me saudade
 Vêr a ditosa terra, em que apparecem
 As rayzes de hũa planta, em que florecem
 Ferosura, saber, e alta bondade.
Aqui o tronco nasceo, que em toda parte
 Deu gloriosos ramos de honra, e gloria
 Nas armas, e esquadrões do fero Marte.
E por mais se illustrar sua clara historia,
 Daqui nasceo hũa Dama, em que tod'arte
 O Ceo pôs, eu vontade, alma, e memoria.

LIII.

QUando será que eu torne a ter diante
 Destes meus olhos o feu doce obgeito,
 A quem hum honesto Amor me fez fogeito?
 E qu'eu ante ella escreva, ant'ella cante?
 Nem tu, Amor, es composto de diamante.
 Nem eu de pedra tenho este meu peito,
 Que perto está d'em agoa ser desfeito,
 Se sprito algum não ha, que mo levante.
 Representas-me, Amor, as mais fermosas
 Lagrimas, antes perlas, que tu viste
 Sayr de hũs olhos de chorar indinos.
Qu'armas me dás tu, com que as forçosas
 Lembranças vencer possã, e os tam continos
 Golpes mortaes, que ferem hũa alma triste?

LIIII.

SE com vos vêr, senhora, assi lá ardia,
 Que com quanto essa vista m'abrandava
 Meu fogo, as mais das vezes esperava
 A morte, qu'ante vós de mim fugia;
Quanto pois contra vós cá erraria,
 Se a vida, qu'eu pera vos vêr guardava.
 E nesse doc'engano sustentava,
 Podesse, sem vos vêr, foster hum dia!
Tormento aos olhos he vêr outra cousa:
 Baixeza ao sprito ter outro cuidado;
 Nem mais desejar sabe, nem deseja.
Faça a fortuna bemaventurado
 O cobiçoso, qu'em nada repousa,
 Eu, se vos não vir, moura, ou logo veja.

L V.

A Que alçarey os olhos, pois não vejo
 Aquelles olhos, de que eu só vivia?
 Onde leda minh'alma se estendia,
 E onde repoufava o meu desejo.
 La vay meu sprito ardendo, agoas do Téjo,
 O triste corpo fica pedra fria,
 (Quanta tristeza custa hũa alegria!)
 Té me tornar o dia que eu desejo.
 Em tanto nestes valles, nestes montes
 Tam longas noites, e tão tristes dias,
 Cresceráõ com meu choro hervas, e flores.
 Quando olhos meus, olhos não já, mas fontes
 Tornareis vêr as vossas alegrias?
 Quando est'alma enchereis de seus amores?

L V I.

DO que em vós vi, senhora, me presenta
 Amor hũa imagem nova, e peregrina,
 De cuja luz guiado o sprito atina
 Saber-se cá salvar na sua tormenta.
 E os perigos vencer, com que me tenta
 A ausencia dessa vista, e voz divina,
 Claros sinaes de hũa alma dos Ceos dina,
 Que tanto delles cá nos representa!
 Escureceo-me o Sol, fugio-me o dia,
 Vencia já o espanto ao fraco sprito,
 Vendo os perigos, qu'eu já lá temia.
 Alcey a Amor hum piadoso grito:
 Elle me pôs em salvo, e deu por guia
 Quanto de vós deixou nest'alma escrito.

LVII.

QUando eu os olhos ergo áquella parte,
 Onde o meu novo Sol o dia aclara,
 E me vejo tam longe da luz clara,
 Que respandece em mais ditosa parte,
 A alma faudosa se m'arranca, e parte
 Lá onde a terra mais fermosa, e clara,
 Mais sereno o Ceo faz a vista clara,
 De que meu fado triste, e cruel me parte,
 Cansam os olhos, fica só o desejo
 Entre alias ferras, onde deixo escrito
 Em cada pedra, ou tronco o vossó nome.
 Ali ou vêr-vos, ou morrer desejo.
 Isto canta meu verso, e meu escrito.
 Nem quero outra memoria, ou outro nome.

LVIII.

QUando eu os olhos ergo áquelle rosto,
 Que faz á minha dor alegr'engano,
 Ditosa chamo a hora, o dia, e o ano,
 Que como cera estou ao fogo posto.
 Não mortal, não de humana arte composto,
 Nem he humana voz, nê sprito humano
 Isto, que eu ouço, e vejo, e do seu dano
 Fica a alma namorada á dor do gosto.
 Aquelle só momento, aquelle ponto,
 Que mais mouro, mais vivo: e aquelle dia
 Da minha morte só na vida conto.
 Oh meu só bem! ó minha só alegria;
 Se assi durasses! tudo tem seu conto,
 A vida foge, a morte está em espia.

S O N E T O I.

N Imphas do claro Almonda, em cujo seo
 Nasceo, e se criou a alma divina,
 Qu'hũ tempo andou dos Ceos cá peregrina,
 Já lá tornou mais rica, do que veo;
 Maria, da virtude firme esteo,
 Alma sancta, Real, de imperio dina
 A baixeza deixou, de qu'era indina,
 Ficou sem ella o Mundo escuro, e feo.
 Nymphas, que tam pouco ha, qu'os bõs amores
 Nossos cantastes cheas de alegria,
 Chorai a vossa perda, e minha mágoa.
 Não se cante entre vós já, nem se ria,
 Nem dê o monte herva, nem o prado flores,
 Nem dessa fonte mais corra clara agoa.

II.

O Alma pura, em quanto cá vivias,
 Alma lá onde vives já mais pura,
 Porque me desprezaste? quem tam dura
 Te tornou ao amor, que me devias?
 Isto era, o que mil vezes promettias,
 Em que minh'alma estava tam segura,
 Que ambos juntos hũa hora desta escura
 Noite nos soberia aos claros dias?
 Como em tam triste carcer me deixaste?
 Como pude eu sem mim deixar partir-te?
 Como vive este corpo sem sua alma?
 Ah que o caminho tu bem mo mostraste,
 Porque correste a gloriosa palma!
 Triste de quem não mereceo seguir-te.

III.

Despojo triste, corpo mal nascido,
 Escura prisaõ minha, e peso grave,
 Quando rota a cadêa, e volta a chave
 Me verey de ti solto, e bem remido?
 Quando co sprito pronto, aos Ceos erguido,
 (Despois que est'alma em lagrymas bem lave)
 Batendo as asas, como ligeira ave,
 Irei aos Ceos buscar meu bem perdido?
 Triste sombra mortal, e vam figura
 Do que ja fui hñs dias só fostida
 Daquelle sprito, por quem cá vivia,
 Quem te detem nesta prisaõ tam dura?
 Não viste a clara luz, a sancta guia
 Que te lá chama á verdadeira vida?

IIII.

Com que mágoa (ó Amor) com que tristeza
 Viste cerrar aquelles tam fermosos
 Olhos, onde vivias, poderosos
 D'abrandar com sua vista a mór dureza!
 Roubada nos he já nossa riqueza,
 Nossos cantos serão versos chorosos,
 E suspiros tristissimos, queixosos
 Da morte, que nos pôs em tal pobreza.
 Eu perdi o meu bem: tu, Amor, tua gloria.
 Eu o meu Sol: e tu teu doce fogo
 Honesto, e sancto ao Mundo, raro exemplo.
 Mas viva será sempre a alta memoria
 Daquelle, que nos Ceos viva contemplo,
 A quem humilde peço ouça meu rogo.

V.

A Quelle claro Sol, que me mostrava
 O caminho do Ceo mais chaó, mais certo,
 E com seu novo rayo ao longe, e ao perto
 Toda a sombra mortal m'afugentava;
 Deyxou a prisaõ triste, em que cá estava.
 Eu fiquey cego, e só co passo incerto,
 Perdido peregrino no deserto,
 A que faltou a guia, que o levava.
 Assi co sprito triste, o juizo escuro,
 Suas sanctas pisadas vou buscando,
 Por valles, e por campos, e por montes.
 Em toda parte a vejo, e a figuro.
 Ella me toma a maõ, e vay guiando.
 E meus olhos a seguem feitos fontes.

VI.

A Quella nunca vista fermosura,
 Aquella viva graça, e doce riso,
 Humilde gravidade, alto aviso,
 Mais divina, qu'humana Real brandura,
 Aquella alma innocente, e sabia, e pura,
 Qu'entre nós cá fazia hum parayso,
 Ante os olhos a trago, e lá a deviso
 No Ceo triumphar da morte, e sepultura.
 Pois por quem choro, triste? por quem chamo
 Sobre esta pedra dura a meus gemidos,
 Que nem me póde ouvir, nem me responde?
 Meus suspiros nos Ceos sejam ouvidos;
 E em quanto a clara vista se m'esconde,
 Seu despojo amarey, amey, e amo.

VII.

HUm tempo chorei lêdo co a esperança
 Doce, qu'ò brando Amor de si me dava,
 E quanto mais gemia, e suspirava,
 Mór era a minha bemaventurança.
 Agora nesta triste, e cruel mudança,
 Com que a morte de longe m'ameaçava,
 O meu prazer perdi, que bem lograva,
 Suspiro em vão polo que não s'alcança.
 Lagrymas bem choradas, bem devidas
 Ao desejo do bem, qu'inda que tarde,
 Softenta o sprito com seu doc'engano!
 Mas tristissimas lagrymas perdidas
 Tras hum bem, que fugio, e tras hum dano,
 Que remedio não deixa ou cedo, ou tarde!

VIII.

Quem póde ver hum coração tam triste?
 Quem hũa vida, que ha inveja á morte,
 Que se não doa, por mais duro, e forte,
 Do que tu (Morte) em mim fizeste, e viste?
 Se nunca o Amor t'offende, nem resiste,
 Antes desejam sempre hũa igual sorte
 Os que bem se amam, e qu'hũ golpe os corte,
 Porque hum tam doce amor, cruel, partiste?
 Mas tu não poderás, por mais que possas,
 Partir as almas, e os pensamentos,
 Qu'onde querem, se vem, s'amam, s'entendem,
 Triumpha agora destas cinzas nossas,
 Qu'inda juntas ao sprito altos assentos
 Terão, onde tuas forças não s'estendam.

I X.

CO alma nos Ceos pronta, o sprito inteiro,
 Leve o sembrante, a vista graciosa,
 Aquella, antes da morte, já gloriosa
 Esperava o combate derradeiro.
 De sancta fé armada, e verdadeiro
 Amor divino, venceo a espantosa
 Morre, que nella pareceo fermosa,
 E nova estrella a fez no Ceo terceiro.
 E tomando-me a mão leda, e risonha
 Meu doce amigo (diz) vinda he minh'hora,
 Quem nos assi cá atou, soltou o nó.
 Quem mais cuida que vive, esse mais sonha. —
 Lá onde se não geme, nem se chora,
 T'amara mais est'alma, o corpo he pó.

X.

Qual bom Planeta, qual boa estrella, ou fino
 Invocarei? qual sprito piadoso,
 Que incurte este desterro saudoso,
 Que me faz ser no Mundo peregrino?
 Onde eu os olhos claros, e o divino
 Rosto via, onde ouvia o deleitoso
 Som da voz branda, qu'em tão amoroso
 Fogo m'inflamma, de qu'eu só fui dino,
 Ali he minha vida, e a minha terra.
 Ali se fatisfaz alma, e desejo.
 Ali todo meu bem se m'offerece.
 Em toda outra parte acho odio, e guerra.
 Em toda a parte o Sol se m'escutece.
 E fogo, e morte vejo, em quanto vejo.

XI.

E Stas cinzas aqui chorando encerra
 (Amor) d'hũa chãma , que cá ardeo mais pura
 Num peito humano , a que foi tam dura
 A Morte , qu'ante tempo lhe fez guerra.
Cega , e cruel ! que contra si mesma erra.
 Quando apagar cuidou a fermosura
 Do Mundo , então a parte mais segura
 A subio , donde mais aclara a terra.
Quem vir estes despojos faudosos
 Do triste Alcippo , pera sempre triste ,
 Lagrymas , e suspiros daqui leve.
E sejam , diga , a Alcipo os Ceos piadosos:
 Seja ao fermoso corpo a terra leve.
 Tu dá do sprito ao Mundo a fé , que viste.

DE D. SIMAM DA SYLVEIRA.

XII.

Sepultado em tristeza , em dor , em pranto ,
 Esquecido das Musas , e de ti
 Te vejo sem alegria estar assi ,
 Como aquelle , a que deu pasmo , e espanto:
Vejo a casa , em que estás , de cada canto
 Tremer , vejo-a chorar , vejo daqui
 Esse rio , esse monte , o Ceo por ti
 Cuberto estar de negro , e escuro manto.
Não reyne , Antonio , em ti tal desatino.
 Deixa lagrymas vás , poem fim ás dores ,
 Asserena o sembrante , triste , e escuro.
Enche teu peito suave , e peregrino
 D'outro desejo mais saõ , d'outros amores ,
 Com que em ti , sem temer , vivas seguro.

A D. SIMAM DA SYLVEIRA.

XIII.

DEsfeito o sprito em vento, o corpo em prauo,
 Tam poderosamente fui de ti
 Chamado, que tornei, Simão, assi
 Como da morte á vida, em novo espanto.
 Ergueste, doce Orpheo, co teu bom canto
 Hum sprito morto, a cujo som daqui
 S'alçou todo ar escuro, e só por ti
 Rompi d'alta tristeza o grosso manto.
 Foi remedio a meu mal, meu desatino:
 Fugio o juizo, deu lugar as dores,
 Que já me tinham junto ao reyno escuro.
 Andou o sprito hum tempo peregrino
 Buscando entre vás sombras seus amores,
 Tu mo tornaste agora em bom seguro.

XIIII.

VAy novo Sol esclarecer o dia
 Lá onde elle s'esconde, e s'escurece,
 Vay nova Lua lá, onde anoitece,
 Dar luz á terra, e aos olhos alegria.
 Vay branca Diana com tua companhia,
 A cuja vista o campo reverdece,
 Dar novo preço á terra, qu'enriquece
 Contigo, e pera ti suas flores cria.
 Esperando t'está o dourado Téjo,
 E suas fermosas Nymphas, que temperam
 Nos teus louvores, os seus instrumentos.
 Vay alegrar as almas, que t'esperam,
 E todo seu amor, e seu desejo
 Tem polto só nos teus contentamentos.

XV.

R Ey bemaventurado, este he o dia,
 Que quatorze annos ha, qu'o Mundo espera
 Desdo teu Téjo, á Oriental esphéra,
 E da Zona torrada, á Zona fria;
 Quando outra nova luz, nova alegria,
 Quai no teu nascimento o Sol já déra,
 Veremos na dourada, e ditosa era
 Da tua tam esperada Monarchia.
 Benigno o Ceo t'está, obediente a terra,
 Abraçan-se entre si Justiça, e Paz,
 Qu'a ti, buscando abrigo, vem fugindo.
 Erguendo a Christam Fé, que fraca jaz,
 Aos teus igual justiça repartindo,
 Terás sempre paz sancta, ou sancta guerra.

XVI.

S E saber, fermosura, e Real estado,
 Pureza d'alma, e limpa castidade,
 S'hum desprezo da gloria, e vaydade
 Do Mundo assi esquecido, e sopeado,
 S'hum viver contente, e descansado,
 Fundado em fé, esperança, e charidade,
 S'em tão alto lugar, baixa humildade
 Se hum sprito nos Ceos todo enlevado
 Podéram fazer bemaventurada
 Neste Mundo, e no outro húa creatura,
 Nós na terra, e nos Ceos te coroamos.
 De Deos será tua alma festejada.
 De nós honrada tua sepultura,
 De que grandes milagres esperamos.

XVII.

Que Apelles, que Lyfippos poderiam
 Pintar, ou esculpir essas figuras
 O Principes divinos? que pinturas
 A tanto dom de Deos responderiam?
 Que ingenhos dos antigos bastariam,
 (Já que não bastam cores, nem esculpturas)
 Escrever-vos? que pedras, por mais duras,
 A vossos nomes não se abrandariam?
 As arvores, as pedras, os metais,
 As cores, e as tintas vos desejam,
 Os livros, todo Mundo, e os Ceos mais.
 Vós os olhos, e ingenhos nos cegais,
 Com esse resplendor; os Ceos vos vejam,
 Elles vos louvem, e façam immortais.

XVIII.

A Jupiter tres Deosas se queixáram,
 Vendo de Vrenha a tam fermosa planta.
 Não he minha honra, nem riqueza tanta
 (Diz Juno) pois no Mundo igual me acháram.
 Nem eu sou só, a que tanto celebráram,
 (Se queixa Pallas casta, sabia, e santa)
 Pois hũa Madalena se levanta,
 Em quem todos meus dões os Ceos juntáram.
 Eu fora (dizia Venus) mais queixosa,
 Se quem venceo a minha fermosura,
 Nem vira de meu filho tão vencida.
 Sofrei (Jupiter diz) suã ventura,
 Pois eu soffro a ventura mais ditosa
 De Jorge, a quem dos Ceos foy concedida.

XIX.

Clarissimo Marquez, em cujo sprito
 Novo lume de gloria resplandece,
 S'a viva chamma, que já em ti parece,
 Igual fosse meu verso, e meu escrito,
 Tu serias, senhor, cantado, e dito
 Grande entre aquelles, a que Apollo tece
 Gloriosa corôa, e a que offerece
 De seus nomes a fama hñ alto grito.
 Mas em quanto eu desejo mór alteza
 A meu ingenho desigual ao peso,
 Tu conserva tua vida, e tua saúde.
 E levanta esse peito a alta grandeza
 Da viva gloria, da viva virtude,
 Qu'o templo te abrirá a outros defeso.

XX.

EU vejo arder teu peito em nova gloria,
 Clarissimo Dom Pedro, mal contente
 De não largar já as pennas altamente,
 Onde te chama a tua clara historia.
 Por ti florecerá a alta memoria
 De teus grandes avós, e o rayo ardente,
 Que em ti s'esconde, nova luz á gente
 Trairá na paz, na guerra, e na victoria.
 Sossega teu sprito em tanto, e espera
 Tempo, senhor, que não tardará muito,
 Em que mostres ao Mundo, o que eu já vejo.
 Tu verás das tuas obras o alto fruto,
 Eu cingirei por ti as fronte d'Hera,
 Se igual nascer meu verso a meu desejo.

XXI.

E Screve Dom Diogo, escreve, e canta
 No meo dos trabalhos mais constante,
 Ousado vay contra a fortuna avante,
 Qu'ella te próva, e ella te levanta.
 Que poder averá, que força tanta
 Contra esse peito armado de diamante,
 Que nelle se não rompa? e não quebrante
 A fortuna, que já de ti s'espanta:
 Canta, pois tu cantando és tam cantado,
 Apollo se te inclina, Amor s'abranda.
 E teu nome mais cresce cada dia.
 Seguro pelo Mundo corre, e anda.
 Que não podes ser nelle desterrado,
 Antes sem ti desterro elle feria.

XXII.

C Horas, Antonio: e levam Lima, e Douró
 Com as suas, as tuas lagrymas, vamente
 Chamando aquella, que resplandecente
 Mostrando está dos Ceos o seu thesouro.
 D'outra neve vestida já, e d'outro ouro,
 Qual não vê, nem comprende a cega gente,
 Despreza essas vás lagrymas contente
 Co a gloriosa palma, e immortal louro.
 O alma bem nascida, que mostrada
 Ao Mundo foste só por nosso espanto,
 Inda esses breves dias te devenos.
 Andaste cá esse tempo aos Ceos roubada.
 Deven-se a mortos lagrymas, e pranto.
 Nos viva çntre Anjos Angela cantemos.

XXIII.

EM quanto tu lá, Andrade, os votos santos
 Pagas pola faude da irman santa,
 E ella á máy de Deos mil hymnos canta,
 E tu ao filho, e á máy compoês mil cantos:
E quantos passos lá cos pés daes, tantos
 Degrãos ergueis a casa, onde luz tanta
 Resplandece, que cega, offende, e espanta
 Os que de lá cahíram em fogo, e em prantos.
Eu co sprito inquieto aos Ceos suspiro
 D'hum Sol ao outro, d'hũa a outra sombra,
 Em saudoso pranto, em brando rogo,
 Que deste duro jugo, que hora tiro,
 Livre hũ'hora ao Sol claro, a doce sombra
 Me veja arder quieto em sancto fogo.

XXIIII.

EM duas partes deixei lá partida
 Minh'alma saudosa, Amor o sabe,
 E vós, senhor, aqu'igual parte cabe,
 E sempre caberá dest'alma, e vida.
Nem viva eu mais, qu'em quanto conhecida
 Esta verdade faça, então acabe;
 E se mais quer, ou desejar mais sabe
 Minha vontade, nunca seja crida.
Por vós suspiro, e polo claro lume
 D'hum novo Sol, que lá dá luz ao dia,
 E por nórtte tomey do meu bom porto.
Já lá cuidava quando tornaria:
 Pois entre nós por força, e por costume
 Il nostro esser insieme è raro, e corto.

XXV.

Bernardes, cujo sprito Apollo inspira,
 Volve teu doce canto a mim mal dado
 Ao grande objecto teu, que levantado
 Por ti será a alta gloria, a que já aspira.
 Inda onde quer qu'está, chora, e suspira
 O triste Iffante em ver tão mal chorado
 Seu doce amor, de que cá tam magoado
 Não fartou d'agoa os olhos, peito de ira.
 Isto só pede aos Ceos, qu'inda da terra,
 Qu'a sua cinza esconde, hum rayo claro
 Nova luz traga á sua sepultura;
 E aclare a nuvem, que nos cobre, e cerra
 Aquella mal chorada fermosura,
 Tam digna do amor seu no Mundo raro.

XXVI.

Limiano, tu ao som do claro Lima
 Inda por ti mais claro á sombra fria
 A branca Nimpha, que te deu por guia
 Amor, fazes soar na doce rima.
 E em quanto cantas, flores mil de cima
 Derrama Cytherca, e hum Louro cria
 Para as tuas fronte Phebo, e em companhia
 D'outros, teu nome leva já a outro clima.
 Eu mudo, e triste, em lagrymas banhado
 Vou gastando a alma em esperar hũa hora,
 Que minha cruel sorte está detendo.
 Então solto, então livre, e a mim tornado,
 Teu brando som iria o meu regendo:
 Em tanto teu bem canta, e meu mal chóra.

XXVII.

V Incio, eu vejo do Oriente a clara
 Venus lançar em ti seus mais fermosos
 Rayos, e ledo o pay os amorosos
 Olhos tem postos em sua filha chara:
 Vejo que minha estrella o ar aclara,
 O Ceo serena, ao Sol dá mais lustrosos
 Rayos de luz, a mim os piadosos
 Olhos só cerra de sua luz avara.
 Ditoso tu, ditosa a dourada hora,
 Que te vio cá nascer, e assi t'encheo
 De todo bem, que se do Ceo deseja!
 Eu que direy de mim? ditoso seja
 Quem a tam alta luz olhos erguco,
 E ditosa a alma, qu'a suspira, e chora.

XXVIII.

N Um concavo penedo, onde quebravam
 Sua mor força as ondas furiosas,
 Dous brandos nomes de duas mais fermosas
 Nymphas Lilia, e Celia se cortavam.
 Abrindo a pedra as letras, aclaravam
 As nuvens, brandos ares amorosas
 Virações spirando, as mais irosas
 Ondas naquella parte affossavam.
 Ao pé dos doces nomes, que cortáram
 Aonio, e Vincio em immortal memoria,
 Seus nomes, e estes versos escrevêram;
 Em duas aqui quatro almas se juntáram:
 Aqui porto quieto as ondas deram,
 Lilia, e Celia a Amor honra, ao Mundo gloria.

XXX.

Gloriosos spritos coroados
 Dos louros immortaes, que cá ganhastes,
 Quando co claro sangue bem comprastes
 Effes assentos, que vos lá são dados.
 Tam dinos d'entre nós serdes cantados!
 Em quanto a clara fama, que deixastes,
 Igual trombeta, e voz cá não achastes,
 Estaveis como em Lethe sepultados.
 Eis que já vos nasceo hum novo sprito,
 De cuja voz fereis no Mundo ouvidos,
 Por cuja mão sayreis da sepultura.
 Duas vidas, dous lumes concedidos
 Vos são, de que alça a fama immortal grito,
 Vida no verso, vida na pintura.

XXXI.

OS qu'a fortuna Deosa sua faziam,
 E por mór Deosa nos Ceos a assentavam,
 Est'honra, este vão titulo lhe davam,
 Porque de suas mudanças se temiam.
 Mas aquelles, que della não pendiam
 Em vez de a adorarem, lhe pisavam
 Cos pés sua fraca roda, e desprezavam
 A falsa divindade, em que não criam.
 Quanto será de ti mais desprezada,
 Felicissimo João, que dos Ceos certo
 Tens premio igual aos dotes, que te deram!
 Seguro premio, não vario, ou incerto,
 Como os que da fortuna outros tiveram,
 Qu'a ti não póde dar, nem tirar nada.

XXXII.

QUanto d'Amor se póde humanamente
 Sentir, tu o sentes, ou cantar, tu o cantas
 Salicio: e em quanto a doce voz levantas
 Tudo arde em fogo, em tudo amor se sente.
 Só Flerida, e Amor a ella obediente
 Ao vivo fogo teu, lagrymas tantas,
 Aos grandes versos, cõ qu'o Mundo espantas,
 Olhos, e ouvidos cerram cruelmente.
 Por ventura qu'em quanto á estrangeira
 Lingua entregas teus doces accentos,
 Não he tua voz com tanto effeito ouvida.
 Dá pois á dor sua lingua verdadeira,
 Dá os naturaes súpiros teus aos ventos,
 Por ventura será tua dor mais crida.

XXXIII.

ALma innocente, que teu véo despindo
 Solta desta prisaõ estreita, e escura,
 Vestida já da eterna fermosura
 Esse espaçoso Ceo andas medindo,
 Ditosa, que tambem folte fugindo
 Do que mais nos engana, e menos dura,
 E vives já sem fim leda, e segura,
 De nossas sombras vãs piadosa rindo.
 Quam bem atalhaste á tua verde idade
 Meu Betancor! assi o merecia
 Esse divino sprito aos Ceos nascido.
 Meu amor chorará tua saudade;
 Mas ditoso em meus versos será lido
 O teu primeiro, e derradeiro dia.

Na antiga lingua Portugueſa.

XXXIIII.

BOm Vasco de Lobeira, e de grá ſem,
 De práo que vos aveades bem contado
 O feito d'Amadis o namorado,
 Sem quedar ende por contar hirem.
 E tanto nos aprougue, e a tambem,
 Que vós ſeredes ſempre ende loado,
 E entre os homes bós por bom mentado,
 Que vos leráo adeante, e que hora lem.
 Mais porque vós fizestes a fremoſa
 Brioranja amar endoado hu nom amarom,
 Eſto cambade, e compra ſa vontade.
 Cá eu hei grá dó de aver queixofa,
 Por ſa gram fremofura, e ſa bondade.
 E er porque ó fim amor nom lho pagarom.

XXXV.

VInha amor pelo campo trebellhando
 Com ſa fremoſa madre, e ſas donzellas,
 El rindo, e cheo de ledice entre ellas,
 Já de arco, e de ſas ſetas non curando.
 Brioranja ahi a fazom ſia pensando
 Na grá coita, que ella ha, e vendo aquellas
 Setas de Amor, filha em ſa mão húa dellas,
 E metea no arco, e vay-ſe andando.
 Deshi volveo o roſtro hu Amor ſia,
 Er, diſſe, ay traydor, que me has fallido;
 Eu prenderey de ti crua vendíta.
 Largou a mão, quedou Amor ferido,
 E catando a ſa ſeftra, endoado grita:
 Ay merce, a Brioranja, que fugia.

XXXVI.

Solitario, que segues tam contente
 O caminho mais arduo, que nos guia.
 Da nossa escura noite áquelle dia,
 Em que vive tam clara a immortal gente;
 Esperta este meu sono, em que dormente
 Tive tégora est'alma, se me guia,
 Por onde eu suba aos Ceos, qu'antes não via,
 De mim mesmo enganado cegamente.
 Escuro, triste, morto, e mal vivido
 Tempo, de mágoa, e de arrependimento,
 Gastado em vãos desejos, vãos cuidados!
 Já achou meu vago sprito seu assento:
 Sejam ou esquecidos, ou chorados
 Os tristes dias, em que andei perdido.

XXXVII.

Despois de cinco lustros já aquella hora,
 Qu'ao Mundo me mostrou em noite escura,
 Me torna a quarta vez, e com brandura
 Do máo planeta me defende agora;
 Tempo he, que hñ'alma, que já ha tanto chora,
 Vos mova a mágoa, ó clara fermosura,
 Qu'os Ceos ornais, e tendes a escriptura
 De quanto cá s'espera, e quanto mora.
 Tu do Mundo grã Pay, tu poderoso
 Rey d'estrellas, e Ceos est'alma guia
 A ti seu alto fim, por ti criada.
 Por ti se movem os Ceos, por ti o dia
 Nos nasce: aquelle só será ditoso,
 Que sem ti não espera, nem crê nada.

XXXVIII.

E Is o mar, eis o vento, espanto, e medo
 Aos tristes navegantes, cruel morte
 Em tod'a parte mostram, ali o mais forte
 Quer, por não ver mais mal, morrer mais cedo.
 Quando aquelle poder, que firme, e quedo
 Tem seu eterno imperio, a triste forte
 Num ponto muda, e guia a não, qu'a porte
 Em salvo pelo mar, que abre co dedo.
 Vence o prazer ao medo, torna a vida
 Como furtada a morte, novo Ceo
 Parece, e novo Sol, e novo dia.
 Assi hñ'alma enganada, que perdida
 Anda em tão alto mar, de escuro véo
 Cuberta, tu alto Deos me aclara, e guia.

XXXIX.

O Nde m'esconderey, Senhor, de ti?
 Temet'est'alma recebida em vão.
 Estes meus olhos como te verão,
 Pois meu triste peccado te pôs hi?
 Oh Senhor piadoso que não vi,
 Nem vejo ind'atégora, estend'a mão,
 Da-m'a estes olhos luz, e hum coração
 De carne, que de pedra foy téqui.
 Ovelha sou, Senhor, qu'ando perdida,
 Ingrato filho fuy, que mal gastei
 Os talentos da graça, que me déste;
 Mas se me tu buscares, tornarey.
 Busca-me com tua graça, pois quiseste
 Morrer assi na Cruz por dar-me vida.

XL.

A Esta lapa vimos, Virgem santa,
 Humildes, e devotos peregrinos;
 Que os olhos sejam de te ver indinos,
 Ver o que o Mundo todo alegra, e espanta,
 E que a pureza em nós não seja tanta,
 Tua graça nos fará, Senhora, dinos
 De ouvires nossos versos, nossos hynos,
 Que cada alma fiel te offrece, e canta.
 Grandes são teus poderes, tuas grandezas.
 Novos sinaes, Senhora, não esperamos.
 Despois de Deos, de ti tudo mais cremos.
 Alimpa em nossas almas suas torpezas.
 Desfaze as nevoas, com que nos cegamos:
 E estes grandes milagres cantaremos.

XLI.

A Njo enviado áparelhar as vias
 Do Cordeiro de Deos por ti mostrado,
 Que no ventre da Mãy sanctificado
 No ventre de sua Mãy já conhecias,
 Declarador d'antigas profecias,
 Mais que profeta de Deos tam louvado,
 De quem o mesmo Deos foy bautifado,
 Luz clara, que todo homem alumias.
 Aquella tua voz sancta, que soava
 No deserto, grã João, a penitencia,
 De tua vida innocente, o sangue, e a morte
 Criem em minh'alma hũa nova innocencia
 Sancto zelo, amor firme, animo forte,
 Com que figa tua luz, que aos Ceos guiava.

XLII.

A Guia divina, que tam altamente
 De Deos guiada álem dos Ceos voaste;
 Donde os môres segredos nos mostraste,
 Qu'escondidos estavam á cega gente:
 Com teu rayo de luz resplandecente
 O Mundo escuro, e triste alumiaſte,
 E quanto lá de Deos, em Deos achaste,
 Por ti o Mundo o confessa, o crê, e o sente.
 Tu no peito de Deos adormeceſte.
 Tu só foſte por filho a ſua máy dado,
 Mil coroas de gloria mereceſte.
 Discipulo de Deos o mais amado,
 Deſſe divino fogo, em que tu ardeſte,
 Seja eſte ſprito meu ſempre inflâmado.

XLIII.

Diante do cutello riguroſo
 Do Tyranno cruel, eſperando a morte
 Co animo cad'hum tam firme, e forte
 Quanto era o do algoz mais bravo, e iroſo,
 Estavam os ſanctos Frades, deſejoſo
 Tanto cad'hum de cayr nelle a forte,
 Que por mais depreſſa, que o aço córte,
 Remiſſo lhes parece, e vagároſo.
 Oh Xarife cruel! que eſſa crueza
 A ti o he só, a elles gloria, e vida,
 A nós eſſe ſeu ſangue grá theſouro.
 Com que eſforço, e vigor, e fortaleza
 Nos enſinam correr á promettida
 Grá coroa de gloria, não de louro!

XLIIII.

Raynha sancta, aos Reys exemplo raro,
 Ao Mundo espanto, luz á nevoa escura,
 Por onde já rompendo des'altura
 Lançando estás em nós teu rayo claro,
 Desse rico thesouro, que tam charo
 Te foy cá, e possues já segura
 De to roubarem, parte nos procura
 De quem para nós só o comprou tam caro.
 Raynha sancta, que na mór alteza
 Da terra, mais humilde aos Ceos voaste
 Com o Mundo fazendo força ao Ceo,
 Esta tua terra, ó sancta, que pisaste,
 Rompendo com tua luz feu escuro véo,
 De tua humildade enche, e fortaleza.

XLV.

Spritos coroados da victoria,
 Com que triumphando estaes nos Ceos da terra;
 Almas sanctas, e puras, que da guerra
 Nossa livres viveis em paz, e em gloria,
 Ou denunciando as gentes a alta historia,
 Qu'a pura fé nos mostra, o Ceo nos cerra,
 Ou do Mundo enganoso, que sempr'erra,
 Fugindo, nos deixasseis tal memoria,
 Vossos despojos sanctos, milagrosos,
 Corpos, e fangue, e lagrymas, e mortes,
 Qu'essa vida immortal já vos subíram,
 Presentay lá por nós com piadosos
 Olhos deste desterro, onde os mais fortes
 Por hum engano vão do Ceo cahíram.

D O S

E P I G R A M M A S.

A H U M R E T R A T O

DE DONA CATHERINA DE SOUSA.

Mostrou o que pode a mão, a tinta, e arte;
 Mas só o que se não vê, he Catherina.
 Onde ella não está toda, não está parte
 Divina fermosura, alma divina.

Taes graças raramente o Ceo reparte;
 Mas inda d'outras foy mais altas dina.
 A quem tal a criou deu vida, e alma,
 Triumphou do Mundo, tem nos Ceos a palma.

A JERONIMO CORTE-REAL.

Quem póde, grã Jeronimo, louvar-te
 Dos raros doês, que em ti os Ceos juntáram?
 No pincel vences natureza, e arte,
 Na lira quantos a melhor tocáram:
 Na forte espada representas Marte,
 Nos brandos versos poucos te igualáram:
 Até no claro sangue, e gentileza
 Fortuna, e Ceos roubaste, e natureza.

DE ANACREONTE.

Prendêram as Musas por nova aventura
 O Amor em laços, e prisoês de flores,
 Entregaram-no em guarda á fermosura,
 Que atado o tenha bem, porém sem dores:
 Ajunta Venus doês, e com brandura,
 Que soltem, roga, o filho seus amores.
 Mas inda que já seja resgatado,
 Dali fica a servir acostumado.

E vi

DE

D E G R E G O.

C Ante quem quer do furioso Marte
 As armas, cante Troya já abrafada:
 A minha cruel guerra, a força, e arte,
 Que me venceo, ferá de mim cantada.
 Nem arma, nem Soldado teve parte
 No vencimento meu, nem frota armada,
 Mas hum bello esquadrão, que d'improvifo
 Sahio d'hús olhos, e d'hum brando riso.

TRADUZIDO CONTRA O MALDIZENTE.

T U, que com a lingua feres, monstro és,
 Não animal; cos dentes fere o Cáo,
 Co a ponta o Cervo, tu Cervo não és,
 O Lião com as unhas, tu não és Lião.
 E iê Lião, ou Cáo, ou Cervo és,
 Se Lião, vay-te onde os Liões estaõ,
 Se Cáo, o mesmo Lião te despadaçe;
 Se Cervo, o mesmo Cáo te corra, e cace.

A L E S B I A.

F Urtou a aljaba a Amor (quando dormia)
 Lesbia, acorda Amor, poem-se a chorar.
 Não chores, filho meu, (Venus dizia)
 Lesbia fermosa a tem, tornart'a dar.
 Nada ha mister de ti, do que nella hia,
 Teu fogo, e fetas pode-as escusar.
 Cos olhos, fronte, riso fere, inflamma,
 De mór ferida, mais ardente chamma.

A HUM RETRATO DE DIDO.

A Mão do pintor devo nova vida.
 Maro me deve a honra diffamada.
 Nem Dido foy de Æneas conhecida,
 Nem vio Carthago sua frota errada.
 Eu mesma me matey, porque soffida
 Fosse a fé casta a meu Sicheo só dada.
 Vinguei sua morte, ergui nova Cidade.
 Valha mais, que os Poetas, a verdade.

A VENUS, E CUPIDO.

D Izem que antigamente o Ceo cahia
 Com cruel guerra armada entre sua gente;
 Marte d'espada armado embraçecia,
 Neptuno armado de seu grã Tridente.
 Co corisco de Jove o Ceo tremia.
 Todos s'ameaçavam cruelmente;
 Tanto qu'Amor com a máy foi visto armado,
 Cad'hum dá as armas, tudo he pasiguado.

F E R M O S U R A .

A O Touro cornos, unhas ao Lião,
 Voar á Aguia, ao Cervo ligeireza,
 E a todas as mais Féras quantas são,
 Deu fu'arma, e sua força a Natureza.
 Ao homem deu esforço, e boa razão:
 Não tem que dar á feminil fraqueza.
 Pois que lhe deu? ah deu-lhe fermosura
 Arma que ferro, e fogo inda mais dura.

MARTE NAMORADO.

F Orjava em Lemno com destreza, e arte
 Setas a Amor de Venus o marido:
 A branda Venus lhe poem mel d'huma parte,
 Mas d'outra parte lhe poem fel Cupido.
 Entrou brandindo a grossa lança Marte,
 Rio-se das setas. Queres ser ferido
 D'hũa? (Amor diz) próva hora se te praz;
 Ferio-o; rio-se Venus: Marte jaz.

D A S O D E S.

L I V R O I.

O D E I.

F Uja daqui o odioso
 Profano vulgo, eu canto
 A brandas Musas, a hũs spritos dados
 Dos Ceos ao novo canto
 Heroico, e generoso
 Nunca ouvido dos nossos bõs passados.
 Neste sejam cantados
 Altos Reys, altos feitos,
 Costume-se este ar nosso á Lira nova.
 Acendei vossos peitos,
 Ingenhos bem criados,
 Do fogo, qu'o Mundo outra vez renova.
 Cad'hum faça alta próva
 De seu sprito em tantas
 Portuguezas conquistas, e victorias,
 De que lédo t'espantas

Oceano, e dás por nova
 Do Mundo ao mesmo Mundo altas historias.
 Renova mil memorias
 Lingua aos teus esquecida,
 Ou por falta d'amor, ou falta d'arte,
 Se para sempre lida
 Nas Portuguezas glorias,
 Qu'em ti a Apollo honra darão, e a Marte.
 A mim pequena parte
 Cabe inda do alto lume
 Igual ao canto; o brando Amor só figo
 Levado do costume.
 Mas inda em algũa parte,
 Ah Ferreyra, dirão, da lingua amigo!

AOS PRINCIPES D. JOAM , e D. JOANA.

O D E II.

P Rincipes nossos, nosso bem, e gloria,
 Esperança dos Ceos, prazer do Mundo,
 Nascidos hum para outro, por Deos dados
 Ao sceptro Occidental, e do Oriente:
 Vivey felices, pios, vencedores
 De novos Mundos: novos mares se abram,
 Novas minas pareçam, novas terras;
 De tropheos, e despojos carregados,
 De victorias famosas, e bandeiras
 A barbaros tomadas, e fugeitas
 A vossa, qu'he de Christo, tornem sempre
 Os vossos Capitães, que o Mundo teme,
 Coroados de Louro, com collares,
 Com sceptros, ricas purpuras, e trunfas
 Dadas a vossos nomes em tributo.
 Vivey felices, pios, vencedores,

Em

Em ouro escritos sejam vossos nomes,
 Em cedro, em diamante, em todo Mundo.
 Novas estatuas se ergam com letreiros
 Dignos de vós, e vós tam dignos delles,
 Que igual eipanto sempre, e credito achem,
 Que suspirem, em os vendo, os mais famosos
 Reys, e Emperadores, que vierem,
 Como fez Alexandre co de Achilles,
 Como Cesar tambem co de Alexandre,
 Como vós suspiraes polos que vedes
 Erguer com tanto espanto a vossos pays.

Vivey felices, pios, vencedores,
 Mais que o grande Alexandre, Julio, Augusto,
 Mais que os passados Reys, vossos avôs,
 Mais que os presentes Reys, de que sois filhos,
 Que o Mundo tanto teme, e honra, e ama,
 Como cousas divinas por Deos dadas.
 Conservay vós seus nomes, e estendey-os,
 Se mais ha qu'estender, do que elles fazem,
 Conservay-os, que nisso fareis muito.

Vivey felices, pios, vencedores,
 Creça a terra, e s'estenda, que pisardes.
 Creçam, quanto mais derdes, os thesouros.
 A vós se venham todos, em vós achem
 Remedio a suas vidas, e suas honras.
 A vós se venham Parthos; venham Scythas
 De sua vontade propria fogeitar-se
 A vosso jugo, a vós mais servir queiram,
 Que ser servidos d'outros, e adorados.

Vivey felices, pios, vencedores,
 Deixai-nos de vós vossas semelhanças
 Nos rostos, nos spritos, nas grandezas,
 Porque nelles vejamos a vós mesmos,
 Assi como em vós vemos vossos pays,
 Que depois d'enfadados cá da terra

(Que

(Que delles ficará tam faudosa)

Sobindo para os Ceos, vos deixarão
O Mundo governando, e triumphando.

Vivey felices, pios, vencedores,
Estrellas sejaes ambos lá no Ceo,
Estrellas das mais lucidas, e claras,
Despois, que cá deixardes este Mundo,
Em que não cabereis, por mór que seja.
Mas não vos peze de entre nós viverdes
Muitos annos, e muitos por nossa honra,
Pois tendes lá tam certos os assentos
Nos altos Ceos, como estes cá da terra,
Principes nossos, nosso bem, e gloria.

A D. JOAM D'LANCASTRO

FILHO DO DUQUE D'AVEIRO.

O D E III.

Porque tam cruelmente
(Meu João humanissimo) sem culpa
Tua te affliges tanto?
E porque esse innocente
Peito, que de nenhum vicio te culpa,
Tam puro, casto, e santo
Com tristes pensamentos,
Que está tu'alma branda estaõ roendo,
Em tanto dano meu
Maltratas? taes tormentos
Deixa a quem com razaõ está tremendo
Algum grande erro seu.
Não teme, não espera,
Não pende da fortuna, ou vãos cuidados
A consciencia pura,

E assi não defespera
 De chegar aos bons dias esperados
 Tam léda, e tam segura,
 Que o Mundo desprezando
 Configo se enriquece, e mais descanfa
 De si tam fatiseita,
 Que em si se está prezando
 De desprezar o porque o Mundo canfa.
 De ver que ella a direita
 Via seguindo vay
 A virtude levando só por guia.
 Não torce, não duvida,
 Já mais della se fay,
 Por mais qu' o Mundo della se desvia.
 A coroa devida
 Voando, que guardada .
 Nos Ceos lhe está, da terra se levanta.
 Tem sempre o que deseja,
 Com não ter nunca nada.
 Pifa a fortuna, nada a vence, e espanta.
 Que por forte, que seja,
 Falsa Deosa, e tyrana
 (Segundo a fez a cega antiguidade)
 Que val contra a prudencia?
 Em que lhe empece, ou dana?
 Falso poder, e falsa divindade
 Nascida da imprudencia
 D'aquelle povo errado,
 Que a qualquer appetite máo, injusto
 Logo hum Deos levantavam,
 Só pera seu peccado
 Ficar honesto, desculpado, e justo.
 Aquelles adoravam
 Os appetites seus.
 Ditofos nós, que tam alto subimos,

Que nos Ceos hum thesouro
 Temos, qual effes teus
 Olhos, bom João, vem, apôs este imos;
 Tu de palma, e de louro
 Com razão coroado,
 Eu da humilde, e sempre verde hera,
 Seguindo tuas pisadas
 Nas nuvês levantado
 Assi ferey, senhor; descansa, e espera.
 Já chegam as douradas
 Horas, que te esperando
 Estiveram régora: e vem correndo
 Para teu bem, e gloria.
 Por ti só vem chamando
 Aquelles claros titulos trazendo,
 Porque tua memoria
 No Mundo eternamente irá vivendo.

A O S R E Y S C H R I S T ã O S .

O D E I I I .

O Nde, onde assi crueis
 Correis tam furiosos,
 Naõ contra os infieis
 Barbaros poderosos
 Turcos de nossos roubos gloriosos?
 Naõ pera a mal perdida
 Cabeça do Oriente
 Nos ser restituída
 Tam pia, e Christammente
 Roubo a vós féo, e rico á Turca gente,
 Naõ pera a casa sancta,
 Sancta terra pisada
 Dos infieis com tanta

Afronta vossa , armada
 A mão vos vejo , nem bandeira alçada.
 Nem pera em fogo arder .
 Desdo chão té as ameas
 Meca , e Cayro ; e se ver
 Trazido em mil cadêas
 Em triumpho o seu Rey com nossas preas.
 Ah cegos , contra vós
 Vos leva cruel furor !
 Ah que fartando em nós ,
 E em vosso sangue o ardor ,
 Que o imigo tem fazei-lo vencedor.
 Vós armas , vós lhe daes
 Ao covarde ousadia ,
 Em quanto vós mataes ,
 Eis Rhodes , eis Ungria
 Em sangue , em fogo , em nova tyrannia.
 Paz sancta dos Ceos dada
 Por vida só , e bem nosso
 Como tam desprezada
 Deste injusto odio vosso
 Reys Christãos , he'cruéis chamar-vos posso.
 Nunca se vio fereza
 A esta , que usaes igual ,
 Armados de crueza.
 Hum ao outro animal
 Da mesma natureza não faz mal.
 Tornay , tornay , ó Reys
 A paz , tende-vos hora ,
 Olhay-vos , e vercis
 Com quanta razão chora
 A Christandade a paz , que lançaes fóra.

A D. AFONSO DE CASTEL BRANCO.

O D E V.

Uge o vulgo profano
 Vay com descustumada,
 E leve penna, Afonso, pelo ar claro,
 Deixando desprezada
 A inveja, que em seu dano
 Perseguir o melhor tenta, e mais raro.
 piito ás Musas charo,
 Já te vejo yr voando
 Em nova fórma, muito mór que humana
 Novas pennas criando
 Livre do baixo, e caro
 Peso da terra, qu'o sprito dana.
 Quam baixamente engana
 A ignorancia cega
 Como por cima della o sprito voa!
 Que áquillo só se emprega
 A que a gente profana
 Não chega, e sempre vive, e sempre soa.
 A soberba coroa
 Dos Reys, que medo, e espanto
 Poem ao fogeito povo, que os adora,
 Mas quanto imperio, tanto
 Em má fortuna, ou boa
 Mal seguro tremendo está cada hora.
 Não descança, não mora
 Sancta felicidade
 Em torres, em thesouros, em grandezas,
 Errada vaidade!
 Isso bens são de fóra,
 Noffo só he o saber, que tanto prezas.

Tudo al faõ pobreza
 Num animo contente,
 Que mil Mundos despreza, e só deseja
 Deixar á sua gente
 Por honra, e por riquezas
 Saber, e vida livre de odio, e inveja.
 Est'ama, este só seja
 Teu fim, teu só cuidado
 Afonso meu, que novo sprito guia
 De Apollo ao seu sagrado
 Monte, donde inda eu veja
 Correr por ti o licor, qu'antes corria.

A H U M A N A O D' A R M A D A,
 EM QUE HIA SEU IRMÃO GARCIA FROIS.

O D E VI.

A Ssi a poderosa
 Deosa de Chipre, e os dous irmãos de Helena
 Claras estrellas, e o grã Rey dos ventos
 Segura Náo, e ditosa
 Te levem, e tragam sempre com pequena
 Tardança aos olhos, que te esperam attentos;
 Que meu irmão, metade
 Da minha alma, que como encomendado
 A ti deves, nos tornes vivo, e saõ
 Do fogo, e tempestade,
 A que se aventurou co sprito ousado,
 Vença, á dura fortuna, a boa tenção.
 Quem cometteo primeiro
 Ao bravo mar num fraco páo a vida,
 De duro enzinho, ou tresdobrado ferro
 Tinha o peito, ou ligeiro
 Juizo, ou sua alma lh'era aborrecida

Dignò de morte cruel no seu mesmo erro.

Sprito furioso

Que não temeo o pégo alto revolvido
(Entregue aos ventos, posto todo em forte)

Do sempre tempestoso

Africo, nem os vaos cegos, e o temido

Scylla infamado já com tanta morte!

A que mal ouve medo

Quem os monstros no mar, que vão nadando,

Com secos olhos vio? quem o Ceo cuberto

De triste noite, e quedo

Sem defençaõ, co corpo só esperando

Está a morte cruel, que tem tão perto?

Se Deos affi apartou

Com summa providencia o mar da terra,

Que a nós os homês deu por natureza,

Como ouve homem, que o usou

Abrir por mar caminho mais a guerra

Qu'a paz? e a morte mais roubo, e crueza?

Que cousas não comettes,

Ousado sprito humano em mar, e em fogo

Contra ti só diligente, e ingenhoso?

Que já te não promettes,

Des qu'ò medo perdeste á morte, e em jogo

Tês o que de si foy sempre espantoso?

Hum o Ceo cometteo:

Outro o ar vão exprimentou com pennas

Não dadas a homem: outro o mar reparte,

Que por força rompeo.

Senhor, que tudo vês, que tudo ordenas,

Pera a ti só chegarmos dá-nos arte.

A MANOEL DE SAMPAYO.

O D E VII.

S Ampayo, tu lá só
 De mim estás, não das Musas, não do sancto,
 Fresco, são, e brando ar, que as Graças crião,
 Nessa felice terra
 Regada da corrente graciosa
 D'hum novo Tybre, ou Pó,
 Que nova gloria, e espanto
 Ao grande Oceano leva, claro rio
 Manso Mondego meu, onde sohião
 Meus olhos de hũa Serra
 Ver com desprezo o Mundo: faudosa
 Agoa, que tam soberba vay correndo,
 Tomando senhorio
 Dos campos, e das agoas, e dos mares,
 Que ledos dentro em si a vão recolhendo.
Doces, sacros lugares
 De brancas Nymphas, musicos pastores
 Habitas, verdes heras, verdês louros,
 Valles sombrios, e fontes
 Doces, puras, e frias, que manando
 Estão lagrimas tristes
 Dos doces meus amores.
 Isto tês lá Sampayo: eu cá que tenho?
 Lá, amigo, te deixei, lá meus thesouros.
 Ah secos, e altos montes,
 Negros fumos, máos ventos, que turvando
 Meus bõs intentos andam! se sentistes,
 Imigos meus (lhes digo) porque a vida
 Detejo, em qu'a sostenho,
 Deixay-me o pensamento, que descanse

No que deseja, qu'em al he perdida.
 Que vejo, em que não canse?
 Afronta esta alma triste em tanto aperto.
 Soberbas portas, prodigas larguezas,
 Vaões faustos, vãs palavras
 Ivos longe de mim, y tristes ventos.
 Fique eu de vós seguro.
 O qu'em desfalte, e acerto
 (Ah olhos cegos, corações errados)
 Anda, seguis? isto chamais riquezas?
 Ditofo tu, que lavras
 Tua terra cos teus bois, e os pensamentos
 De boa esperança enches: peito duro
 Sancta alma, lingua sam, mãos innocentes
 Desejo; os mais estados
 Fortuna, dá a quem queres: eu só quero
 Viver seguro, e livre entre os contentes.
 Isto desejo, e espero.
 Quem mo desta riqueza enriquecesse?
 Quem visse já o tam claro, e alvo dia
 Em que assi repoufasse
 Este sprito inquieto, que pendendo
 Está de seu perigo?
 O Ceos, quem merecesse
 Pender sempre de vós, sem mais do Mundo
 Querer, que vida honesta! esta queria
 Meu Sampayo, esta achasse.
 Sancta, rustica vida, aborrecendo
 T'estão; pois eu te busco, pois te figo,
 Deixa os que te desprezão, vem-te a mim.
 Contigo lá num fundo
 Valle vivirey eu livre, e contente,
 Leda a vida terei, seguro o fim.

A D. ANTONIO DE VASCONCELLOS.

O D E VIII.

TE' quando affi, cruel, o peito duro,
 Das nove irmãs morada
 Cerrarás, como ingrato ao dom divino?
 Té quando affi negada—
 Do liquor doce, e puro
 Nos ferá a cópia, e parte igual devida
 Dó lume, de que tu foste affi digno?
 Não te foy dada a vida,
 Não effe sprito acefo em alto fogo
 Para ti só; noſſo he, o noſſo queremos.
 Vença já o juſto rogo
 A dura força, Antonio, e reſtituida
 Nos ſeja parte já do que em ti temos.
 Eu digo o canto teu, eu digo a lira,
 Que te dá o louro Apollo,
 Para honra ſua, e para gloria noſſa,
 Que d'hum ao outro polo
 Soará; já te inspira
 Novo furor: ah ſolta o doce canto,
 Contra o qual nunca inveja, ou tempo poſſa.
 Tardas, cruel, e em tanto
 Altos Reys, altas armas perdem nome.
 Encruece-ſe o Amor, quem ha, qu'o abrande?
 Quem ha, qu'a cargo tome
 As victorias de fama, e eterno eſpanto
 Dos Reys paſſados, quaes Deos ſempre mande?
 Altas victorias, em que tanta parte
 Tem inda os tão chegados
 Teus avós ao Real ſangue, ás altas Quinas,
 De louro coroados

Por mão do bravo Marte ;
Ah porque lhes serão por ti negadas
As altas Rimas de seus nomes dignas ?
As bandeiras tomadas
A Reys vencidos em tão justas guerras ,
Aquellas fortes mãos , que coroavam
Reys grandes em suas terras
Por ferro , e fogo de tão longe entradas
A ti seu sangue já s'encomendavam.

Mas em quanto tua sorte te não chama
Das armas á dureza ,
(Inda tempo virá) com as Musas paga
A antiga fortaleza
Dos teus ; á immortal fama
Que por exemplo ao Mundo sempre viva
Contra a morte cruel , que tudo apaga ;
Outr' hora a chama viva ,
Qu' o cego moço , onde quer , acende ,
Com teus suaves versos nos abrandá ,
E a que nos tanto offende
Cruel aljaba sua lhe cattiva.
Isto te pede Apollo , isto te manda.

Em quanto a léda , e branda idade dura
Com seus lyrios , e flores ,
Com a cor viva , com o fogo inteiro ,
E em quanto dos amores
Reyna doce brandura
Livre da neve , que seu fogo esfria ,
E torna o ledo Abril , triste Janeiro ,
Ao som da fonte fria ,
A doce sombra do alto pinho , ou faya ,
Soe na branca canna a branda Flora ,
Ponha-se o Sol , ou faya ,
Não cesse o canto , que já mágoa cria
No duro Amor , que já de brando chora.

D A S O D E S.

L I V R O II.

A O S E N H O R D. D U A R T E ,
F I L H O D O I F F A N T E D. D U A R T E .

O D E I.

S Erás escrito, e em alto som cantado
Da grave, e doce lira
D'Andrade pera ti fô dos Ceos dado,
Que á gloria, a que já aspira,
Igual favor lhe inspira
Teu animo, DUARTE,
Planta real, honra de Apollo, e Marte.
Aos teus altos tropheos, que levantados
Com tanto espanto, e gloria
Já vejo; aos triumphaes arcos ornados
Das presas da victoria
Alta, e immortal memoria
Dará, vivo na terra
Deixando teu grá nome em paz, e em guerra.
Não voa meu sprito a tanta alteza,
Não ousa vergonhosa
A baixa lira minha ante a grandeza
Daquella tam famosa
Trombeta gloriosa,
Que já ouço soar
Ou na Africana terra, ou no seu mar.
Quem do sangue infiel a gran corrente
De que se já alagando
O largo campo está, quem dignamente
Dirá o fogo, que alçando

Se vay aos Ceos, deixando
 Em cinza, e pó desfeitos
 Muros, Misquitas, armas, feros peitos?
 Em quanto tal não tento, e véda Apollo,
 Que os tam altos louvores
 Do grande Rey, senhor de polo a polo,
 Teu tio, dos mayores
 O mór: e os teus, menores
 Não faça, escurecendo
 Com baixo canto o qu'outro irá erguendo;
 Vay tu (isto oufarei pedir-te) dando
 Novo favor, e vida
 As altas Musas, que te estam chamando,
 Comece ser sentida
 De ti a voz, em que erguida
 Será tua clara fama,
 Que todo sprito já d'amor inflamma:

A PERO D'ANDRADE CAMINHA.

O D E II.

Fogem, fogem ligeiros
 Nossos dias, e annos
 Andrade, que bem vive? que mal dura?
 O que foy dos primeiros,
 Será dos derradeiros.
 Iguaes aos bens os danos
 Todos vão dar em triste sepultura:
 Torna nova verdura,
 Torna Verão, e Inverno:
 Claro apôs chuva o Sol, pôs noite o dia.
 Ah nossa ley tam dura!
 Depois da noite escura
 Do mortal sono eterno

Já mais torna esta luz qu'a vida via.
 Triste quem se confia
 Em cegas esperanças
 Que no mór nosso bem nos defenganam.
 Quem nome de alegrias
 Cá achou, como sabia
 Aver medo ás mudanças?
 Cruéis, que tanto podem, tanto danam!
 A fonte, donde manam
 De nosso erro os perigos,
 Qu'he, senão proprio amor mal conselhado?
 Desejos vaós, que enganam,
 E a pura alma profanam,
 E entregam a seus imigos,
 Donde tarde vem ser seu mal chorado,
 Quanto Mundo he passado!
 Soberbas Monarchias
 De Asia, de Grecia, e Roma imperios tantos,
 Que o Mundo fogigado
 Tinham, como forçado,
 Vês em quam poucos dias
 Cahiram suas grandezas? seus espantos?
 Que ficam, senão prantos,
 E saudades tristes
 Daquellas cousas grandes, que acabáram?
 Quantos triumphos, quantos
 Lédos, e doces cantos
 Passados tempos vistes,
 Que? senão mágoa, e espanto nos deixáram?
 Hay quanto em vão choráram
 Após a dura morte
 Tam pouco ha nossos olhos faudosos!
 Quanto bem nos roubáram!
 Mas que choros bastáram
 Mudar a dura sorte

Dos crueis fados, tristes, invejosos?

Spritos gloriosos

Que desta baixa terra

Fostes morar aos Ceos em clara alteza;

Ditofos vós, ditofos,

Que já victoriosos

De tam misera guerra

Despistes esta nossa vil baixeza.

Cesse pois a tristeza,

Cesse já a faudade

Baixa, alça o sprito aos Ceos, pera que vejas

Com que nova grandeza

Vestida a fortaleza

Já d'immortalidade

De teu irmão está, qu'em vão desejas.

A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES.

O D E III.

NAõ mostra em toda parte

Igualmente o dourado

Rayo o Sol; nem igual Verão, e Inverno,

Nem lume igual reparte

Daquelle fogo eterno

Deos do Ceo cá nas almas inspirado.

Hora hum á primeira hora

Triste Saturno vio:

Hora outro brando Jove, ou Phebo claro,

Neste a vam Lua móra,

Destoutro o sprito raro

Só gloria: outro brando ocio só seguio.

Eis hum á patria chama

Triste, e cruel, chorada

No mais alto latino, e grego canto;

Eis outro gloria, e fama
Deixou, e eterno espanto.

Ao Mundo em sua memoria tam cantada.

Eu tômo só o intento

Da piadosa gente,
Que honra justa quiz dar ao claro sprito,
Não fazem annos cento,
Mas o alto feito, ou dito
Hum homem de mil homês diferente.

O rayo, que correndo

Foi sempre com victoria,
Em quanto gente achou, ou achou terra;
Começava ir vivendo,
E já fim dado á guerra
Do Mundo tinha, e chea a clara historia.

Olha em quam verdes annos,

Em que tempo, a que imigo
Foy, e tornou tam famoso o Africano,
Só fim dos crueis danos,
Qu'ô grã povo Romano
Padecia do odio cruel, e antigo.

O sucessor de Julio,

Que tres vezes fechou
De Jano o templo, em paz de todo o Mundo:
Em que idade o grã Tullio,
Com seu saber profundo
Por Principe do Mundo o nomeou?

Ah tu Francisco viste

A luz, que s'acendia
Naquelle real sprito, que criaste:
Porque inda tua alma triste
Suspira, alli provaste
Quam cedo o fogo a escuridão vencia.

E tu quanto ha que mostras

(Vencendo o sprito a idade)

Tão altas differenças entre tantos!
 Onde ás tam claras mostras
 Se acharão novos cantos,
 Qu'em parte igualar possãam a verdade?
 Quantos outros gastarão
 No Mundo escurecidos
 Mais annos, sem saber, sem fortaleza!
 Em vivos s'enterrarão
 Em infamia, e baixeza,
 Nem dos qu'então vivião conhecidos.
 Té quando a injusta ley,
 Té quando o máo costume
 Julgará pelas folhas, não por fruitos?
 Imite a Deos o Rey:
 Já de cem annos muitos
 Moços forão, e mil moços derão lume.

A AFONSO VÁZ CAMINHA

N A I N D I A.

O D E III.

JA generoso Afonso, já chegaste
 Aquella parte, a que de cá fugia
 Teu alto sprito, apôs a luz, que via
 D'alta virtude, que tu tanto amaste.
 Favoravel o Ceo, mar, vento achaste;
 Teu peito sempre igual, e sempre inteiro,
 Posto no verdadeiro
 Caminho d'alta gloria, e d'alta fama
 Vejo arder todo em gloriosa chamma.
 Vay ao espirito, vay co espirito ousado
 Onde te chama a duvidosa sorte.
 Triumphas da fortuna, e rouba á morte
 O nome, que dos Ceos te será dado.
 De sancto zelo, e sancta força armado

Pondo os olhos no Ceo, mãos nos inimigos,
 Que medos, que perigos
 Contra ty poderão? olha o bom pay,
 Que teu braço, e teu pé guiando vay.
 Onde os olhos porás, que os gloriosos
 Sinaes do seu fangue inda não vás vendo?
 Que terra irás pisando, ou mar correndo?
 Que os fortes braços vissem ociosos?
 Entre os feitos, e nomes lá famosos
 O animoso João verás escrito
 Com aquelle vivo sprito,
 Com qu'ó teu t'arma, e anima, e co a luz clara
 Do Ceo, ond'está, teu bom caminho aclara.
 Aprende (diz) de mim, filho, a virtude,
 E os honrosos trabalhos d'alta gloria,
 E do teu claro sangue assi a memoria
 Conserva, que a não gaste o tempo, ou mudé.
 A poderosa mão de Deos ajude
 A tua, como a minha nessa idade,
 Com que pola verdade
 Da sancta Fé, de sangue, e pó cuberto
 Sejas medo ao imigo ao longe, e ao perto.
 Isto te diz teu pay: tu ouve, e guarda
 Nels'animo constante, ó bem nascido!
 Mas eis te vejo arder co sprito erguido
 Assi ao trabalho, que já crês, que tarda.
 Ah vence esse alvoroço, e o tempo aguarda
 Da boa occasião: ás vezes dana
 O muito esforço, e engana
 Confiado nas forças a esperança,
 Que seguida se quer com temperança.
 Ajuda Deos a boa fortaleza
 De conselho, e razão acompanhada:
 A força sobre si alevantada
 Despreza irado, e torna em vil fraqueza.

Oufou tentar a bayxa natureza
 Os altos Ceos: eis torres, eis Gigantes
 Tam espantofos dantes
 Servidos num momento, e a mesma terra,
 Sobre quem affi se alçavam, em fi os enterra,
 Do espantoso Tigre, e do Lião
 As grandes forças vence a manha, e arte.
 Não davam sempre as forças ao grã Marte
 Victórias, nem o ardor do coração.
 Proprias armas dos homês são razão.
 Sirvam os membros ao corpo, elle á prudencia:
 A sancta obediencia
 Affi fundada, e ao Capitão devida
 Será do alto Ceo favorecida.
 Vença o conselho á força, e o bem desejo
 Da doce fama obedeça á justiça,
 E ant'a luftrôfa honra, a vil cobiça
 Fuja, de todo bem defvio, e pejo.
 Mas em que me detenho? eu não te vejo
 O' meu Caminha, firme em tua carreira
 Correr á verdadeira
 Estrada, que te vay teu sprito abrindo,
 Teus bons avós, e teu bom pay seguindo?

A ANTONIO DE SA' DE MENEZES.

O D E V.

E Is nos torna a nascer o anno fermoso,
 Zefiro brando, e doce Primavera,
 Eis o campo cheirofo:
 Eis cinge o verde Louro já a nova Hera:
 Já do ar caydo géra
 O crystalino orvalho hervas, e flores,
 As Graças, e os Amores

Coroados de alegria
 Em doce companhia
 De Nymphas, e Pastores ao som brando
 Doces versos de Amor vão revezando.

Apôs a branda Deosa do terceiro

Ceo, que triumphando vay de Apollo, e Marte,
 E entre elles o frecheiro

O seu doce fogo, onde quer, reparte.

Fogem de toda parte

Nuvês; a neve ao Sol té então dura

Se converte em brandura,

E d'alta, e fria serra

Cayndo, rega a terra

Agoa já clara: a cujo som adormece

Toda féra serpente, e o Myrtho cresce.

Renasce o Mundo, e torna á fórma nova

Do seu dia primeiro: o Sol mais puro

Sua luz nos renova,

E affugentando vay o Inverno escuro.

O monte calvo, e duro,

O valle dantes triste, e turvo rio,

Ar tempestoso, e frio

Os tornam graciosos

Aquelles amorosos

Olhos de Venus, faees de Cupido,

Criando em toda parte hum Chipre, hum Gnido.

Já deixa o fogo o lavrador, já o gado

Da longa prisão solto corre, e salta

Roendo o verde prado,

Nem agoa clara, nem verdura falta.

Eis tira da arvore alta

Ou Progne com seu ninho, ou Philomena

Tityro, e inda sem penna

Cria a tenra ave ledo,

Por esperar que cedo

Do seu fermoso dom Cloris vencida
 Não soffrerá fer d'elle em vão seguida.

Agora nós tambem nos coroemos

O claro Antonio, de Hera, e Myrtho, e Louro,
 E mil ódes cantemos

A branda Venus, mil a Apollo louro,
 Que com seu rayo de ouro

A escura nuvem do teu peito aclára.

Ah quanto suspirára!

Ah como desfazendo

Em tenro pranto, e erguendo

Os olhos a ti, Phebo, Nise triste

Chamar ó Sol, ó Sol com mágoa ouviste!

Olho claro do Ceo, vida do Mundo,

Luz, que a Lua, e estrellas alumias,

O movedor segundo

De quantas coufas cá na terra crias.

Crespo Apollo, que os dias

Trazes fermosos, e as douradas horas,

Lá des'alto, onde moras

Com tua luz clara, e sancta,

Que o máo Saturno espanta,

Torna a Antonio, e conserva a luz primeira,

Do puro fangue a cor, e a força inteira.

Os mais brandos liquores, suaves çumos

Das mais saudaveis plantas busca; e colhe

Os mais cheirosos fumos,

Que Arabia em si, em si Sabá recolhe;

Faze que onde quer que olhe

O teu bom Sá, prazer, e riso, e canto

Veja; ah Phebo, a quem tanto

Teu claro lume adora,

E ao Douro, que inda chora

Do seu passado medo a viva mágoa,

Não negues a hũ sam vida, a outro clara agoa.

A vida foge , como ao Sol a sombra ,
 Quem poder viva , em quanto hũa hora tarda ,
 Hora , que espanta , e affombra ,
 Nem escusa recebe , ou ponto aguarda .
 Quem sua vida guarda
 Para outro dia ? quem no leve vento
 Faz firme fundamento ?
 Anda o Ceo , volve o anno ,
 Mostrando o defengano
 Desta vida inconstante , e em fim mortal ,
 De bens escassa , prodiga do mal .
 O meu bom Sá , em quanto nos defende
 A vida breve longas esperanças ,
 Tu lêdo o sprito estende
 Por honestos prazeres , fans lembranças ,
 Livre das vãs mudanças ,
 Em que andam os mais em forte ao vento postos ,
 Cos inconstantes rostos ;
 Lá sempre hum , sempre inteiro ,
 Seguindo o verdadeiro
 Caminho , que o alto Ceo te chama , e guia
 Contente vive o anno , o mez , e o dia .

D A S E L E G I A S .

A FRANCISCO DE SA' DE MENEZES ,

NA MORTE DO PRINCIPE D. JOÃO ,

A quem servio de Ayo , e Camareiro Mór.

E L E G I A I .

TRistissimo Francisco , quem podesse
 Por arte , ou por ingenho alcançar tanto ,
 Que meo a tuas lagrimas possessse !

Quem

Quem já fim a teu justo, e triste pranto
Pedisse, cru seria: chora triste,
Justo he teu choro, e meu desejo sancto.
Acende mais o fogo, quem resiste
Na mór chamma. De cá te vejo arder
Despois qu'o nosso lume morto viste.
Aquella Real planta, que crescer
Com tanta fermosura começava,
Promettendo da terra aos Ceos s'erguer,
Aquella flor fermosa, qu'alegrava
Tantos olhos, e almas, que tua mão
Com tanta diligencia nos criava,
Colheram-ta ante tempo: já no chão
Cortada, e seca jaz; vá-la seguindo
Co alma, e co desejo, triste, em vão.
Vejo-te ir em suspiros consumindo
Aos Ceos queixoso, porque te apagaram
A clara luz, que se hia descobrindo.
Porque tam cruelmente te cortaram
Teu bem, tua honra, e tantas esperanças,
Quantas já para sempre nos faltaram:
Como ouve tempo para taes mudanças,
Dizes, ó Ceo? tal foy? e assi pasmado
Com lagrymas acordas, e te lanças,
Ah quam triste te he tudo, quam pesado!
Tū mesmo a ti te trazes bem assi,
Como por força hum grá peso arrastado.
Deixa o pranto, Francisco, torna a ti,
Fala contigo só, vay-te buscando,
Tu a ti mesmo és necessario aqui.
Olha quantos teu mal estão chorando,
Olha o Mundo quão triste, e faudoso
Fica do com que tanto se hia honrando.
Quanto vemos, quam triste, e quam queixoso
Da morte está! mas ah, que inda que seja

Choroso a todos, he a ti mais choroso.
 Por mais que o mar, a terra, o Ceo se veja
 Chorar aquelle Principe, tu mais
 Choras, mais o ama tua alma, mais deseja.
 Esses suspiros teus, esses teus ays
 Tam justos, tam devidos, cá me soam,
 Co som das tristes lagrimas iguaes.
 As musas de Acipreste se coroam,
 E toda arvore triste: deixam louro,
 E ao som desse teu pranto, o seu entoam.
 Suas capellas, seu cabello d'ouro
 Arrancam, e desfazem, tu as guias,
 Dizendo perdeu o Mundo o seu thesouro.
 Ah que tu mais que todos conhecias
 Aquelle grã JOAM de ti criado
 Novo lume, nova alma nelle vias.
 Pois tanto com razão será chorado
 Mais de ti, quanto ao Mundo promettendo
 Delle mais hias, a que foi roubado.
 Que grandezas não estavamos já crendo
 De seu sprito, e teu, qu'o informavas?
 Que fortuna, que guerra, ou mal temendo?
 Pô-lo publico bem te desvelavas
 Grã Francisco, tuas horas, e tua vida
 Em nossa vida, e honra só gastavas.
 Hay tanta diligencia tão perdida
 De nós, que tu lá levas, real sprito,
 Aos Ceos, onde melhor he conhecida!
 Igual ao pensamento era teu dito,
 Igual ao dito a obra; se vivêras,
 Quanto nos cá de ti ficára escrito!
 Ao menos Reyno triste conheceras
 A industria de Francisco, em te criar
 Principe, com que mal nenhum temeras:
 Francisco eleito só para ensinar

Hum Principe a ser Principe, tambem
 O deixáram saber por ti reinar.
 D'hum bem fora pendendo outro mór bem,
 Que já s'hia mostrando; mas a morte
 Atalhou: sempre armada ao melhor vem.
 Isto teu peito generoso, e forte
 Sente só, e chora: o que de ti sabias
 Te faz mais dura a dor da triste forte.
 Conheceste a ti bem, e conhecias
 A nova idéa de Rey, porque esperavas
 Conforme a teu sprito, a que a fazias.
 Claros sinaes de tanto bem nos davas
 Principe sancto, todos em ti viamos
 Quam bem aquelle sprito em ti passavas.
 Os olhos, de que nós todos pendiamos,
 Pendiam de Francisco, que guiando
 T'os hia sempre ao bem, que nos queriamos.
 Esse teu alto sprito levantando
 Da terra tanto aos Ceos, té que subio
 Lá pera sempre, a terra desprezando.
 Quem em tão breve vida tanta vio?
 Quem em tam pòucos dias tantos annos?
 Que sprito igual de hum corpo tal sahio?
 Ditoso tu, que livre dos enganos
 Do Mundo, e da fortuna, limpo, e puro
 Aos Ceos voaste, sem provar seus danos.
 Deixaste, clara estrella, o triste, e escuro
 Ar, de que cá vivias, quam luzente
 Entre os choros dos Anjos te figuro!
 Que baixa cousa te parece a gente!
 Que pouquidade o Mundo! vês o Rey
 Quam pouco he d'outros homês diferente.
 Qual já mais se livrou da geral ley?
 Veja, quem o não crer, tua morte agora,
 De que outra morte já m'espantarei?

Principe glorioso, não te chora

A terra: não Francisco: só choramos

Quanto em ti nos roubou hũa triste hora.

Se contr'essa tua gloria desejamos

Ver-te outra vez na terra, erro grande he;

Perdoa-nos, senhor, com amor erramos:

E tu Francisco, em quem mais certa fé

Ficou do que sabias, nos desculpa,

Nos Ceos, a qu'o guiaſte, reyne, e eſtê.

Tua he ſua gloria: noſſa ſerá a culpa

Se lha invejarmos: d'amor he o deſejo,

Mas tal amor não quer, dos Ceos o culpa:

Vive tu, grá Francisco, qu'eu o vejo

Dos Ceos encommendar-te o ſeu theſouro;

Que cá deixou, e eu em tuas mãos deſejo.

Não de pedras vás he, não de baixo ouro;

Mas outro ſprito ſeu, de que tremendo

Já eſtá o barbaro Turco, o Indio, o Mouro.

Feliciffimo parto, em que vivendo

Eſtamos; vida noſſa, que t'eſtá

O Reyno todo já em tuas mãos metendo.

Por tua mão, Francisco, crescerá

Felicemente. Deos, que no-lo deo,

Igual ao ſancto pay por ti o fará.

Aqui repouſará o ſprito teu,

Quanto viſte em ſinaes, e em figura

No pay, Deos quis guardar a eſte dom ſeu.

Auguſto SEBASTIAM, qu'alta eſcritura

Encherá, começando por tua guia

Obedecer aos Ceos, a elle a ventura.

Enxuguem-ſe teus olhos, já ſe cria,

A quem tu ſerás Neſtor, quem da terra

Tarde aos Ceos ſubirá, luz, e alegria

Do Mundo, grande em paz, e grande em guerra.

NA MORTE DE DIOGO DE BETANCOR.

E L E G I A II.

Darei choros, ou cantos á tua morte
 Meu Betancor? á tua verde idade
 Direi ditosa, ou triste a dura sorte?
 Lagrimas pede minha saudade,
 É aquelle amor tam vivo, inteiro, e puro,
 Que fez de ti, e de mim hũa só vontade.
 Como será meu coração tam duro,
 Que te não chame, que te não suspire,
 Pois sem ti acho todo este ar escuro?
 Que cousa pôde vir, que mude, ou tire
 A lembrança de ti, meu doce amigo?
 Que cousa, a que já ledo os olhos vire?
 Chorarei eu, e choraráõ comigo
 Musas, Graças, brandura, e cortesia,
 E tudo o mais, que se nos foy contigo.
 Aquella alta esperança, que crescia
 Cada vez mais do teu divino espirito,
 Como nos enganou nossa alegria!
 Tu alçaras ao longe hum alto grito
 De gloriosa fama; em toda a parte
 Se cantára teu nome, e teu escrito.
 Aquelle raro ingenho de tanta arte,
 Tanto estudo, e doutrina culto, e ornado
 Que versos dera a Amor, que canto a Marte!
 Aquelle raro ingenho tam criado
 No vosso seo dos primeiros dias
 Por vós, ó Musas, fora coroado.
 Já crescias nova Hera, já crescias
 Novo Laureiro pera dar coroa
 A quem tam justamente te devias.

Quera

Quem a Mantua fizera igual Lisboa,
 Quem a corrente de Arno dera ao Têjo,
 E a doce frauta, qu'em Arcadia soa.
 Com que doce facundia, e bom despejo
 Soára a viva voz na verdadeira
 Doutrina, a que aspirava seu desejo!
 Que caminho tam chão, que tal carreira
 Hias, meu Betancor, ledo correndo,
 S'a morte não corrêra mais ligeira!
 Foy sempre a clara luz resplandecendo
 Do fogo em ti aceso, alto, e divino,
 Que tantos bens nos hia promettendo.
 Sprito raro, de mil annos digno,
 Todo de Deos, e de saber composto
 Julgaste o meu amor do teu indigno?
 Levaste-me da vida o doce gosto
 Que teu tam brando amor de si me dava,
 Fico eu sem ti, como em deserto posto.
 Quanta parte des's'alma tua tomava
 Esta minh'alma, tanta me falece
 Da vida, que contigo m'alegrava.
 Agora em mágoa minha reverdece
 O alegre tempo já tam bem vivido,
 Que tam doces memorias m'offerece.
 Quando tam bem cantado, e bem ouvido
 Era de nós teu verso culto, e brando
 Digno de ser em toda parte lido.
 Estavam as brandas Nymphas escuitando
 Do Mondego então ledo, hora saudoso,
 Qu'o seu bom Betancor estão chamando.
 Torna, ah torna, bom sprito, ao amoroso
 Seo das Nymphas, que te tal criaram,
 Das suas flores, e agoas tam mimoso.
 Como cruel? assi em vão t'ornáram
 Dos melhores dões seus? assi t'alçaste

Ingrato, co qu'em ti enthesouráram?

Ah torna (dizem) qu'inda não levaste

A coróa devida a essas tuas fronte.

Affi nossos amores desprezaste?

Quantos valles pisamos, quantos montes,

Meu Betancor, colhendoervas, e flores!

Quantos rios bebemos, quantas fontes!

Hora cantando a vida dos Pastores,

Que tu amavas tanto: hora escrevendo

Nos tenros troncos nossos bons amores.

Outr'hora hum ouvindo, outro dizendo

Aquelles são conselhos, bons segredos,

Com que hũ'alma, a outra alma estava vendo.

Ouidos só dos Ceos, e dos penedos,

Das mansas aves, e das agoas claras,

Que nós ambos banhavam, estando quedos.

Quantas verdades, e sumprezas claras

Guardareis sempre em vós, bosques sombrios.

Ditoso tempo, se me mais duráras!

Em fim ao rio a fonte, ao mar os rios

Correm; mas mais ligeiras nossas vidas,

Que affi nos pendem de tam fracos fios!

Mas não se dirá nunca que perdidas

Foram no Mundo tuas breves horas,

Antes em melhor vida convertidas.

Ditoso tu, meu Betancor, que moras

Na eterna vida, na luz sempre clara,

Onde o summo bem sempre vês, adoras!

Quem fora tam ditoso, que cortára

Contigo est'alto mar, fugindo o pego,

E contigo batendo alas, voára!

Ah que duro deserto, e carcer cego

Fugiste, alma ditosa, e bem levada

A gloria, que eu chorando, mal te nego.

Antes será de mi sempre cantada

A ditosa hora, que tam levemente
 Te passou a essa eterna, alta morada.
 De boca em boca irá, de gente em gente
 Sempre vivo teu nome. E aquelle dia,
 Que aos altos Ceos voaste eternamente,
 M'encherà de faudade, e de alegria.

A M A Y O.

E L E G I A III.

V Em Mayo de mil hervas, de mil flores
 As frontes coroado, e riso, e canto,
 Com Venus, com Cupido, cos Amores.
 Vença o prazer á dor, o riso ao pranto,
 Vá-se longe daqui cuidado duro,
 Em quanto o lédo mez de Venus canto.
 Eis mais alva a menham, mais claro, e puro
 Do Sol o rayo: eis correm mais fermosas
 Nuvés afugentando o ar grosso, e escuro.
 Sae a branda Diana entre as lumiosas
 Estrellas tal, qual já ao pastor fermoso
 Veo pagar mil horas faudosas.
 Mar brando, sereno ar, campo cheiroso,
 Foge a Tristeza, o Prazer folto voa,
 O dia mais dourado, e vagaroso.
 Tecendo as Graças vão nova coroa
 De Myrtho á mãy, ao filho mil Spritos,
 O fogo resplandece, a aljaba soa.
 Mil versos, e mil vozes, e mil gritos
 Todos de doce amor, e de brandura,
 Hús s'ouvem, hús nos troncos ficam escritos.
 Ali soberba vem a Fermosura,
 Apôs ella a Affeição cega, e cativa
 Quanto húa mais chorosa, outra mais dura.

Ah manda Amor assi: assi quer que viva
Contente a triste, do que seu Deos manda,
Deseja inda mais dor, pena mais viva.
Mas quanto o moço encruece, a máy abranda,
Ella a peçonha, e o fogo lhe tempéra:
Assi senhora de mil almas anda.
Ali o Engano em seu mal cego espera
Hú'hora doce: ali o Encolhimento
Sem causa de si mesmo defespera.
Aos olhos vem atado o Pensamento,
Não voa a mais qu'ao qu'ali tem presente,
E em tanto mal, tudo he contentamento.
Em riso, em festa corre a léda gente.
Tras o fermoso fogo, em que sempr'arde,
Cada hum, quanto mais arde, mais contente.
Manda Venus ao Sol menham, e tarde
Que seus crespos cabellos loure, e estenda,
Qu'em vir s'apresse, qu'em se tornar tarde.
Ao brando Norte, que assopre, e defenda
Do ardor da fésta a branda companhia,
Em quanto alçam de Myrtho fresca tenda.
Corre por toda parte clara, e fria
Agoa: cae doce sombra do alto Louro,
Canta toda ave canto d'alegria.
Ella a neve descobre, e solta o ouro:
Banham-na as Graças na mais clara fonte;
Aparece d'Amor rico thesouro.
Caem mil flores da dourada fronte,
Arde d'Amor o bosque, arde a alta serra,
Aos olhos reverdece o campo, e o monte.
Depende Amor seus tiros, nenhum erra,
Mil de baixo metal, algum do fino,
Fica de seus despojos chea a terra.
Vencida d'húa molher, e d'hum minino.

A D. L U I Z F E R N A N D E S
 DE V A S C O N C E L L O S ,
 V I N D O D A I N D I A .

E L E G I A III:

C Laríssimo Luiz , a nova vida
 Por comũs rogos bons cá bem tornado ,
 Fique a fortuna má sempre vencida.
 De todos igualmente desejado ,
 Alegre a todos vês , e às Musas brandas ,
 Que tu cantas também , de que és cantado.
 Em quanto d'hum naufragio em outro andas
 Das ondas , e dos ventos revolvido ,
 E lentas esperanças de ti mandas ,
 Outro Grego , ou Troyano não vencido
 Dos seus duros trabalhos , nos tornaste
 Assim inda mais claro , e conhecido.
 Da fortuna , e dos ventos triumphaste
 Igual áquelles animosos peitos :
 E como ouro no fogo , o teu provaste.
 Não frias sombras , não os brandos leitos
 Altos spritos provam : que ociosos
 Se gastam , e como em cinza estão desfeitos.
 Melhor comprados foram , mais custosos
 Aquelles nomes altos , que inda soam ,
 Dos que virtude , e esforço fez famosos.
 Inda entre nós de boca em boca voam
 De tanto tempo já os spritos puros :
 Inda de verdes folhas se coroam.
 Por duras armas , por trabalhos duros
 Varios costumes , varias gentes vendo
 Tornáram inda erguer fermosos muros.

Hora a furia do bravo mar rompendo ,
Hora os lançava a forte á praya imiga
Quanto môres perigos , mais vencendo.
Pódes entrar , Luiz , na historia antiga
De tantos da fortuna vencedores ,
Que já ao teu alto sprito se fogiga.
Rico vens de trabalhos , e lóuvores
Dignos dessa constancia inteira , e forte
Rara nos grandes Reys , e Emperadores,
Mil vezes posto em duvidosa sorte
Fizeste só ajudado do teu sprito
Enganos illustriſſimos á morte.
Serás cantado pois , serás eſcrito
Entre os claros spritos d'alta fama ,
De que inda tanto ouvimos , tanto he dito.
Nova luz deſte á glorioſa chãma
Em que os claros avós teus ſempre ardêram ,
Que já a teus filhos altamente chama.
Tu pois os juſtos fados te volvêram
A tantos olhos de ti ſaudoſos ,
E ós honroſos trabalhos fim poſeram ,
Deſcanſa já nos braços amoroſos
De quantos com amor te ſuſpiravam ,
E vive doces dias ocioſos.
Por ti as Muſas triftes não cantavam ;
Novos cantos entoam , novas liras
Para a tua léda vinda te guardavam.
Deixa as iras de Marte , deixa as iras
Do furioſo mar , e bravos ventos ,
Em que mais males viſte , dos que ouvíras.
Quieta agora os altos penſamentos.
Tuas armas pondura : enxuga as roupas.
Logra com paz teus bons contentamentos ,
Bem deves á tua vida , ſe a bem poupas.

A PERO D'ANDRADE CAMINHA
EM REPOSTA DOUTRA SUA.

E L E G I A V.

N Aõ tinha visto Sol daquelle dia,
Qu'õ meu se me eclypsou, deixando escuro,
Quanto d'antes alegre, e claro via.
Nem meu sprito, que no golpe duro
De todo me cahio, podia alçar-se:
Nem achava á sua dor lugar seguro.
E esta alma desejosa de soltar-se
Deste carcer cruel, qu'a tem forçada,
Tentava por si mesma desfatar-se.
Assi lhe ficou viva, assi entalhada,
Mais qu'em duro metal, ou em diamante
Aquella de mim nunca affaz chorada.
Quando hũa nova luz se pôs diante
Dos meus olhos, qual vem a menham clara,
Rompendo as grossas nuvês de Levante.
Eu digo aquella doce, aquella rara
Melodia do teu verso tam brando,
Cujo suave som todo ar aclara.
Aquella luz fermosa olhos alçando,
Vi novo dia, e Sol, que com seu rayo
A triste noite m'hia afugentando.
E inda prevando erguer-me, Andrade, cayo,
Combate ao fraco sprito a dor antiga:
E como a desafio em campo sayo.
Mostraste á alma estrada cham, que siga,
Conheço, amigo, minha grã fraqueza,
De todo seu remedio cruel imiga.
Armado tinha o peito de dureza
Contra mim mesmo, e contra a poderosa,

E commum ley da humana natureza.
 Aspera sempre, e então mais rigurosa,
 Quando hum amor de duas almas parte,
 Contra a que fica menos piadosa.
 Andrade, que farey? qu'a melhor parte
 De mim perdi; hay pera sempre triste,
 Que cobrá-la não val já força, ou arte!
 Aquelle doce fogo, em que me viste
 Contento arder soberbo do meu fado,
 A que já cantos mil alçar me ouviste:
 Aquelle nó, que docemente atado
 Me tinha em suave jugo, em prisão léda,
 Tam cruelmente assi me foy cortado!
 Quem de tam alto deu tam triste quéda?
 Ficando só por seu remedio a morte?
 Quem suas justas lagrimas lhe veda?
 E qual ferá hum coração tam forte,
 Antes barbaro, cru, e adamantino,
 Que golpe tam cruel não quebre, ou córte?
 E pude eu ver, Marilia, o teu divino
 Sprito d'amor todo, e de brandura
 Desemparrar teu peito d'elle digno?
 E pude eu ver aquella fermosura
 Dos teus olhos, qu'os ares serenava,
 Ficar-me assi ante os olhos céga, e efcura?
 E aquella doce voz, que m'encantava
 En re rubis formada, e perlas finas
 Qu'os mais furiosos ventos abrandava,
 E mil outras, não humanas, mas divinas
 Graças assi enterradas num momento,
 Que de mil annos pareciam dignas?
 Ah falsos bens! quem crêra qu'eram vento
 Tantas verdades, tantos bons amores
 Inda d'outros mayores fundamento?
 Crescei mágoas cruéis, e crescei dores,

Quebrai o vagoroso, e triste fio,
 Qu'alonga a cruel Parca em seus labores.
 Levou-me a dôr, Andrade, mas confio
 Que perdoarás á força do costume,
 Mais poderosa, quando a contrario.
 Vi com tua claridade novo lume,
 Abrio-se-me o Ceo todo, e ali vi escrito
 Quanto teu douto verso me resume.
 Alcei os olhos c'um piadoso grito,
 Pequei, disse, senhor: usai piedade:
 E deça novo esforço ao fraco sprito.
 Vença a razão a tam cega vontade,
 Levante hum alto muro de paciencia,
 Deixe já as sombras vãs pola verdade.
 O qu'o tempo obra ao longe, obre a prudencia
 Com cedo: (assi me dizes) nisso posto
 Faço já á minha dor mais resistencia.
 Enxugo os olhos, contrafaço o rosto,
 O fogo porém dentro lavra, e arde.
 Est'he da minha vida o só meu gosto.
 Foge-me a morte; mas por mais que tarde,
 Esta alma em sua prizão sua hora espera,
 Que pois não veo então já me vem tarde.
 Quem m'aquella ditosa estrellá dera
 Dos teus tam sanctos pays, qu'ambos hũ'hora
 Juntou nos Ceos em mór amor do qu'era!
 Quem se já visse onde Marilia môra!
 Lá nos Ceos mais amiga, e mais fermosa:
 Qu'outra cousa suspira est'alma, ou chora?
 Inda a vejo de mim lá faudosa,
 O caminho me mostra, a mão m'estende,
 Toda risonha, e toda graciosa.
 E o rayo aparta, que me a vista offende
 Daquella claridade Impiria, e nova,
 Qu'olho mortal não vê cá, nem comprehende.

São (me diz) sanctas obras certa prôva
 D'alma, qu'este lugar alto deseja.
 Deixa lagrimas vás, a alma renova.
 Se m'amas (amigo) o amor seja
 Confervares lá bem tua vida pura
 Té qu'o Senhor te chame, e eu cá te veja.
 Aquella, que chamavas fermosura,
 Foy sombra vam, tornou-se, o qu'era, em terra.
 Outros mais altos bens de cá procura:
 Aos falsos bens do Mundo os olhos cerra.

A AFONSO D'ALBOQUERQUE
 EM LOUVOR DOS COMMENTARIOS,
 que compôs dos grandes feitos de seu pay.

E L E G I A VI.

A Fonso d'Albuquerque, por ti escrito
 Teu clarissimo pay vive, e florece,
 De quem co nome herdaste es'alto sprito:
 E o teu branco Carvalho reverdece
 De mais fermosas folhas, novas flores,
 De que inda seu real tronco se guarnece.
 Fizeste teus, os seus claros louvores,
 Dando-lhe eterno assento entre a memoria
 Dos grandes Capitães, e Emperadores.
 E renovaste nelle a antiga historia
 Do grande Macedonio, que parece
 Mostrar inveja desta nova gloria.
 Com quanto já de longe resplandece
 Seu rayo, e a tua nua, e cham pintura
 Nova aos olhos do Mundo se offerce,
 Vestida de sua propria fermosura,
 Não de outras cores vans, e lisongeiras

Aparece a verdade clara, e pura.
 Testemunhas serão as Reaes bandeiras,
 Que vencedoras vio o Sol Oriente
 Lá nas prayas do mar mais derradeiras.
 De Persia, e Arabia a tributaria gente
 Viram de seu despojo as prayas cheas,
 E do barbaro sangue a grá corrente.
 Turvaram o Nilo, o Gange, o Hydaspes as veas
 Vendo altas fortalezas levantadas,
 E o vencedor pendão entr'as ameas.
 De Méca as portas té então cerradas
 Tremêram ver-se, não sómente abertas,
 Mas do grande Alboquerque conquistadas.
 Quantas Ilhas, e terras descubertas
 Foram por elle ao Mundo? quantas minas
 D'ouro té li a todos encubertas?
 Quem mais gloriosas fez as Reaes Quinas?
 Quem o Portuguez nome mais famoso
 Com mais victorias de triumpho dignas?
 Cusado Capitão, e venturoso,
 S'a morte não cortára teus intentos,
 Que fruto inda nos déras tam fermoso!
 A ti se devem os altos fundamentos
 Do Oriental Imperio, qu'inda dura
 Firme entre tanto mar, e tantos ventos.
 Não pode a inveja a clara fermosura
 Escurecer da tua viva fama,
 Por mais que contra ti s'armasse dura.
 Rompeo o rayo da tua alta chamma
 As vãs nevoas: venceste, e vê s'agora
 O teu tam alto sprito, qu'o Mundo ama.
 Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora
 Dos seus bõs Capitães premios escuros:
 E mortos os suspira, honra, e adora.
 Quantos trophéos alçados, quantos muros

Rotos a suas victorias se trocaram
 Depois a muitos em defferros duros!
 Nunca igualmente se galardoaram
 Em vida os altos feitos: só na morte
 Seu verdadeiro premio, e honra acharam.
 Louvou-se, agora espanta o peito forte
 Do teu illustre pay, a alta paciencia,
 Qu'em tudo lhe deu tam ditosa forte!
 Espanta a ousadia com a prudencia,
 Que juntas nelle igualmente venciam,
 A constancia, a justiça, a continencia.
 Desprezando as vãs vozes, que impediam
 O nosso bem, tudo venceo soffrendo;
 Que premios a este Fabio se deviam?
 Quanto suou, quanto soffreo vivendo
 Tu lho pagaste agora, filho digno
 De tal pay, que immortal foste fazendo.
 Não falo no alto premio, que ao divino
 Sprito seu nos Ceos lhe será dado,
 De que por obras não parece indigno:
 Falo na terra, em que nenhum estado,
 Nenhum titulo illustre igual seria
 A honra de o ter tambem ganhado.
 Toda piedade, e amor, que se devia
 De tal filho a tal pay, tens bem comprido,
 Tornando-lhe a sua noite em claro dia.
 Não está toda honra no sepulchro erguido.
 Mausoléos aos mortos não dão vida,
 Que em fim tudo por tempo he consumido:
 Mais he vencer o tempo, e ter erguida
 Hũa viva estatua contra a morte, e della
 Triumphar. D'ambos já fica vencida,
 D'ambos direi ditosa a clara estrellá.

A M O R F U G I D O .

D E M O S C H O .

E L E G I A V I I .

COrrendo os prados vay, correndo os montes
 Cabello solto ao vento, dos pés nua,
 Deixados os seus banhos, e suas fontes,
 Em busca de Cupido a triste sua
 Máy, e cativa Venus, voz em grito,
 Suspira, e chora, e cansa, e geme, e sua.
 O filho, minhas forças, meu sprito,
 (Grita) meu só poder, minha alegria,
 Por quem meu nome he tam cantado, e escrito!
 Onde te foste assi cego, e sem guia?
 Onde minino, e só por mil desertos
 Meu só prazer, e doce companhia?
 Em toda parte tens imigos certos,
 E tu voando vás com as leves pennas,
 Não deixam rasto teus passos incertos.
 Assi deixaste Nimphas, e Camenas?
 Assi meus doces cantos, e instrumentos?
 As fontes frias, ribeiras amenas?
 Tornay-me meu Amor, se o levas ventos.
 Tornay-me meu Amor, se o banhães agoas.
 Soltay-mo, se o lá tendes, pensamentos.
 As frias neves, as ardentes fragoas,
 Em que tremeis, e ardeis; temperarey,
 Doam-vos os que ouvís-as minhas mágoas.
 Nimphas, por hum prazer, mil vos darey.
 Faunos, eu pagarey vossos amores.
 Tornay-me o Amor, que eu vo-lo tornarey.
 Abri vossas choupanas, meus Pastores,
 Descobri-me, se o tendes, meu thesouro,

Eu o farey piadoso a vossas dores.
 Bons sinaes tem meu filho: crespo, e louro,
 Não muito alvo do corpo, a cor parece
 De vivo fogo; e leva aljava d'ouro.
 Quem inda o não vio bem, nem o conhece
 Não crea á sua idade, á sua brandura,
 Quando mais manso está, mais s'encrucece:
 Velho na idade, moço na figura,
 Joga, graceja, e ri; e entre riso, e graça
 Almas fere; as feridas são sem cura.
 Não ha virtude, que não contrafaça,
 E nelle não ha virtude, nem vergonha,
 E sempre busca onde mór mal vos faça.
 Pequeno corpo, grande, e má peçonha,
 Braço pequeno, a força de Gigante,
 Cego, e não erra onde sua sêta ponha.
 Quem ha, a quem sua mão destra não espante?
 De que treme inda lá o Reino escuro?
 Tu Proserpina o dize, Orpheo o cante.
 Tem asas, com que voa pelo ar puro.
 Assi voando vay, e vay ferindo,
 Não val defença, ou arma, ou forte muro.
 D'húa parte, e d'outra vão caindo
 Mil mortos, mil feridos, chea a terra,
 Os clamores em vão aos Ceos sobindo.
 He nú, e pobre, vive da sua guerra;
 E sendo a todos tam claro perigo,
 Quem menos o ama, e honra, cuida qu'erra.
 Tambem da propria máy sua he imigo.
 Como? e não me ferio? pois entregay-mo,
 Que nunca fareis d'elle bom amigo.
 S'acertardes de o aver á mão, atay-mo,
 Não ajaes de suas lagrymas piedade,
 Que chora, quando quer, chorando day-mo:
 Nem com branduras vos mude a vontade:

Então lhe lançai mais fortes cadeas,
 Olhay, qu'essa brandura he crueldade.
 Que vos prometta os mares, e as areas,
 Não lho creaes, não lhe queiraes seu bejo,
 Que hi tem o fogo, qu'arde em sangue, e veas,
 E cega os olhos, engana o desejo.

A M O R P E R D I D O .

DE ANACREONTE.

E L E G I A VIII.

ERa alta noite, quando descansava
 Dos trabalhos do dia a humana gente,
 E já á mão de Boote Ursa virava.
 Amor me bate á porta: eu impaciente
 Quem he, digo, o que bate a tam más horas?
 E meu sono me quebra cruelmente?
 Abre-me (diz) quem quer qu'es, qu'aqui moras,
 Qu'eu sou Cupido, que perdido ando
 Por esta escura noite assi a defóras.
 Quem me recolha, e aquente ando buscando
 Morto de frio, da chuva orvalhado:
 Não te temas de mim minino brando.
 Ergo-me á pressa: e de mágoa cortado
 Lume acendo, abro a porta, entra tremendo
 O moço todo frio, e enregelado.
 Vejo que de seus ombros vem pendendo
 Hũa aljaba, vejo arco, e asas vejo,
 De nada disto então me estou temendo.
 Ao fogo o ponho, o enxugo, o abraço, e bejo.
 Aquento-lhe entre as minhas as mãos suas.
 Sirvo com todo amor, e bom desejo.
 Alimpo-lhe a agoa, que das carnes nuas

Dos

Dos seus louros cabellos corre em fio ,
 E soffres (digo) Amor , noites tam cruas ?
 Em quanto o amimo , em quanto delle fio ,
 Está calado , e quedo : e em quanto o fogo
 Lhe aqueenta o brando corpo , e vence o frio .
 Tanto que aquece , toma o arco logo ,
 E provar quero , diz , se danou a agoa
 Meu arco ; e arina-o , como em riso , e jogo .
 Em mim o defarma : em mim hũa viva fragoa
 Se acende : e rindo prestesmente voa ,
 E inda o cruel dá mágoa sobre mágoa .
 Folga , ó hospede (diz) com a nova boa ,
 Que bom levo meu arco : fica embora .
 Mais duro sou do que meu nome soa .
 O bem , que me fizeste , em ti o chora .

A SANTA MARIA MAGDALENA.

E L E G I A IX.

A Quella , a quem foi muito perdoado ,
 Porque amou muito ; o peito em fogo , em agoa
 Os olhos , a alma toda num cuidado ;
 Aquella santa pedra , e viva fragoa
 Do seu amor se vay , os Ceos , e terra
 Enchendo de suspiros , e de mágoa .
 Mas no piadoso zelo a tenção erra
 D'ungir o morto , não de esperar vivo
 Quem fez com a sua á nossa morte guerra .
 Quem com sua prisão o Mundo cativo
 Libertou do poder , e tyrannia
 Do escuro reyno , e fogo sempre vivo .
 O véo do templo roto , em noite o dia ,
 As pedras , o tremor , geral tristeza
 Mais que homem o confessava , e descobria .

Na morte a vida estava, a honra, e riqueza
 Em pobreza, e infamia: a certa gloria
 No mór desprezo posta, mór baixeza.

Mas já os ricos despojos da victoria
 Aos Ceos levára, e abrindo a immortal vida,
 Glorioso fim déra á sua historia.

Já d'aquella luz clara, que escondida
 Andava, os claros rayos seus soltando,
 A santa humanidade era vestida.

MADALENA, que a estrada vay pisando,
 Por onde á morte foy, por quem suspira,
 A alma ao qu'os olhos vem está só dando.

De saudade chea, e chea de ira,
 Do seu amor, da cruel gente féra,
 Daquella terra alma, nem boca tira.

Se por homem só o chora, que fizera
 Alumiada d'outro novo sprito,
 Se quem lho deu despois, então lho déra?

Falece já agoa aos olhos, voz ao grito,
 Arde toda em amor, arde em lembrança
 D'aquelle, que em sua alma traz escrito.

Leva pintada a viva semelhança
 Ante os olhos, do seu rosto fermoso,
 Em que a ira despois fez cruel mudança.

Aqui descabellado, aqui choroso,
 Diz, hia o meu Senhor; aqui despido
 Pareceo ante todos lastimoso.

Co peso da grá Cruz aqui cahido
 De seu sangue, suor, e pó cuberto,
 Aqui entre dous ladroés nella estendido.

Co sprito quebrado, o peito aberto
 Hora cae **MADALENA**, hora esmorece.
 Chega ao sepulchro, Sol já descuberto.

Busca o lugar, a pedra reconhece,
 Quem a revolverá? eis torna ao pranto.

Mas á santa tenção Deos não falece.

Eis a pedra revolta, eis novo espanto :

De neve, e Sol vestido hum Anjo claro

Está sentado no sepulchro santo.

Diz-lhe que refurgio seu doce, e charo

Senhor, e co alma léda vay correndo

Consolar do bom PEDRO o desamparo.

Ella torna com elle, e inda não crendo

Tamanho bem, só fica no moimento

Em vivo fogo os olhos desfazendo.

Ah MARIA, levanta o pensamento.

Porque entre os mortos buscas quem a vida

A terra trouxe, e tem no Ceo o assento?

Aquella piedade concedida

Tam larga a teus errores, como agora

Parece que he de ti mal entendida?

Quem teu Lazaro morto chamou fóra

Da sepultura, já de quatro dias,

Como tua pouca fé por só homem chora?

A quantos olhos luz, a quantos vias

Dar mãos, e pés, e lingoas, que cantando

Delle hiam altas grandezas, que tu crias?

O unguento, que estavas derramando

Sobr'a sua cabeça, não mostrava

Que em vivo já o estava sepultando?

Já aquella grá carreira, que esperava,

Correo com grá victoria o grá Gigante.

Já o templo restaurou, que derribava.

Vencedor glorioso, e triumphante.

A tunica deixando dada em forte

Se vestio d'outra nova de diamante.

Já o vendido Joseph, já o Sansão forte

Preso, o grá Jonas na Balea metido,

He livre, as portas quebra, mata a morte.

Como manso Cordeiro offerecido

Por si á morte, como grão Lião
 Vence o tribu de Juda promettido.
 O sudario, e despojos, que hi vês, dão
 Claro final, que como verdadeiro
 Deos se ergueo Deos, o teu temor he váo.
 E a Galilea, disse, que primeiro
 Iria ter que os seus; da mão direita
 Do pay virá no dia derradeiro.
 Piadoso Senhor, de amor fogeita,
 Inda que baixo amor, s'engana, e cega
 MARIA, mais não vê, mais não sospeita.
 Inda cos cravos teus sua alma préga.
 Representa-lhe a dor, e saudade
 A humana vista, a mais alta lhe nega.
 Mas tu tambem movido de piedade
 Das lagrimas, qu'em ti não são perdidas,
 Lhe enche, do que deseja, sua vontade.
 Não podem, grá Senhor, ser comprehendidas
 Tuas grandezas, entende-las-ha
 Por ti, Deos, logo della serão cridas.
 Chorando no moymento por ti está:
 Mandas teus Anjos, tu tambem pareces.
 Quanto alcança de ti quem se te dá!
 Ah MARIA, quem amas, não conheces?
 Esse he o grande hortelão, o que planta a vinha,
 Em que tu teu jornal tambem mereces.
 Tal fórma á tua fraca fé convinha,
 A vista se t'encobre, á voz s'aclara,
 A voz, qu'em ti tam branda força tinha.
 Aquella fermosura aos Ceos tam chara
 Não a podes tocar té de luz nova
 Teres a vista, e alma inda mais clara.
 Em teu sprito a antiga fé renova.
 Este he o qu'antes solias Deos chamar,
 Torna a seus irmãos já co'alegre nova.

Ditosa, que primeiro a podes dar:
 Por ti sua divindade s'apregoa,
 A elles a humanidade quis mostrar.
 Ditosa, que tam alta, e grã coroa
 De gloria mereceste! ah grande amor,
 Qu'a tanto chega, a tanto sobe, e voa!
 Gloriosa MARIA, esse fervor,
 Em que tua alma ardia, a grã corrente,
 Em que a lavaste pera o grã Senhor,
 Inflamme, e abrande a fria, e dura gente.

D A S E G L O G A S .

A R C H I G A M I A .

E G L O G A I .

Castilio.

Serrano.

NO tempo, qu'o cruel, e furioso
 Imigo dos Pastores, e dos gados,
 Da terra, e das sementes bellicoso
 Marte, segundo contam, por peccados
 Do Mundo, contra o Mundo tam iroso
 Desceo, que té os lugares mais sagrados
 Affi com ferro, e fogo commetteo,
 Que tudo de ira, cinza, e sangue encheo.
 Nas derradeiras partes do Occidente,
 Onde o Sol de cansado se refaz
 De nova luz, pera a tornar á gente
 Donde se parte, que ás escuras jaz,
 E pola que ali deixa, outra excellente
 Leva, e muito mais clara da que traz,
 O pacifico JOAM, e piadoso

Rey-

Reynava então, no Mundo glorioso.
 Eu digo aquelle Rey de grandes Reys,
 Que desde Téjo muito além do Nilo
 Com suas armas obrigou, e leis
 Tomá-lo todos por seu Rey, e servi-lo.
 Filho daquelle, que no mar vereis
 Em Balea sentado, ou Crocodilo
 Em lugar de Neptuno, e seu tridente
 Na mão, como seu Rey, e de sua gente.

Foi este Rey dos Ceos á terra dado
 Para remedio da que se perdia
 Paz já no Mundo: nunca tam cerrado
 Esteve Jano, que d'antes sohia
 Abrir-se a cada passo, no passado
 Tempo, que em ira, e odio todo ardia.
 Assi presa em cadêas teve a guerra,
 Que só paz reinou sempre em sua terra.

Cantavam os Pastores descansados
 Pelos valles, e campos tam seguros,
 De si, e de seus rebanhos descuidados,
 Como quem não temia os mãos, e duros
 Imigos, de que fossem salteados.
 Suas choupanas eram fortes muros.
 Seus versos, e cantigas todas eram
 Louvar o seu bom Rey, que os Ceos lhes déram.

Crescia a grossa espiga, e se segava,
 Depois que já quebrava de madura,
 Daquelle mesma mão, que a semeava:
 Pascia o gado gordo da verdura
 Da serra, que royda se queimava
 Para lhe renovar sua postura,
 As agoas claras tam livres corriam,
 Quam livres caminhantes as bebiam.

O claro Téjo, Douro, Minho, Odiana
 O mar seguramente vão buscando.

Não os seca o imigo, não os dana,
 Lédos vão docemente murmurando.
 O som dos quaes tambem segue Diana,
 Que ao longo com suas Nimphas vay caçando.
 Sohia ali fazê-lo, mas agora
 Em outra parte já com Pallas mora.

Em outra melhor parte, que parece
 Que mais qu'as outras todas lhes convinha;
 Onde o claro Mondego, quando cresce,
 Inveja faz ao mar; onde a Raynha
 Seu templo sacrosancto, que hi parece,
 Com seus milagres honra; onde se vinha
 Tomar antigamente a alta coroa,
 Daquelle, que daqui tomou Lisboa.

Aqui Pallas, e Phebo se sentáram.
 E escolhendo na terra seus assentos
 Os mais doces, e frescos, começaram
 Aos homês levantar os pensamentos
 A cousas, que té li nunca cuidáram
 Cegos só de seus cegos movimentos,
 Os Ceos, e as Estrellas, que não viam,
 Já agora as sabem ver, d'antes as criam.

Mas Venus, que tambem d'antigamente
 Tinha tomado posse dessa terra,
 (Que inda hoje se vê nella o innocente
 Sangue da branda Nimpha, odio, e guerra
 Do pay co filho) triste, e descontente
 Temendo as móres Deosas, a húa Serra
 Se foi co seu minino, e ali esperou
 Té que húa, e outra Deosa a visitou.

Não he nossa tenção tomar-te o teu,
 (Lhe diz Diana) nem Minerva vem
 Pera isso: mas se queres tu, e eu
 Com ella aqui vivamos: não convêm
 Que huma queira roubar á outra o seu;

Quan-

Quanto cada húa de nós todas tem
 Juntemo-lo aqui nesta tua Serra,
 Daqui só mandaremos toda a terra.

E Phebo com seu canto ajudará
 Amar-nos mais a gente, e mais temer-nos.
 Com sua doce lira forçará
 Os Tygres, e Liões obedecer-nos.
 Té que aquella JOANA, que virá,
 Nos force irmo-la ver, em vez de ver-nos.
 Iremos mais seguras, mais honradas
 Todas tres indo juntas, qu'apartadas.

Não póde já tardar, teu filho o sabe,
 Que nunca a deixa, nunca mór façanha
 Fez, que ferí-la: razão he qu'acabe
 De mostrar hum tamanho bem a Hespanha,
 A todo Mundo, ao Mundo todo cabe
 Parte, não he sómente ella, e Alemanha,
 O grande Oceano o diga, diga o Nilo,
 Não podem Eufrates, Gange, e Indo encubri-lo.

Pera vodas tam grandes bem parece
 Que, Venus, já daqui nos percebamos;
 Hum tam alto Himinêo não merece
 Que da maneira d'outros a elle vamos.
 Já Phebo se exercita, já guarnece
 A curva lira, á qual sempre cantamos,
 Irão as nossas Nymphas, vão as tuas
 Cantando ao som da lira as graças suas.

Todas desta maneira concertadas
 Vão-se logo as tres Deosas polas mãos,
 A qual mais alva, e loura, assi travadas
 Com seus rostos alegres, peitos saõs.
 Mui differentes daquellas passadas
 Iras nascidas de appetites vãoos.
 Por onde quer que passam, vão caindo
 Mil flores de qu'ó chão se vay cobrindo.

Aquella fonte antiga, que hum ferrano
 Fez de lagrymas suas (que antes era
 Hum grã penedo duro) Lusitano
 Pastor, que nũa terra se perdêra;
 (Segundo contam) fez-lhe tal engano
 Amor, que nesta fonte o convertêra,
 O corpo em agoa ali ficou desfeito,
 Do sprito não se sabe bem qu'he feito.

A agoa desta fonte vay chorando.
 A quem deixa esquecer o sprito nella
 Parece que por Lesbia vay chamando.
 A quantos acontece yr ter com ella
 Não sey de que se ali vão namorando:
 Não sey que se lhes nasce só de vella.
 Os olhos postos n'agoa, aos pensamentos
 Vem logo hús amorosos movimentos.

As hervas ali mais que em outra parte
 Parece que enverdecem; ali mais cores
 Parece a Natureza que reparte
 Pelas frescas boninas, pelas flores.
 Ali nunca parece que se farte
 De chorar Philomela os crueis amores.
 Ali juntas as Deosas se sentáram,
 E a tudo nova graça acrecentáram.

Pondo seus ricos arcos, e vestidos
 Aquelles brancos corpos nús mostráram-
 Ao Troyano Paris já despídos.
 Os seus cabellos soltos spiráram
 Hum oder, qu'a nenhús mortaes sentidos
 Nunca chegou, e allí na fonte entráram,
 Qu'he d'então pera cá dellas morada
 Mas d'hũa só, das outras emprestada.

Como á sagrada fonte ali cada hora
 Os Pastores vão ter, este suspira
 Este tange, outro canta, o outro chóra,

Todos ali Amor leva, e Amor inspira.
 Ali doce brandura d'almas mora,
 Que todo pensamento baixo tira.
 Doces são os queixumes, doce a dor,
 Doce agoa, doce fogo, e doce amor.
 Serrano aconteceo, que todo hum dia
 S'achou ali como elle costumava,
 O pranto, qu'então fez, derreteria
 De pedra hum coração: bem s'enxergava
 Na terra, qu'ao redor humedecia
 Das agoas, que dos seus olhos lançava.
 Quando o amigo Castilio ali chegou,
 E vendo-o tal, com mágoa assi falou.
Cast. Amor cruel! que já nunca te fartas
 De nossa morte, dize porque assi
 Hum triste coração d'hum corpo apartas?
 Este corpo, que tens lançado ahi,
 Menos te á de servir morto que vivo:
 Dá-lhe alma, e vida ao menos para ti.
 Mas ah que digo eu triste? tambem sirvo
 A quem taes pagas dá: tambem mas dão,
 Hay dôe-se d'hum cativo, outro cativo,
 Serrano amigo, tu não ves o chão,
 Onde estás, que de seco, qu'antes era,
 Tam humido tens feito? dá cá a mão.
 Levanta-te, levanta-te: quisera
 Que te víra tua Lesbia qual estás,
 A ver se a morte, ou sua mão te déra.
Serr. Hay, hay, Castilio amigo, hay.
Cast. Que has?
Serr. Não sey: Parece como que te trazem
 De dentro desta fonte.
Cast. Onde te vás?
Serr. Mas eu estava sonhando.
Cast. Olhay que fazem,

Estes doudos amores; eu diria
Que algús encantamentos nelles jazem.

Serr. Não sey que hora isto foy, que bem te ouvia:
Mas não taberey dar fé de palavra,
Em outro Mundo estava, outro Ceo via.

Que meo me darás pera que eu abra
Este meu peito? e lance delle fóra
Esta peçonha, que assi nelle lavra?

Ves-me aqui vivo, e são: daqui a hñ'hora
Não sey se me verás; vay-se-me a vida
Em fogo, em vento, em agoa, que alma chora.

A memoria de mim trago perdida.
Muitas vezes me busco, não me vejo.
Minh'alma de mim mesmo anda fugida.

Hora aborreço o campo, hora o desejo.
A frauta, que me alegra, m'entristece,
Eu a mim mesmo ás vezes me fou pejo.

Vês tu essa herva como reverdece
Co orvalho fresco, e quanto mais á fonte
Se chega, tanto mais verde parece?

Vês o rio, que vay de monte a monte
Carregado de roubos, e queixumes,
Que hora ameaça, hora não sofre a ponte?

Vês agora n'aldea bós costumes?
Hūs rostos brandos, riso, e bom amor
Fora de más sospeitas de ciumes?

Verás daqui a pouco vir o ardor
Do Sol, queimar as hervas, e secar-se
O rio, o campo, a herva, a folha, a flor.

Verás na nossa aldea vir mudar-se
Aquelle livre, aquella boa foltura
De vida, em hum d'outro não fiar-se.

Que poderás já ver, que tenha dura?
Muda-se o tempo, e o Ceo. O gado hora anda
Morrendo-te de fome, hora em fartura.

A que dizes hora isso? me demanda:

Digo, Castilio, qu'eu só vivo firme

Em minha dura estrella, que me manda.

Que já cuidei daqui por vezes yr-me,

Em o cuidar sómente me tornava.

Morria já, sem me partir, por vir-me.

O corpo como yria, onde ficava

Presa, e cativa est'alma já de tanto?

Ria-me então de como m'enganava.

Esta fonte ouvio hoje aqui meu pranto:

E como se o sentisse, parecia

Qu'ajudava entoar tam triste canto.

Hora fazia pausa, hora corria

Com murmurio hora grave, e hora agudo,

Differas qu'algum sprito ali avia.

Em fim cansey. Estive hum espaço mudo.

Tornei a cometter yr mais avante,

Não pude: antes perdi o tento a tudo.

Cast. Agora creio que nada ha, qu'espante

A quem muito ouve, ou vê. Já ouvi dizer

D'hãa ave, que não morre, sem que cante.

D'outra tambem, que quando quer morrer

Ajunta os páos, com as asas fere o fogo,

Queima-se ali, e dali torna a nascer.

Tomava eu isto, quando o ouvia logo

Por fabula, e por graça: senão quando

Eu mesmo hum dia vim cahir no jogo.

Este meu fogo (dizia eu) em que ando,

Quem mo faz hora? eu mesmo qué me inflâma?

Eu: eu o atico, eu me vou queimando.

Dos olhos de Crinaura nasce a chamma,

Em qu'eu ardendo estou nas prisoês d'ouro,

Qu'Amor cabellos faliamente chama.

Nunca já de mim foy o bravo Touro

Apartado das vacas tam temido

Em campo raso sem Carvalho, ou Louro.
 Nunca o espantoso Lobo perseguido
 Dos importunos Caes, o Porco fero,
 Que escumando vem sangue embrayecido,
 Como me he seu rosto: ás vezes quero
 Esperá-lo, não posso; logo cayo.
 Ali então da vida defespereio.
 Vejo tornar cad'anno o alegre Mayo
 Vestido de mil flores de alegria
 Hês se alegram d'o ver, mas eu desmayo.
 Leva-me a morte logo á fonte fria,
 Ali em meu canto triste me desfazo,
 Que inveja áquella triste ave faria.
 Mas não sey como dahi a pouco nasço
 De novo tal, que eu mesmo me pergunto
 Quem sou, que busco, ou quero aqui, que faço?
 Ditoso aquelle, a que algũ'hora junto
 Veo todo seu mal, e já acabou;
 Mas eu nem vivo sou, nem sou defunto.
Serr. E nunca ouviste tu, que o mar gerou
 D'Amor a cruel máy? porque t'espantas,
 Se a cruel condição do mar tomou?
 Quando tu na bonança alegre cantas
 (Se algũ'hora a tiveste) eis vem as ondas
 Mais altas do que tu tua voz levantas.
 Vay hora então buscar onde te escondas
 Daquella furiosa tempestade;
 Nem com quem fales ha, nem a quem respondas.
Cast. Quando de dentro d'agoa, ó crueldade!
 Nasceo o fogo, que nos vay queimando,
 Que remedio esperamos? que piedade?
 Mas conta-me o teu sonho; assi enganando
 A dor desta cruel chãma estaremos,
 O pensamento ao duro Amor furtando.
Serr. Pera mór nosso mal lho furtaremos,

Porque acode despois tam furioso,
 Que quer que todo tempo lhe paguemos.
 Mas este sonho, amigo, milagroso
 Dirás que he. Parecia que no centro
 D'essa fonte lá dentro me levavam,
 Como que m'enganavam; mas diziam
 Duas Nimphas, que me hiam acompanhando,
 Serrano, não chorando, mas contente,
 E rindo has de ir á gente, que te chama,
 Pera dares cá fama do que vires.
 D'em tanto prazer rires não tens culpa,
 Que o tempo te desculpa. Eu me calava,
 Porque assi me espantava do que via
 Que quasi o não cria. Ao pé do monte
 Debaixo desta fonte solapado,
 Não sey como levado fui das duas
 Nimphas, que pelas suas mãos me tinham,
 Ellas sós me sostinham, e me guiaram
 Até que me deixáram onde estendendo
 Minha vista, tremendo, a todas partes,
 Vi cousas d'outras artes, e maneiras
 Tam novas, e estrangeiras, como era
 Estar a Primavera ali metida
 Assi como escondida. Tal verdura
 Em campo, nem pintura não parece,
 Qual dentro ali florece. Hum campo chão
 Morada do Verão, das mais fermosas
 Hervas, e mais cheirosas flores cheo
 Se faz ali: e no meo está esta fonte
 Cercada do alto monte, que ó redor
 Parece muito mór do que cá agora
 A vista vê por fóra. Ali nascia
 Esta agoa núa pia de cristal
 Laurada de hum metal mais fino que ouro;
 De Palma, Myrtho, e Louro rodeada,

E húa ave namorada em cada ramo,
 (Eu sonho a isto não chamo) assi cantavam
 Que todo ar serenavam. Ao doce canto
 Floreciam entre tanto novas flores
 Pintadas de mil cores; e hús spritos,
 Amorosos spritos! qu'inspiravam
 Por todo ar, que voavam, doce amor:
 Ali gado, ou Pastor nunca chegára,
 Que logo s'enxergára nas pégadas.
 Nunca foram pisadas, nem colhidas
 Aquellas bem nascidas hervas, plantas
 De differenças tantas, nem geada,
 Nem do Sol tinha entrada ali o rayo.
 Perpetuo Abril, e Mayo pareciam
 Que sempre ali viviam. Húa daquellas
 Ou Nymphas, ou Donzellas, vê, pastor,
 Dizia, sem temor o que quiseres,
 Que aqui só ha mulheres, não recees,
 Ry, folga, não prantees, como fazes;
 Aqui Amor, e pazes, e prazeres
 Vivem; vês os tangeres, que lá soam
 Quam docemente toam? Nymphas são
 Das Deosas, que aqui estão Pallas, Diana,
 E Venus, que a JOANA, que já vem,
 Fazem festa. Porém tu estás cansado:
 Daqui lédo, e deitado ouvirás tudo.
 Ficava eu como mudo. Ella então se hia
 Aquella companhia, que chegava
 A fonte, onde eu estava. Vinham todas
 Como a celebrar vodas, com capellas
 De Myrtho as Nymphas bellas, porém mais
 As tres Deosas sós tais, que quem as vira,
 Nos rostos presumira que elles eram.
 A mim porém me déram sobressalto,
 Que do juizo salto assi á primeira

No rosto, e na manciça Venus tive
 Por Lesbia; mas retive-me, e entre tanto
 Co doce som, e co canto se sentáram
 Todas, como chegáram ao redor d'agoa.
 Que dor, que mal, que mágoa senteria,
 Quem visse que tangia num psalterio
 Minerva, e c'um pandeiro concertava,
 Que hora Venus tocava, hora acodia
 Com sua voz? Corria a fonte clara,
 Em qu'a Deosa inspirára ao mesmo ponto,
 Tam certa no seu conto, que já mais
 Deixáram de ir iguais. Então aquellas
 Nymphas louras, e bellas começáram,
 Qu'as Deosas lho mandáram, hum novo canto,
 De qu'eu de puro espanto arrebatado
 Fiquei como encantado. E só m'achava
 Lá onde o Téjo lava a grã cidade,
 Qu'em toda a Christandade espanta, e soa,
 Eu digo a alta Lisboa do Occidente
 Raynha, e do Oriente: e parecia
 Qu'entrar no mar o via, e o mar batendo
 Co as ondas, qu'encolhendo hora se vão,
 Hora tornando, dão naquella praya,
 Sem que nunca se faya já d'hum certo
 Ponto. Cheguei-me perto; mas não ley
 Como d'agoa m'achei em hum momento
 Cercado, quando attento, fiquei tal,
 Que co rosto mortal torno fugindo
 Atràs; e inda segundo as ondas me hiam,
 Não fey que me queriam: então tornavam
 Recolher-se, e deixavam descuberto
 Quanto tinham cuberto. Amanheceo,
 Claro o Sol pareceo, e d'outra cor,
 De novo resplandor, e claridade,
 Em qu'hũa divindade conhecêras,

Se teus olhos puséras nelle fitos,
 D'algús sanctos spritos, qu'o moviam,
 E ao Téjo o traziam a se banhar,
 De qu'o Téjo, e grá Mar ficavam taes;
 Tam claros, tam iguaes, que não se viam
 As que dantes se erguiam, ondas bravas.
 Pera onde quer que olhavas, prata vias,
 Taes as agoas dirias. Eis que say
 D'agoa, e soberbo vay em todo estado
 O grá Téjo dourado, em cristallino
 Carro d'ouro mais fino guarnecido.
 De neve seu vestido era, e a partes
 Pedras de novas artes reluziam
 Tanto, qu'os que as viam, assi cegavam
 Que não determinavam bem o qu'era.
 No carro hũa alta Sphera se mostrava.
 Na mão Téjo levava o grá Tridente,
 Que de lá do Oriente lhe mandou,
 Quando se fogeitou Neptuno a elle.
 Vinham derredor d'elle algús Tritões,
 Que com seus ricos dões sempre o vem ver.
 Seu rosto, e parecer logo mostrava
 Qu'este era o que mandava o grande mar.
 Ali se vem juntar a alta Raynha
 Thetis, que tambem vinha á Real festa,
 Como hũa dona honesta, antiga, e grave;
 Vinha entregar a chave do thesouro
 Das ricas perlas, e ouro do Oriente
 A clara, e excellente, e alta JOANA,
 Que como hũa Diana reluzia,
 Com sua companhia álem do Téjo.
 Cega me a luz, que vejo. Eis aparece
 JOANA, o Ceo esclarece: virás ir
 O Téjo a mais partir, mas mansamente
 Com Thetis obediente a presentar-se

Aquella, que chamar-se já começa
 Do grande mar cabeça, a cujo lado
 Vinha o tam nomeado Duque eleito
 Com razão a tal feito alto JOAM,
 De cuja fé, e mão de CARLO a filha
 Do Mundo maravilha se fiava;
 E assi authorizava a magestade
 Real, e a gravidade do alto officio,
 Qu'a quem o via indicio dava claro
 De ser no Mundo raro seu sprito,
 Ao qual nenhum escrito igual seria,
 Neto bem parecia do Rey sancto,
 Do Mundo amor, e espanto JOAM segundo,
 Do grã MESTRE, que o Mundo saudoso
 Deixou de si ditoso filho, e digno.
 Eis já no cristallino carro entrava
 O grã Rey, e passava da outra parte,
 De que Vulcano, e Marte sinaes davam
 Cos fogos, que tiravam temerosos,
 Mas então deleitosos. Téjo viste
 O Téjo em ti, e sentiste o teu grã Rey,
 Por cuja regra, e ley vives, triumphas,
 E tiras ricas trumphas, e coroas
 A Reys por onde soas com grã medo.
 O mar quieto, e quedo num momento,
 Mostrando acatamento a seu senhor
 Com toda honra, e amor o recolhia.
 Elle d'altra alegria o peito cheo
 D'alma lá bem no meo agazalhava
 A filha, que lhe dava o valeroso
 Duque tam glorioso. Logo o Téjo,
 (Inda cuido que o vejo) ás Nimphas manda
 Que em voz suave, e branda derramando
 Mil flores, vão cantando a grã JOANA
 Mais divina, que humana. Parecia

Que a terra, e o Ceo se ria, o Sol dourava:
 E seus rayos mostrava de luz pura.
 A voz, e a fermosura amansando hiam
 Das Nimphas a agoa; viam os que olhavam
 O ouro que mostravam lá nas veas
 Das douradas areas.

Cast. Dize, amigo,

Affi nunca em perigo vêr te queira
 Tua Lesbia, que maneira, que arte tinha
 Esse canto?

Serr. Convinha que eu tivesse,

Ou que Apollo me dêsse hum tal sprito,
 Para que fosse dito com tal graça,
 Que nelle não desfaça. Hora cantavam
 Húas, hora ajudavam, e respondiam
 Outras. Se bem me lembra affi diziam:

Vem claro Phebo a tam dito dia

Dar nova luz das outras diferente;

Vem claro Phebo co resplandecente

Rayo teu aquentar a terra fria.

Vem dar final ó Phebo d'alegria,

Que o Ceo tem de tam sancto ajuntamento,

Mil annos, mil, e cento

Vivam em paz JOAM, com sua JOANA

Affi seja, e será, affi o quer Diana.

Já vem aquella luz tam desejada

Dar nova luz á terra, gloria, e honra;

Já vem aquella Nimpha, de quem se honra

Até a praya do mar mais apartada.

Já vem JOANA tal, qual foi julgada

No monte d'Ida Venus do Pastor,

Pagar aquelle amor,

De que arde quem a espera: venha, venha.

Não chuva, vento, mar, nada a detenha.

Não vedes como logo conformáram

Nos rostos, e nos nomes, nos amores?
 Não vedes como em tam iguaes ardores
 De tam longe hū polo outro se inflamárám?
 Não vedes como os Ceos logo os criáram
 Hum para outro? Hūa só estrella, hū fado
 A ambos está guardado.

Já vem JOANA. Torna a idade d'ouro.
 Nestes ambos tens, Mundo, teu thesouro.

Qual no cerrado horto he a branca Rosa,
 Que nunca foi cheirada, nem colhida,
 E qual a branca neve, que sobida
 Na Serra está tam alva, e tam fermosa,
 Tal vem JOANA, tal vem que invejosa
 Lhe póde ser com suas Nymphas bellas,
 Quando no meo dellas
 Diana fae, Diana assi o confessa.

Depressa vem, mas venha mais depressa.

Por onde quer que vem, se ri a terra.

Por senhora a festeja, e reconhece.

Todo campo, que pisa, reverdece,
 Florido fica o monte, o valle, e a Serra.

Tudo he prazer, e amor. Hā só grá guerra
 Sobre quem mais festejará sua vinda.

E pera mór bem inda

Assi tambem o Ceo vem festejando,

Que Dezembro em Abril fez ir mudando.

Que Principe, e que Rey tam glorioso

Vos nascerá a seus pays tam semelhante!

Dos quaes por muito que já a fama cante,
 Mayor será seu nome, e mais famoso.

Hum Principe fortissimo, e espantoso

Aos Barbaros, que deile estão tremendo,
 Já os altos feitos vendo.

A que não chegam Julios, Paulos, Drusos.

Assi o fiam as Parcas nos seus fusos.

J A N I O

E G L O G A II.

*Pierio.**Aonio.*

VEs o sepulchro triste do feroso
 Pastor roubado ao campo, aos Ceos levado
 Do fado bom para elle, a nós danoso.

Em quanto ao mar tuas redes, eu o gado
 A verd'herva deixamos, co estas flores
 Honremos o chão já d'elle pisado.

JANIO, faudade dos Pastores,
 Da ribeira do Téjo faudade,
 Das Nimphas, dos prazeres, dos Amores:

Honra do campo, gloria desta idade:
 Gracioso nos olhos, branco, e louro,
 Recebe os pobres doés da sam vontade.

Este Cedro, esta Faya, este alto Louro
 A teu nome levanto: escrito seja
 Teu nome, **JANIO**, inda em letras d'ouro:

Com lagrymas de dor, e mágoa veja
 O Caminhante a pedra, que escondendo
 Teu brando corpo está, que o Ceo deseja.

Aonio, assi te estem no mar enchendo
 As Nimphas tua rede, e do perigo
 Das ondas, e do vento a vão sostendo;

Assi na tempestade bom abrigo
 Dem ao teu barco, assi se mostre hũ hora
 Branda a ti Galathea, Amor amigo:

Que aquelles tristes versos, com que chora.
 Nosso Sazio sua dor, se na memoria
 Os tens, como elle n'alma, os cantes hora.

Aon. Renovaste-me a dor da triste historia:

Chovem-me tristes lagrymas dos olhos,
 Co a dor da perda da passada gloria.
 De Cassia, Myrrha, Incenso, tres, tres molhos
 Queima aqui o triste Sazio cada dia,
 O gado cardos pasce, pasce abrolhos.
 Em triste voz, que alma apôs si trazia,
 Ao som das ondas, qu'hiam murmurando,
 Metido núa lapa assi dizia:
 Pastor fermoso, doce, branco, e brando
 De FILIS triste, que tam só deixaste,
 Ouve sua voz, que os ventos vão levando.
 Torna á saudosa praya, que pisaste,
 Torna a este campo, que tam verde, e lédo
 Contigo era, e tam triste já tornaste.
 Aqui a menham rosada, o vento quedo,
 Aqui claras, e brandas sempre as agoas,
 A noite trazias tarde, o dia cedo.
 Pastor fermoso, agora as altas taboas
 Da dura rocha turvam o claro rio,
 Mostrando em suas quédas tristes mágoas.
 Quantas vezes aqui o dourado fio
 Tiravam as brandas Nimphas ao Sol alto
 No frio Inverno, á sombra no Estio!
 Escondeo-as no mar o sobrefalto
 Da tua morte; deixas d'herva o monte,
 E d'agoa o rio, e d'aves já o ar falto.
 Nem arvore dá sombra, nem dá fonte
 Agoa, nem dia o Sol, nem a noite Estrellas,
 Nem ha quem lédo cante, ou de amor conte.
 Quem póde ouvir as aves? quem já vellas?
 Quem as frauias, que em choro o som mudáram,
 Pois tu eras a graça, e o som dellas?
 Nunca despois a verde herva prováram
 Os tristes gados; nunca mais bebêram
 Em agoa clara, desque te choráram.

O branco orvalho os campos já perdêram :

As boninas as cores, e estes prados
De cardos, e d'espinhos já s'enchêram.

Reverdeciam d'antes só olhados

Dos teus olhos fermosos, que os qu'os viam,
Levavam de ti, JANIO, pendurados.

Com teus olhos fermosos floreciam

Os campos, nascia herva; as sementeiras
A ti só parecia que cresciam.

JANIO soavam os bosques, e as ribeiras

De Pastores, e Nymphas tam cantado,
De tua FILIS tristes companheiras.

JANIO de todos, de mim mais chorado;

Quem lembrará sem mágoa as breves horas,
Que com FILIS te via o verde prado?

Em vão FILIS suspiras, em vão choras:

Em vão choramos, chora o mar, e a terra.
Tu, JANIO nosso, lédo nos Ceos moras.

Em luz, em paz, em gloria, já da guerra

Dos barbaros Pastores, já do damno
Dos tempos livre em si o Ceo te encerra.

Não temes lá as espreitas, máo engano

Do Lobo ao simprez gado, em bom descanso.
Vives, em melhor dia, em melhor anno.

Assi cantava Sazio: manso, e manso

As lagrymas corriam: o som, e o canto
O ar calado, o mar tornava manso.

Pier. Igual á triste dor o triste pranto

De Sazio a JANIO: e de sua voz ouvido
A quem não fará mágoa, não espanto?

Olha o meu gado, Aonio, que esquecido

Da verde herva, tam murcho inda parece;
Que he d'elle o brando nome conhecido:

Inda o Ceo se revolve, e s'escurece:

Inda o mar se levanta: vês o vento

Como lá nessas ondas se embravece?
 Em quanto tu cantavas, tudo attento
 Calava: o campo, e o mar; como calaste,
 Em tudo a triste dor fez movimento.
 Com esse hora outro pranto me lembraste,
 Que húa voz triste ao longo desta praya
 Fazia igual, Aonio, ao que cantaste.
 Era então noite escura (inda desmaya
 A alma á lembrança) a voz era cansada,
 Os versos vi cortados nesta Faya.
 ALMA, dizia, ó alma bem levada
 A clara vida, da prizão escura,
 Do teu despojo nua, e desatada:
 Alma toda innocente, toda pura,
 Que debaixo dos Ceos tens Sol, e Lua,
 Olhos n'outra mais alta fermosura.
 Esta praya, em que já por honra tua,
 E de FILIS, mil Nimphas coroadas
 De flores vos cantaram á lira sua,
 Este limo, esta areia, em que afinadas
 Com FILIS nos deixaste as tenras plantas,
 Vistis serão com dor, com amor lembradas.
 Aon. Doce tanges, Pierio, doce cantas,
 Brando na voz, em tua frauta brando.
 Co som deleitas, com a dor espantas.
 Pier. Vai-te á tua rede, Aonio, eu vou levando
 Com lagrymas o gado. Aon. Deos renove
 Outro tempo mais lédo: mas ó quando?
 Pier. A noite ven-se escura, e neva, e chove.

T I T Y R O

E G L O G A III.

*Serrano.**Castalio.*

HUma fresca menham, fria, orvalhosa
 Ao longo do Mondego, que corria
 Com a agoa clara, mansa, e graciosa:
 Quando já o claro rayo reluzia
 Do louro Phebo n'agoa, e começava
 O orvalho derreter, dourar o dia.
 Ao pé de hum grã Ceyceiro rodeava
 O gado de Castalio, e de Serrano,
 Que ambos hum bom amor sempre juntava:
 Mas outro Amor cruel, Amor tyranno
 Os trazia ambos taes, que pareciam
 Dous spritos perdidos tras seu dano.
 Ambos mancebos, ambos se perdiam
 Hum por hús olhos verdes, outro brancos,
 Ambos cantavam sempre, ambos tangiam.
 Diziam que aprendêram de dous Francos.
 Pastores, que com as Musas se créaram
 Dous Linos, dous Orpheos os nossos Francos.
 Bem conhecidos são; Sás se chamáram
 Hum de Menezes; outro de Miranda,
 De que as irmãs, e Phebo s'espantáram.
 E inda hoje entre nós soa a voz tam branda
 Do seu divino canto, que lhe ouvimos,
 Que todo o Ceo aclara, e o ar abranda.
 Ditoos nós, qu'em nosso tempo vimos
 A nomeada Arcadia tam vencida
 Destes nossos Pastores, que seguimos.
 Aconteceo, qu'em quanto era ouvida

De mim hũa bella Nimpha, que cantando
Na vea d'agoa estava mea mettida:

Hum cordeiro dos meus se foy lançando
Para onde ambos estavam, o qu'eu seguindo,
Ouvi Castalio estar-me já chamando.

Tityro amigo, sejas tambem vindo
Como este claro Sol, que nos aqueenta;
Aqui, diz, teu cordeiro veo fugindo.

Deixa o mais gado ao moço: aqui t'assenta,
Não vês esta clara agoa, que nos chama?
Esta herva verde, que se nos presenta?

Aqui se esfria aquella doce chamma,
Que arde em nós sempre: aqui Amor s'engana.
Aqui queres amar quem te desama.

Se o Sol muito apertar, temos choupana
De cannas, e ramada bem cuberta,
Onde nem entra Sol, nem chuva a dana.

Scntey-me. Eis s'ergue entre elles grã referta
De quem tange melhor, ou melhor canta.
A contenda então mais a voz esperta;
Assi hora hum, hora outro a voz levanta.

Serr. Musas, ou vós me day hum verso brando,
Qual a meu Sá, que a Phebo bem se iguala:
Ou s'eu em vão trabalho ir-lhe chegando,
O som me fuja á lira, a voz á fala.

Cast. Pastores, coroa, que vay crescendo,
Este novo poeta de Hera, e flores:
E Magallio de inveja esté morrendo,
Que a todos para si rouba os louvores.

Serr. Meus versos lê meu Sá, minha Musa ama.
E meu Sá versos faz, que Apollo espantam;
A ti, Sá, sempre minha Musa chama.
A ti meus versos rusticos se cantam.

Cast. A quem, Sá, te ama, nunca Apollo negue
Seu divino furor, com que te cante.

E rompa-se Magallio, rompa, e cegue;

E de meus vertos lá entre si se espante.

Serr. O rustico Magallio sem brandura,
Nunca som doce em teus ouvidos soe,

Magallio peito de cortiça dura,

Todo o bom sprito atraz te deixe, e voe.

Cast. Crinaura entre hús salgueiros verdes via:

E sem me vêr, a vista lhe furtava;

Ella em me vendo, ria-se, e fugia.

-E não sey qu'entre dentes me falava.

Serr. Que me aproveita, Lesbia, vêr-te, e amar-te,

E que nem me desprezas, nem defamas,

Se quando a lingua solto, por falar-te,

Volves o rosto, e rustico me chamas?

Cast. Triste a vista he do Lobo ao manso gado,

O chuveiro á seara já madura,

As arvores o vento; a mim o irado

Rosto de Filis tam fermosa, e dura.

Serr. Doce he a chuva á terra desejosa:

Aos cordeiros o prado d'herva cheo:

A abelha o orvalho: á mim Filis fermosa;

Por quem hoje mais claro o dia veo.

Cast. De duas pombas achei hoje hum ninho,

Tuas, Crinaura, são, se as tu quizeres,

E teu será, se o tomo, o branco Arminho;

Clorys mo pedio já, se o tu não queres.

Serr. Dez maçans de cor d'ouro ontem colhidas

A furto num cerrado aqui te tenho.

Para ti, Lesbia, foram escolhidas.

Lesbia, só por te vêr trazer tas venho.

Cast. Dos teus olhos, Crinaura, sae hum rayo

De fogo, que a fria neve acenderá.

Em te vendo arço, sem te vêr desmayo.

Mais doce a morte, vendo-te, será.

Serr. Lesbia cruel, e quanto já averá

Que esta minh'alma ardendo
 Anda afô's ti? e esse teu peito frio
 Me converteo num rio?

Olha como este rio vou enchendo.

Cast. Olha como este rio vou enchendo

De lagrymas, e mágoas.

Das lagrymas se vay todo turvando,
 E das mágoas chorando.

Ah de meu fogo vão ardendo as agoas!

Serr. Ah de meu fogo vão ardendo as agoas!

E tu citás mais fria

Que a fria neve, e mais que pedra dura,
 Em quem agoa acha brandura.

Hum marmore meu pranto desfaria.

Cast. Hum marmore meu pranto desfaria;

E teu peito parece

Que quanto mais, Crinaura cruel, te chamo,
 Quanto mais, te sigo, e amo,

Tanto em ti mais essa dureza cresce.

Serr. Lesbia minha mais que o Sol fermosa,

Mais alva que alva Lua, e mais córada

Que as ardentes estrellas,

E luz de todas ellas,

Mais que as flores de Mayo graciosa,

Estes versos, em que és de mim cantada,

Cortem neste Ceiceyro os bons Pastores,

Crescerá elle, crescereis Amores:

Cast. Crinaura minha mais que o lyrio branca:

Mais vermelha que rosa, e mais ligeira

Pera fugir, que o vento,

De quem seu pensamento

Tirar de ti não pôde, vem, arranca

Est'alma triste, que inda esta he a primeira

Piedade, que usarás com quem a vida

Sempre guardou por ser por ti perdida.

Isto só me lembrou-do que cantáram
 E dali pera cá sempre nos montes
 Os Pastores Castalio nomeáram,
 Faunos nos bosques, Nymphas em suas fontes.

L I L I A.

E G L O G A III.

POr Lilia em vivo fogo Aonio ardia
 Lilia prazer do amor, e nada tinha
 O triste que esperar, e o Amor crescia.
 Entr'hús baixos ulmeiros só se vinha
 De tristes sombras; a alma ali torçada
 Com só chorar, com suspirar detinha.
 Hora em som triste, em voz desconcertada,
 Lilia, que inda que viva, inda que moura,
 O nome ouve, assi delle era chamada:
 Lilia, nimpha branca, nimpha loura,
 O dia nos teus olhos amanhece,
 Dos teus cabellos, Nimpha, o Sol se doura.
 Com tua vista hum novo Abril florece
 Em toda parte: á tua voz se abranda
 O Amor na mór ira, e se adormece.
 Lilia fermosa em tudo, em tudo branda,
 A mim só dura, eu em que errey? em amar-te?
 Amor te me mostrou, e amar me manda.
 Meu descanço só he, Nimpha, cantar-te
 Ao Sol, á sombra, em campo, em bosque, em rio,
 E meu premio, ah! cruel, em vão chamar-te?
 Hora co rosto descórado, e frio
 No ardor do Sol, hora no Inverno ardendo,
 Ou todo chãma, e fogo, ou neve, e frio.
 O cruel Lilia! e não te irá movendo,

Já que a amor não, a piedade hum tanto
 O fogo, que em meus olhos estás vendo?
 Ouve-me, Lilia, por ti só meu canto
 Renovarey, por ti, cruel, meu fogo
 Tenho por doce, e por prazer o pranto.
 Por ti toda outra festa, e riso, e jogo
 Desprezo: por ti sombras, e agoas quero,
 A prazer-te he só, Lilia, aos Ceos meu rogo:
 Não desprezes meus versos, que inda espero
 Com teu nome aos Pastores ensinado
 Dos bosques, amansar-se o Amor fero.
 Tambem eu canto, tambem sou chamado
 Dos Pastores poeta, e eu não os creio,
 Em quanto de ti sou tam desprezado.
 Pois tam rustico sou, Lilia, ou tam feo?
 Pouco ha que me vi n'agoa: a cor mortal,
 Desque te vi, e te chamo em vão, me veo.
 Quanto melhor me fora, pois não val
 Contigo Amor, não deixar nunca a triste
 Filis, inda que a ti em nada igual!
 Choraste, Filis, ah quando me viste
 Partir de ti, e d'alma saudosa
 Suspirando cos olhos me seguiste.
 Alva Filis tambem, não tam fermosa
 O Lilia, não tam loura; porém era
 Inda que de amor livre, piadosa,
 As capellas de Myrtho, Louro, e Hera
 Feitas da minha mão não desprezava,
 Nem os rusticos doês da primavera.
 Já eu hum'hora pera ti juntava
 Diversas hervas, flores, e boninas
 Em que o cheiro melhor se misturava.
 Hervas tratadas só das mãos divinas
 Das Musas, e das Graças, dos Amores,
 Das tuas mãos, e olhos, Lilia, dignas.

Mas não tas ousey dar: em taes tremores
 Me trazes! e chorando as espalhey
 Com mágoa (quando as viram) dos Pastores.
 Quantas vezes quizera, e comecey
 Cantar teu nome, donde tu poderesses
 Ouvir-me, e em começando, me caley!
 Quantas vezes dizia em mim; quizeffes
 Lilia, espreitar-me hū'hora, tu verias
 Sinaes do meu amor, a que fé deffes.
 Se virão tam ditosos alguns dias,
 Que pisando contigo esta verdura
 Traga o coração cheo de alegrias?
 Olha, Nimpha fermosa, que pintura
 De campos, e de Ceos, menhás, e tardes:
 Vem tu acrecentar sua fermosura.
 Solta ao vento os cabellos, não os guardes
 Em vão: estende os olhos pelos prados;
 Vem, Nimpha, foge o dia, vem, não tardes.
 Aqui ao tirar, e recolher dos gados
 Soam as rusticas frautas namoradas
 Dos rusticos Pastores namorados.
 Aqui seguindo eu, Lilia, tuas pisadas,
 Vivendo dos teus olhos te traria
 As maçans brancas, e uvas orvalhadas.
 Das Nimphas hūa te offereceria
 Os cestinhos de Lyrios escolhidos,
 E léda, com tos dar, se tornaria.
 Outra os louros cabellos esparzidos
 Te cingeria de Hera, ou verde Louro,
 Com versos bem cantados, bem tangidos.
 Este seria, ó Lilia, o meu thesouro.
 Mas ah triste, que cuido? estou souhando
 No que desejo, e em vão desejo, e mouro.
 Aonio, Aonio, quem te está enganando?
 Lilia não te ouve, ao vento te desfazes,

Se se ella não mudar, vai te mudando.
Outra acharás, se a Lilia não aprazes.

T E V I O.

E G L O G A V.

Aonio.

Vincio.

Porque, já que aqui ambos nos juntamos;
Meu Vincio, ao pé desta arvore sombria.
Dos nossos bons amores não cantamos?
Serena a menham veo, alegre dia,
Verdeja o campo, ó vento a furia abranda:
Cantemos de Amor só, que Amor nos guia.
Eu ah, da dura Lilia, tu da branda
Celia, ouçam-no os Ceos, ouçam-no os montes,
Oução, se aqui voando o Amor anda.
Verás ao doce nome logo as fontes
Correr mais claras, o Ceo mais sereno,
Lilia, tu de meu canto não te afrontes.
Vinc. Para cantar de Celia o dia he pequeno,
Minha voz baixa; baixo Apollo, e Lino.
E em vão cantarey, pois em vão peno.
Que voz, que som, ó Celia, ao teu divino
Nome se igualará? tu Lilia canta,
De Celia nomear ninguem he digno.
Aon. Como? a tanta ousadia és vindo? a tanta
Cegueira, que Celia ante Lilia ponhas?
Lilia, que Amor co a vista incende, e espanta?
Antes que a mór perigo te desponhas
Toca tua frauta, Vincio, alça teu canto.
Tudo t'apostarey, por mais que ponhas.
Vinc. Inda que não cuidey nunca ousar tanto,

For-

Força-me Amor, e força-me a verdade.

Cantio o meu não será, mas será pranto.

Roubar-te o teu, Aonio, he crueldade.

Baste a vergonha, baste o goſto, e gloria
De mostrar hum do outro a falsidade.

Aon. Eis vem o noſſo Tevio, que a victoria
Julgará juſtamente: Tevio ás Muſas
Novo Apollo, nova honra á ſua memoria.

Já te vejo mudado: já as eſcuſas

Não te aproveitarão. Tevio a contenda

Ouve, e julga entre nós, como bem uſas.

Vinc. Ouve-me, Tevio, e dá-me deſte a emenda

De ſua vam ouſadia, que eu eſpero

Que a voz lhe fuja, e Pallas o reprenda.

Tev. Começay, mas ou Tityro, ou Sincero

Por juiz vos quizera. Aqui deitado

Ao ſom deſta agoa clara ouvir-vos quero.

Calado o campo eſtá, e o manſo gado

Quietamente paſce; Apollo queira

Vir voſſo canto ouvir d'elle inſpirado.

Aon. Lilia, porque tua viſta, que a primeira

Vez me levou tras ſi, me eſtás negando?

Vem, Lilia, ver-te-ey eu, e irey cantando

Teu nome a ſom da fruta, e da ribeira.

Vinc. Celia, porque minh'alma pura, inteira,

Que de mim foge, e a ti ſe vay, voando,

Não recibes? cruel, teu nome brando

Neſta voz ſoará, e na derradeira.

Aon. Quem não vio Lilia, não vio fermofura.

E quem não vio Aonio, não vio fogo.

Moſtrou-lha Amor, e fez-ſe furdo ao rogo,

E Lilia branda aos olhos, á alma dura.

Vinc. Quem a Celia não vio, não vio figura

Da menham clara, ah! vio-a Vincio, e logo

Por Celia ſoſpirou; por riſo, e jogo

Julgou do prado a flor, do Ceo a pintura.

Aon. Sobre esta clara fonte, que vestida
De verde musgo está, dest'alta Faya,
Em quanto Lilia canto, sombra caya,
Com que esté do Sol sempre defendida.

Vinc. A agoa desta ribeira, onde hora ouvida
A branca Celia he, nunca se faya
De sua area, e seixos; mas levay-a
Nimphas, ao doce som desempedida.

Aon. Andava hũa menham colhendo rosas
Lilia, e estava Amor nũa escondido,
Tocando-a Lilia, foi Amor ferido
Das alvas mãos, e faces vergonhosas.

Vinc. Quando a fermosa Celia entre as fermosas
Nimphas parece, Amor fraco, e rendido
Deixa arco, deixa frechas, e corrido
Se vay batendo as asas furiosas.

Aon. Tres forão sempre as Graças nomeadas;
Em quanto a minha Lilia não nasceo;
Tanto que Lilia ao Mundo appareco,
Por quatro são as Graças já contadas.

Vinc. Nove do claro Sol forão chamadas
Sempre as irmãs, que o Mundo conhecco;
Tanto que Celia nos resplandecco,
Por dez são já as irmãs do Sol cantadas.

Aon. Vem Lilia branca, e loura; aqui te chama
O rosado Verão, aqui te cria
Flores o verde prado, e em companhia
D'Aonio as pisarás, que tanto t'ama.

Vinc. Por Celia sou todo agoa, todo chamma:
O monte o sabe, o rio, a noite, o dia.
Celia a meu pranto he dura, ao fogo fria,
Em mim o apaga, Amor, ou Celia inflamma.

Ter. Cesse já dos Pastores de Arno a fama.
Doce me he vosso canto, e doce seja

Meus Pastores, a quem mal vos defama.
 Ambos iguaes no canto, inda ambos veja
 Muitos annos cantar, e vejais cedo
 A alma chea cada hum do que deseja.
 Sem pender d'esperança, nem de medo.

M A G I C A.

E G L O G A VI.

*Licidas.**Menalo.*

DE Licidas, e Menalo Pastores
 O novo canto, que de Amor ouvido,
 Indo pelo ar voando cos Amores
 Ao brando som se diz que foy detido;
 E escondido com elles entre as flores
 Cada hum a mágoa, e lagrymas movido,
 Ao Mundo perdoárão entre tanto,
 De Licidas, e Menalo o som canto.
 Tu Marilia, tu só ingenho, e arte,
 Tu sprito me dás, que inda algũ'hora
 Levantado por ti, por toda a parte
 Ao Mundo mostrará que o que em ti hora
 Tamanho espanto faz, á menor parte
 D'outras tuas não chega: ouve-me agora.
 E esse teu alto sprito hum pouco engana
 Co som da pastoril, e baixa canna.
 Já a grossa, e escura sombra da cubetta
 Terra, co cego rayo começava
 A alva Lua entre as nuvens encuberta
 Apartar pouco, e pouco; e eis se mostrava
 Hora mea, hora toda descuberta,
 Húa nuvena rompia, outra a cerrava:
 Quando cheo de dor, que a alma sentia

Ao pé de hũa Faya Licidas dizia.

Lic. Sae clara, branca Lua, os Ceos serena,
O ar abranda, em quanto aqui vamente
A ti, e aos Ceos me queixo, e a minha pena
Mova ás estrellas mágoa, dor á gente.
E tu meu cruel genio, esta pequena
Tardança da triste alma me consente.
Day montes sempre fé do que me ouvistes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Aqui os valles ouvem, aqui os montes,
Aqui os Pinheiros, e altas Fayas falam,
As mágoas dos Pastores choram as fontes,
Ao som das frautas aves feras calam.
Os rios se detem nas suas pontes,
As arvores co vento não se abalam.
E vós Nimphas ouvi, se amor sentistes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ao rustico Serpillo se dá Flora,
Flora de tantas máys tam desejada:
Ao rustico Serpillo; quem não chora
Licidas, a quem fora tambem dada?
Onde justiça, onde igualdade mora?
Quem esta roda traz assi torçada?
Como, lumes do Ceo, tal consentistes?
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Que senão poderá já ver no Mundo?
Que não esperaremos os que amamos?
Revolvem-se as areas lá no fundo,
O rio se semea, onde pescamos.
As estrellas ao centro mais profundo
Deçam, co Sol o dia não vejamos.
A tudo causa, ó Ceos, já nos abristes.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

O bem igual amor, e bem devido,
Frios te eram meus versos, rouca a lira.

Todo som, todo canto aborrecido,
 Com desprezo me olhavas, e com ira.
 Já achaste hum entre todos escolhido
 Serpillo: ah cega moça! (em vão suspira)
 Vingay, estrellas, o roubo, que encobristes,
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Flora enganada, quem tão mal te cega?
 Serpillo rustico he, não tançe, ou canta.
 Que engano, ah moça, ao odio teu te entrega?
 E o teu amor te tira, e assi te encanta?
 Ama Serpillo: o teu Licidas nega.
 Quanta vingança dás de ti! ó quanta
 Ira moves ao Ceo, a que em vão resistes!
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Muitas vezes te vi em moça, e hum dia,
 (Já eu aos tenros ramos bem chegava)
 As fanguinhas Amoras te colhia,
 As maçãs no regaço te lançava.
 Inda eu então d'Amor livre vivia,
 Mas sentia-me arder, quando t'olhava.
 Pagay, olhos, agora o que então viste.
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ah já sey qu'he Amor, não de brandura
 Filho, mas d'odio só, e d'aspereza,
 Gerado de diamante, e rocha dura,
 Imigo a nosso sangue, e natureza.
 Onde virdes, Pastores, fermosura,
 Fugi, que ali está Amor, ali dureza.
 Ditosos, que de suas mãos saystes
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Pastores (se algum está a meu canto attento)
 Que por amor em vão a alma partistes.
 Pastores, que perdeis vozes ao vento,
 E a cruel Flora em vão, como eu seguistes,
 Não façais de vans sombras fundamento.

Deixa já frauta triste os versos tristes.

Isto Licidas disse, o que cantava

Menalo, Apollo o diga, que o escutava.

Men. Traze agoa, que cavei na branca area,
Licia, com minha mão, em o Sol nascendo;

Acende, e apaga nella esta candeia

De tres lumes, tres vezes, e acendendo;

A mea della gasta: na outra mea

O meu encantamento irey fazendo.

Tu, sancto Amor, minhas palavras guia.

Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.

Arde o sagrado incenso; só falecem

Versos; versos a mortos tornão vida.

Com versos secos campos reverdecem,

Com versos a Lua he nos Ceos detida.

Aos versos as serpentes obedecem,

Delles foi já Proserpina vencida.

Cantando Orpheo Euridice trazia;

Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.

Este sagrado Myrtho a ti, fermosa

Venus, a ti tambem o teu sagrado

Loureiro, louro Apollo; a branca Rosa,

O Lyrio de ninguem já mais tocado

Ao casto Amor consagro: piadosa

Me sé Máy, me sé filho: e tu cantado

Phebo sempre em tristeza, e alegria.

Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.

Ata, Licia, ata o laço de tres cores

Com tres nós, e em atando, dize: eu ato

De Marilia, e Alcippo os bons amores;

Diga Amor, diga Venus, e eu os ato.

Estas duas capellas de alvas flores,

Que aqui á Apollo pus, eu as defato.

Esta a mim, esta a Alcippo meu tecia.

Trazei-me, versos meus, o meu bom dia.

Em quanto Alcippo tarda he o dia escuro,
 Encobrem-mo mil nuvês: eis derramo
 Da Phenix casta a cinza, em que o seu puro
 Corpo se queima, e nasce; e Alcippo chamo.
 Vem Alippo, vem já; porque tam duro
 Es a Marilia? ah meu Alcippo, eu te amo.
 Contigo o Ceo se me esclareceria.

Trazey-me, versos meus, o meu bom dia:

Qual por montes, e bosques a cansada
 Novilha o branco Touro em-vão buscando
 Junto d'agoa em verde herva só deitada
 Da noite, que já vem, não se lembrando,
 Ali de saudade traspassada
 Toda em seu brando amor se está gastando:
 Tal por mim, meu Alcippo ver queria.
 Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Este limo trazido lá do Nilo

Me deu Merys, e esta herva que lá nasce
 Tinta no sangue do espantoso Horilo,
 Que mil vezes he morto, e mil renasce.
 E esta espinha de hum manso Crocodilo,
 Que n'agoa vive, e na ribeira pasce.
 Com isto em mil fórmãs Merys se fazia.
 Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Aqui d'Alcippo tenho inda guardados

Os seus doces despojos, inda leo
 Mil versos em meu nome aqui cortados
 Nesta Faya, esta Faya Alcippo creio.
 Dos prazeres por ti profetizados,
 Alcippo, inda o primeiro me não veio.
 Mostra a verdade, Alcippo, a quem te cria.
 Trazey-me, versos meus, o meu bom dia.

Eis as folhas bolíram do Loureiro.

Eis o Myrtho com flores se levanta.
 Ouço asas, ouço aljaba do frecheiro.

A' mão direita Philomela canta.
 Alcippo vem, Alcippo verdadeiro
 No casto amor, e na firmeza sancta.
 He Alcippo, ou m'engana a fantasia.
 Cessai, versos; já chega o meu bom dia.

D A P H N I S.

E G L O G A VII.

Eurillo.

Licidas.

A Qui, Licidas, canta; olha quam branda
 Por entre as verdes cannas vem bolindo
 A fresca viração, qu'este ar nos manda.
 Olha quam enlaçada vay sobindo
 Pelos altos Ulmeiros a verde Hera,
 De que tam doce sombra está cayndo.
 Se hora cantasses, Licida, eu te dera
 Bom premio: ah pastor canta: eu quero dar-te
 Hum premio, que inveja a Tityro fizera.
Lic. E a qual bom cantor, ou em que parte
 Viste, Eurillo, vender nunca seu canto,
 Que Apollo gracioso nos reparte?
Eur. E qual preço será tam rico, e tanto
 Licidas, que igualar possa a brandura
 Do teu som, que desfaz o Amor em pranto?
Lic. Só da branca Marilia a fermosura
 Negra nos olhos, negra nas pestanas
 Meu canto paga, minha voz apura.
Rustico Mevio, ah porque mal profanas
 O som devido ás Musas? e ós Amores?
 Porque infamas, máo Bavio, as doces canas?
Eur. Mevio, e Bavio são rusticos pastores;

Tu

Tu meu Licidas só, tu só nos cantas.

Mevio, e Bavio são Rás, não são cantores.

A quem tu não delectas, não espantas,

Pareça Mevio bem, Bavio delecte.

Tu a mim canta, e tange ás Mufas sanctas.

Hum vaso tenho ali de puro leite

D'aquella branca Cabra hoje mungido,

Darto-ey, e hũ tarro d'Hera, em que to deite.

Hum novo tarro, Licidas, trazido

D'estranhas terras, d'hũ grá mestre obrado,

Por onde licor nunca foy bebido.

Nunca o cheguey ós beiços, mas comprado

Por hum tenro cabrito, assi té gora

Inteiro o tive sempre, e bem guardado.

Cada vez que as figuras vejo, chora

A minh'alma de mágoa. Está a ribeira

Do rico Téjo, onde Neptuno mora.

Ali tristes pastores, e primeira

Chorosa Venus, Satyros, Sylvanos

Dé toda flor, que em Papho, e Gnido cheira,

Hum PASTOR cobrem, a que os leves annos

Fugindo vão. Amor ali cfinorece,

Então só piadoso de seus danos.

Co brando Adonis todo se parece

O moço branco, e louro; ah crueldade!

Os olhos cerra, como que adormece.

Cruelmente cortado em mocidade,

Como do duro arado a branca rosa,

Que o duro lavrador move piedade.

Em outra parte está como queixosa

Contr'os Ceos hũa NIMPHA mansaímente

Chorando, e assi chorando mais fermosa.

Lucina mais que nunca diligente

Hum minino á luz clara então mostrando

Da triste Nimpha parto seu resentido,

O dá ás douradas Horas, que criando
 O vão mimosamente; e eis que as tres Fadas
 Já na mão tenra hum cétro lhe estão dando.
 Logo apôs as Nimphas, que espantadas
 Saem do fundo pégo, d'hum alto monte
 As estrellas por Protheo são mostradas.
 E como que cum dedo aos Ceos aponte,
 Com outro no minino, por escrito
 Teus dias (diz) ledos o Mundo conte.
 A mão do mestre igual ao grande sprito
 Licida, esta viva obra aqui cortou.
 Lá na Arcadia se fez, vendeo-ma Eucrito.
 Mas se a tua voz, que sempre me souu
 Branda, em quanto aqui o Sol o pasto tolhe,
 Soltar quizeres, Licida, eu to dou.
 Licidas canta; assi amorosa te olhe
 Aquella, a quem tu cantás, e te teça
 Fresca capella, quando as flores colhe.
 Sempre ás tuas ovelhas reverdeça
 O prado; e o triste Inverno, que tememos,
 Aos olhos da tua Nimpha nos floreça.
 O nosso DAPHNIS que já aqui não vemos,
 O brando Daphnis, com teus versos chama.
Lic. Versos a DAPHNIS, doces versos demos.
 Voz de Licidas he, que Marilia ama.
 Que fontes, ou que bosques lá forçadas
 Vos tinham, de Apollo irmãs fermosas,
 Quando a DAPHNIS as cores demudadas
 Vos não tornavam delle piadosas?
 Como alvas flores do Sol são cortadas,
 Como murchas do frio as brancas rosas
 Se cortou Daphnis: nós que esperaremos?
 Versos a Daphnis, doces versos demos.
 Tinha-vos por ventura o vosso monte?
 Ou as alturas lá do fresco Pindo?

Porque eu não creio que em sua branda fonte
Vos estivesse o Mondego encobrando.

Não creio que por mais que se nos conte

Da fresca Tempe, assi fosséis fugindo

O amor de Daphnis, por quem cá vos temos.

Versos a Daphnis, doces versos demos.

Daphnis choráram na montanha as feras.

Choráram os Lobos, os Lioes choráram.

Despiram-se os ulmeiros de suas Heras,

Os rios ás suas fontes se tornáram.

As Nymphas contra si crueis, e feras

Pelas prayas em vão Daphnis chamáram.

Daphnis, ah Daphnis, onde te acharemos?

Versos a Daphnis, doces versos demos.

Chorou o barbaro Scythia, o duro Géta

Em quantos campos rega o Gange, e o Nilo,

Chorou o Arabe, o Indio, o destro em féta

Partho, o grande Alifante, o Crocodilo.

Bem prometteo tua morte o cruel cometa,

Que vimos, ninguem soube então senti-lo.

Ah rusticos, que os Ceos nunca entendemos!

Versos a Daphnis, doces versos demos.

Vejo Ovylio Pastor, que na ribeira

Do Tybre suas manadas apascenta,

Quem levará, diz, já por cham carreira

O gado? quem da chea, e da tormenta

O recolherá são? quem verdadeira

Semente á terra lança, e acrescenta?

Quanto em ti, bom Pastor, todos perdemos!

Versos a Daphnis, doces versos demos.

Vinham outros Pastores lá das serras

Da neve frias, outros das campinas:

Ditoso Daphnis, nós em sangue, e guerras

Ficamos (dizem) tu melhor atinas.

Outros pastos terás lá, outras terras,

Fontes , que sempre lá manam continas.

Tu vás viver , nós cá nos mataremos.

Versos a Daphnis , doces versos demos.

Não tanto o Delphim lá no mar chorava.

Não tanto Philomela lamentou.

Não tanto Ariadne aos ventos se queixava.

Nem tanto Cisne em morte pranteou.

Nem tantas vezes Eccho a voz tornava

Do fermoso Pastor , que em vão chamou.

Quanto Daphnis choráram , e nós choremos ,

Versos a Daphnis , doces versos demos.

Daphnis , tu aos Pastores ensinavas

Como ao curral viria o bravo gado.

Tu as furdas serpentes encantavas.

E os duros Touros punhas ao arado.

Aqui d'hũa sebe , aqui d'outra cercavas

Teu rebanho dos Lobos bem guardado.

Se são nos fica o gado , a ti o devemos.

Versos a Daphnis , doces versos demos.

Daphnis , tu sacrificios ordenaste

Aos Pastores , tam sanctos : tu lhe ergueste

Pera os Ceos novo sprito ; e levantaste

Altar á sancta paz , em que viveste.

Com quanto amor bom Daphnis já pisaste

Estes campos , e esta agoa aqui bebeste !

Brando Daphnis , sem ti como a bebemos ?

Versos a Daphnis , doces versos demos.

Ah Daphnis , chama , Daphnis ah , suspira

O teu mimoso gado , Pastor brando.

Quem inda esse teu rosto hum tempo vira ,

Que sempre lédo nos estava olhando !

No manlo peito teu nunca entrou ira.

Amaste em vida , ah , e morreste amando.

Quando outro amor , ó bom Pastor , teremos ?

Versos a Daphnis , doces versos demos.

Ah ,

Ah, que a Malva, e a Ortiga reverdece;
 D'hum dia n'outro torna outra herva nova,
 Séca-se o campo, com Abril florece.
 Mayo cad'anno a pintura renova.
 Desaparece o dia, eis aparece.
 Acaba o anno o Sol, o Sol o ennova:
 Nós pera sempre desaparecemos.
 Versos a Daphnis, doces versos demos.
 Ficay minhas ovelhas, meus cordeiros
 (Diz Daphnis) claras fontes, bons pascigos:
 Tenhais de meu herdeiro mil herdeiros.
 Vivei em paz, pastores, meus amigos.
 Mil Dezembros conteis, e mil Janeiros
 Num amor juntos contra os máos imigos:
 Daphnis (dizei) que nos amou, amemos.
 Versos, e flores a seus ossos demos.
Eur. Mel puro da tua doce boca mana
 Meu Licidas, teus versos favos são.
 Phebo tempéra a tua suave cana.
 Nunca a voz te enfraqueça, nunca a mão
 Te canse, nunca este ar deixe de ouvir-te.
 Ao Sol, á sombra, em Inverno, e Verão.
 Fresco leite no tarro vou mungir-te.

F L O R I S.

E G L O G A VIII.

LA onde o claro Téjo a praya lava
 Rica das brancas conchas d'Oriente
 Já seus cabellos n'agoa o Sol molhava:
 Quando seguindo Amor, fugindo a gente,
 D'hum alto, que o mar longe descobria
 Té onde o Téjo perde sua corrente,
 Lidia cos olhos, triste, em vão seguia,

Quanto a vista alcançava, a Não ligeira,
Que co seu Floris desapparecia.

Como se fosse aquella a derradeira
Vista de Floris, Lidia assi chorosa
O chamava em voz alta na ribeira.

Floris cruel, e dás-te á furiosa

Força do mar, e vento, e a mim, que te amo,
Deixas assi morrer de ti faudosa?

Se lá te soa a voz, com que te chamo,
Torna Floris, ah torna; e não te abrandas
Ah duro, a quantas lagrymas derramo?

Nimphas do doce Téjo, Nimphas brandas,
E tu das doces agoas brando Téjo,
Que o grande mar já co Tridente mandas.

Ali vai meu amor, e meu desejo.

Se amor sentis, fazey que tornar veja
Aquella cruel Não, que fugir vejo.

Ou ponde-mo já vivo onde deseja
Floris, se tanto folga assi fugir-me;
Bom vento, imiga não minha, te reja.

Porque assi, Floris meu, folgas partir-me
Esta minh'alma? antes ma levas lá:
Assi podesse eu toda apôs ti ir-me.

Se o meu amor em premio meu me dá
Odio, e por me fugires, poês em forte
A vida aos ventos, Floris, torna cá.

Torna, e vive tu, Floris: quem tam forte
Em te amar he, será em deixar a vida;
Cessará o meu amor, e a tua morte.

Ah duro! he na montanha alta seguida
Do Lião a que o foge, he do Carnéiro
No campo a ovelha, e eu sou de ti fugida?

Não o creio, meu Floris, não: primeiro
O Amor deixará os doces Amores,
Seu Myrtho Venus, Phebo o seu Loureiro,

O verde Abril secará as tenras flores,
 Reverdecerá o campo em seco Agosto,
 Que tal cream de Floris os Pastores.
 Já t'eu vi algum'hora o branco rosto
 Por Lidia em doces lagrimas banhado,
 Outr'hora em doce riso, e brando gosto.
 S'a algúm vento inconstante tens já dado,
 Como te déste a ti, minhas lembranças,
 Tu ió deves de ser nisto culpado.
 Branca Lua, senhora das mudanças,
 Dos tempos, e dos mares, s'algum'hora
 Em desejos viveste, em esperanças;
 Inda o Latmio penedo, inda lá chora
 Tuas doces mágoas, inda se deleita
 Do teu amor, onde teu Endimion móra:
 Leva cos brancos rayos teus direita
 Aquella não, e tem firme a vontade
 De Floris, a quem eu seja sempre aceita.
 Aves, que serenaes a tempestade,
 Aves, que saudosas já chorastes
 Das ondas, e do vento a crueldade,
 S'algú'hora já as ondas desejastes
 Brandas a voffo amor, entregue aos ventos,
 Doa-vos meu amor, Aves, que amastes.
 Sete dias podeis os movimentos
 Dos ventos abrandar; mas sete fetes
 Os detende hora lá nos seus assentos.
 Se me isto, ó branca Alcione, promettes;
 Inda lá te pareça em sua figura
 Teu Ceyce, por quem n'agoa inda te mettes:
 Eu em tanto das flores, e verdura
 Tecerey mil capellas ao teu brando
 Filho, ó Deosa d'amor, e de brandura.
 E assi colhendo as flores vigiando
 Estará o mar minh'alma, e á doce lira

Alcippo os doces versos seus cantando.
 Cantará como em vão chora, e suspira
 A vista da cruel Náo, que inda aparece
 Aquella, que Theseo por seu mal vira.
 Como se queixa ao mar, como esmorece
 A moça ali deixada em tanto medo.
 Entre tanto o cruel desaparece.
 Estava a triste Ariadne no penedo
 D'hũa parte mar bravo, d'outra fêras;
 Ditosa morte, se vieras cedo!
 Cruel Theseo, cruel, diz, que fizeras
 A hum teu cruel imigo, se a quem t'ama
 Assim deixas ao mar, e as bestas téras?
 Depois me cantará da que inda chama
 D'alta fogueira já com a espada nua
 O cruel, que do mar enxerga a chãma.
 A causa, diz, da morte, e a espada he tua
 Falso Troyano, só a mão he minha.
 Vingue em si, quem mal ama, a culpa sua.
 Tambem do nadador, que hia, e que vinha
 Ondas ao rosto, o peito ás ondas duro
 A luz, que o lá chamava, e o cá detinha.
 Em fim mar cruel és, pouco seguro
 Aos bons amores, lanças morto á praya
 O triste moço, Hero do alto muro.
 Agora brando mar a furia caya,
 Em quanto Floris vem; clara, e serena
 Sobre estas ondas tua fronte sayá.
 Vós, Amores, voay, e hũa doce pena
 D'essas pregay a Floris, com que ardendo
 Sinta do fogo meu parte pequena.
 Outros as bravas ondas vão rompendo.
 Outros postos estem ao ferro, e fogo.
 Meu Floris a sua Lidia esté cá vendo,
 Saudoso d'Amor, brando a meu rogo.

M I R A N D A.

E G L O G A IX.

*Alcippo.**Androgeo.*

Alc. Quanto tempo, ó Androgeo, não cantamos?

And. Fugio-nos o prazer, e torna tarde.
Saudosos por elle suspiramos.

Vês o Mundo, que vay? vês que fogo arde

Por tanto campo lá, por tanta ferra,

Que a nossa cá ameaça? *Alc.* Deos a guarde.

And. Mal nascidos Pastores, triste terra

Tanto tempo queimada, crueis mãos,

Contra vossas entranhas moveis guerra?

Tomay, Pastores, conselhos mais saos.

Olhay o Lobo, que lá está em espreita,

E o melhor leva sempre dentr'as mãos.

Junto num corpo o gado por direita

Estrada, em sangue tinto hum só seguindo;

Que jornada fareis aos Ceos aceita!

Ir-se-vos-hia (eu o vejo) o mar abrindo,

Abaixando-se ferras; que hervas, e agoas

Irieis, e que campos descobrindo!

Alc. Não lembremos, Androgeo, tantas mágoas.

Corre o Mundo já allí trás seu mal cégo.

Ardem no peito d'ira vivas fragoas.

Móres rios lá vejo, não to nego,

Mais espaçosos campos; mas ditoso

Quem seu gado apascenta em bom socego.

Em quanto o nosso gado aqui mimoso

Bebe do doce Téjo a agoa corrente,

Não lhe queiramos bem mais deleitoso.

Vivamos, e cantemos ledamente,

E aquella divindade celebremos,
Que á fonte agoa nos dá, fructo á semente.

And. E a que ouvidos me mandas que cantemos?

Alc. De Marília, de Delia, e dos Amores.

Nem o pòvo nos ame, nem o amemos.

And. Surdos ouvidos, barbaros Pastores,
Quam mal bebeis do Têjo as agoas claras!
Quam mal pisaes as bem nascidas flores!

Alc. Quantos tu, claro Phebo, defemparas,
Venham buscar o teu divino lume
Nos brandos olhos de duas Nimphas raras.

And. Quem, de Pindo subir ao alto cume
(Não posso erguer a voz; e a noite ao dia
Cantando ajuntey já, tudo he costume.)

Alc. Arde em châmas o peito, a lingua he fria.
As lagrymas sam fogo, o rosto neve.
Quem juntamente affi me queyma, e esfria?

And. Algum vento amoroso, brando, e leve
Ajude minha voz, e ma levante.
E parte della á branda Delia leve.

Alcippo, eu não posso ir mais por diante.
Foge me a voz, carrega-se-me o sprito.
E não sey quem me manda que não cante.

Alc. Eu vejo aquelle alto ulmo, Androgeo, escrito:
De fresco ferro está (vem ver) talhado.
Eis que todo tremeo, e soou hum grito.

And. Algum segredo, Alcippo, aqui guardado
Está de Fauno, ou Nimpha; le. *Alc.* Divino
Verso he, e não de humana mão cortado.

And. Nimphas sagradas, Nimphas, não sou digno
De ver vossos segredos: tu, me ajuda,
Tu me se, brando Apollo, hora benigno.

Aquella Lira, a cujo som se veo
Do Tybre, e d'Arno Apollo, a Neiva, e Lima,
Por quem verde era o campo, o rio cheo

Corria á voz da nova Tosca Rima,
 Depois que o bom Miranda, em cujo seo
 O sancto fogo ardeo, se foy acima,
 Pendurou aqui Phebo; aqui guardada
 Manda ser dos Pastores sempre honrada.

Alc. Feriste-me a alma de hũa ponta aguda
 Androgeo, he morto o nosso bom Miranda.

And. Isto fazia a minha lingua muda.

Alc. O bom Poeta, e já a tua doce, e branda
 Voz se calou; já por aqui não soa,
 Nem os ventos serena, o mar abranda?

And. Ah, já aquella innocencia sancta, e boa
 Do bom velho, aquella alta, e sam doutrina
 Nos deixou: quam depressa o melhor voa!

Alc. Ah sancto velho de mil annos digna
 Era tua vida, e inda mil annos cedo.
 Quem honra o campo? quem virtude ensina?
 Já não do pé da Faya, ou do penedo
 Muscoso te ouvirá o campo, e o vale
 Cantar da terra, e Ceos o alto segredo.

O Rio seque, e o campo; Apollo cále.
 Chorem as tristes irmãs, nem já aqui soe
 Frauta, pois nenhũa ha, que a tua iguale.
 Nem Pastor cante, nem Touros coroe.

Nem tenha Hera, ou Loureiro já verdura.
 Nem Nimpha d'agoa faya, ou ave voc.

Perdeste Apollo já tua fermosura
 Do teu poeta sempre tam cantada,
 Perdeste, Amor, teu fogo, e tua brandura.

O doce, e grave Lira temperada
 D'aquella mão, que assi te fez famosa,
 Não consintas ser de outra mão tocada.

A nossa idade, que tu tam ditosa
 Fizeste, te honre sempre, e louve, e ame,
 Pois por ti será sempre gloriosa.

E quem ha já, que cõ som brando chame
 As bellas Nymphas a lugar sombrio?
 E pelo verde chão flores derrame?
 Quem vestirá dos ulmos já o rio?
 Quem cobrirá de sombra as cláras fontes?
 E os tenros Myrthos guardará do frio?
 Aquelle som, que enchia d'herva os montes,
 Que o gado derramado a si juntava,
 E que os rios detinha nas suas pontes:
 Aquelle som, que tam doce soava
 Por toda a parte, ah já morreo contigo.
 Que fará quem ouvir-te desejava?
 Ah meu bom mestre, ah Pastor meu amigo,
 Como minh'alma, e olhos se estendiam
 Por ver-te, e o duro tempo foy-me imigo!
 Mas inda que os meus olhos te não viam,
 Cá te tinha minh'alma, e os teus bons cantos,
 Lá me levavam, e de ti todo enchiam.
 Day ao voffo Poeta tristes prantos
 Téjo, Mondego, Douro, Lima, Odiana;
 O Nilo, ó Gange, day-lhe lá outros tantos.
And. Não pode a obrigação, Alcippo, humana
 Fugir o bom Miranda, aos Ceos he ido.
 Nunca do campo aos Ceos o passo engana.
 Mas quando poderás ser esquecido?
 Estar-te-ham Tygres, e Liões chamando.
 Será de Tygres teu bom canto ouvido.
Alc. Vejo vir noffo Sázio lá chorando.
 Sázio, que docemente assi pendias
 D'aquella boca, e som suave, e brando!
 Vive tu lá, Miranda, immortaes dias
 Da coroa de Louro ido á da gloria:
 E em quanto com tua luz de lá nos guias,
 Recebe isto, que canto em tua memoria.
 Aqui Neyva, aqui Lima triste chora,

Quebrã seu arco Amor, Apollo a lira
 Séca a fonte Hyppocrene, os Louros Flora.
 O bom canto emmudece, Eccho suspira.
 Mas no Ceo léda a innocente alma mora
 Do bom Miranda, que de lá inspira
 Sancto fogo de amor, e sancta paz,
 Lá estás Miranda, aqui só terra jaz.

SE G A D O R E S.

E G L O G A X.

Falcino.

Sylvano.

AO SENHOR D. DUARTE.

NO campo do Mondego ao meo dia
 Dous segadores Falcino, e Sylvano,
 Em quanto os outros jazem á sombra fria
 No mais ardente Sol de todo anno:
 Elles sós segam, e cantam a porfia
 D'Amor, hum seus bens canta, outro seu dano,
 Arde o Mundo, a Cygarra só responde.
 Amor hora aparece, hora se esconde.
 Inda daquela Nimpha faudoso,
 Que no claro Mondego se banhava,
 E tanto tempo trouxe em vão queixoso
 O Pastor, que Serrano se chamava.
 Que convertido em Cisne no amoroso
 Seu fogo ardendo, o seu fim cantava,
 Inda a busca o Amor menham, e tarde,
 Ella o despreza, e em outro fogo arde.
 Namorou-se o Amor dos seus amores
 D'aquelle Pastor triste, e fez-lhe guerra.

Quem

Quem vio tam defiguaes competidores?
 Amor contr'hum pastor, fogo co a terra?
 Em fim choráram Nimphas, e Pastores
 Serrano morto naquell'alta terra.

Ella o Amor fugio, que em vão a chama.
 S'em vão Serrano amou, e elle em vão ama.

Dali o cruel ficou, segundo soa

Afrontado de si mesmo, e corrido.
 Menos dizem que fere, e menos voa,
 E assi do Mundo he já menos temido.
 Fez de seu fogo em si hũa próva boa,
 Sospirou de sua frecha em vão ferido.
 Da sua divina força perdeu parte,
 Com que vencia a Jupiter, e Marte.

Forçado da deshonra, e da vergonha

Ao bosque, ao campo, ao rio vay fugindo.
 Ali vanmente em seus amores sonha.
 Ali em seu fogo s'está consumindo.
 Contra a rustica gente sua peçonha
 Mostra, e seu fraco arco está brandindo.
 Outros dizem que agora he mais cruel,
 Mais armado de fogo, mais de fel.

E por fazer hũa aspera vingança

Em castigo daquella offensa sua,
 Faz quem mais ama, amar sem esperança,
 E a mais fermosa Nimpha faz mais crua.
 Cresce o amor, no mal não ha mudança:
 Castiga em ti, cruel, a culpa tua.
 Ou se ser desprezado te doe tanto,
 Põem do teu fogo nellas outro tanto.

Alto Senhor, se a teus altos ouvidos

Chega o som baixo da çamponha minha,
 Seram meus versos tam engrandecidos,
 Quanto pera os ouvires lhes convinha.
 Outros mayores, que te são devidos,

Já os tentey em vão : que não soffinha
 O peso do teu nome alto, e Real
 Tam fraco ingenho, e voz tam desigual.

Já, Senhor, teu Andrade se aparelha
 Ao alto canto desta empresa dino ;
 Já com todas as musas se aconselha
 Em que modo, em que som mais peregrino
 Cante teu nome : e como colhe a Abelha
 Da melhor flor o seu liquor divino,
 Assi escolhe o melhor de Apollo, e Marte,
 Para mostrar ao Mundo o grá DUARTE.

Tu por honra das Nimphas tam fermosas
 Lilia, e Celia, que aqui são cantadas,
 De Falcino ouve as queixas amorosas,
 De Sylvano ouve as rimas namoradas.
 E de Lilia, e de Celia desejosas
 De cantar sempre, e sempre aparelhadas
 Estão as Musas, e ellas inspiravam
 A Falcino, e Sylvano o que cantavam.

Sylv. Quem te não ama, Amor, não te conhece.
 Quem se queixa de ti, de todo he cêgo.
 Com amor se semea, e madurece
 O branco trigo, que eu cantando fêgo.
 Com amor a agoa do Mondego cresce,
 Com amor cantam Nimphas no alto pego.
 Com amor cantarey os meus amores,
 E vencerey cantando os segadores.

Falc. Quem a Amor chama amor, o nome lhe erra.
 E he mais cêgo, quem lhe cêgo chama.
 Frechas, e fogo que são senão guerra?
 D'onde, senão dos olhos lança a chama?
 Não embebe tanta agoa a grossa terra,
 Nem tanto a loura espiga a fouce chama,
 Que eu mais agoa dos olhos não derrame,
 E que mais polo Amor em vão não chame.

Sylv. Se tu ó Celia aqui chegasses hora,
 Logo eu deffes teus olhos esforçado
 Mais feixes destes segarey num hora
 Dos que Falcino tem hoje segado.
 Não venhas, Celia, ah, não fayas fóra.
 Que arde o Sol muito, está o campo abrasado,
 E inda o Sol arderá mais, em te vendo,
 Que por te ver, se vay assi detendo.

Falc. Se a minha Lilia aqui hora viesse,
 Não arderia o Sol quanto agora arde,
 Que eu sei que antes os rayos encolhesse
 Mudando a festa núa fresca tarde.
 E que ant'ella a sua luz escurecesse,
 Roga, Sylvano, ao Sol, que hum pouco a guarde:
 Verás, se Lilia vem, a differença,
 Verás quem em amar, e em segar vença.

Sylv. Pus-me a olhar a menham como sahia
 Alva, e rosada, e tam resplandecente;
 Eis que por outra parte aparecia
 Celia, abrindo ao Mundo outro Oriente.
 Em quanto hũa fermosura, e outra via,
 Conheci a differença claramente.
 Perdoay, disse, Estrellas radiosas,
 Inda as cousas mortaes são mais fermosas.

Falc. Fugio me Alma, já o sey, pera a fermosa
 Lilia, ali a acolheita tem segura.
 Que fizera se branda, e se amorosa
 Lilia lhe fora assi, como lhe he dura?
 Ou se a não avissara que enganosa
 De Lilia era aquella fermosura?
 Ila-hey buscar, e hey medo que fiquemos
 Lá ambos. Dize, Amor, que aqui faremos?

Sylv. Quem seu trigo semea em terra boa
 Recolhe sempre o desejado fruto,
 Quando Abril sua agoa branda cóa,

E quando Mayo vem ventoso, e enxuto.
 Não venha o máo Soáo, que a esp'ga moa,
 Nem muito frio o Sol, nem quente muito.
 Assi a Amor tambem seus tempos vem,
 E quem seus tempos lhe erra, não o tem.

Falc. Eu semeey, Sylvano, em hora escura
 Em parte, onde não chove, nem orvalha.
 Enganou-me da terra a fermosura,
 Nem semente colhi, nem grão, nem palha.
 A Aristo nasce o trigo em pedra dura,
 Que parece que ao vento o lança, e espalha.
 Assi co Amor mais a ventura val,
 O mal paga co bem, o bem co mal.

Sylv. Lilia fala, Amor está falando.
 Lilia ri, Amor tambem está rindo.
 Lilia chora, Amor está chorando.
 Lilia abre os olhos, está-os Amor abrindo:
 Lilia canta, Amor está cantando.
 Lilia vay-se, vay-se o Amor indo:
 Nisto só desconformam: Lilia he dura,
 O Amor dizem que todo he brandura.

Falc. Nos cabellos de Celia o Amor se tece,
 Nos seus olhos Amor seu fogo acende.
 Amor na boca, e testa resplandece,
 N'alva, e rosada face Amor se estende.
 Amor nos brancos peitos lhe adormece.
 Em tudo nella Amor se vê, e entende.
 Mil amores consigo Celia traz.
 Quem Celia ouvindo, ou vendo terá paz?

Sylv. A Ceres he devida a sementeira.
 As Rosas ao Verão: a Flora as flores
 A Bacho a vide: a Pallas a Oliveira.
 A Abril o verde prado: a Mayo as cores.
 A Lilia a fermosura verdadeira.
 A Lilia as graças, a Lilia os Amores.

Os sospiros, e as lagrymas em forte
A Amor couberão: e a mim, por Lilia, a morte.

Falc. O Sol o Inverno, o Sol o Verão traz,
O mesmo Sol a noite, o Sol o dia.

Affi Amor faz guerra, Amor faz paz:
O mesmo Amor tristeza, e prazer cria.

O Sol a calma, o Sol a chuva faz,
O mesmo Sol a terra aqueça, e esfria:

Affi agoa co fogo ajunta Amor,
E lagrymas mistura, riso, e dor.

Sylv. Se lagrymas não foram, todo ardêra,
E se não fora o fogo, todo em agoa

Por ti, ó Lilia, já me desfizera,

Affi por ti sou Lilia viva fragoa.

S'Amor a hum contrario outro não déra,
Quem tanto ardor sofrêra? quem tanta agoa?

Affi co agoa, e co fogo sou mais forte,

Affi passo por ti dobrada morte.

Falc. Tu passas, ó Cygarra, a fésta ardente
Cantando á sombra dessas verdes ramas.

A noite fria dormes docemente:

Não te queixas d'Amor, nem seu bem amas:

Vives cantando; e como quem não sente,

Cantando morres, e tua morte chamas.

O ditosa Cygarra, se tu amasses,

Eu sey que nem dormisses, nem cantasses.

Sylv. Quando mostrar-te quero o pensamento,

Lilia, que n'alma escondo, e o que queria;

As palavras se vão da boca em vento,

E de hum mortal fuor a alma se esfria.

Arço por ti, e em vão mostrá-lo tento.

Mas bem to mostra a minha covardia.

Se me calo, os meus fogos são mais fortes,

Affi mouro por ti, Lilia, duas mortes.

Falc. Pastores, buscaes fogo? vinde aqui,

Que mais fogo quereis, que o que staes vendo?
 Fogo sou, desque a branda Celia vi:
 E tudo quanto toco em fogo acendo.

Acendey vossas iscas, e fugi:
 Não vos chegueis a mim, que ireis ardendo.
 Arderá, se o tocar, o bosque logo.

Fugi, que quanto vejo, he calma, e fogo.

Sylv. Falcino, a voz, e a fouce te enfraquece.
 A ordem de segar levas errada.

A espiga, que ante os pés se te offerece
 Deixas, e segas a que está arredada.

A mão te treme: o rosto amarelece.

Hum rego mal segaste, do outro nada.

Vay-te á sombra, Falcino, vay-te ao rio.

Que eu segarey cantando ao Sol, e ó frio.

Falc. Bem pôdes tu vencer na fouce, e braço,
 Mas serás no amor de mim vencido.

Esses erros, Sylvano, eu não os faço,

Que não trago na fouce o meu sentido.

Mas tu, a quem Amor dá tanto espaço,

Não tens jornal tam grande merecido.

S'eu hoje Lilia víra, eu só segára,

Sem descansar, outra mayor leára.

Erguey-vos já, ó fracos segadores,

Que jazeis atégora á sombra fria.

Vinde ver como segam os amores

Na mór força da calma ao meo dia.

O doce Amor! quem sofre teus ardores,

Como do Sol o ardor não sofreria?

Amay, amigos, ser-vos-ha proveito.

Tereis o corpo ao Sol, e á neve affeito.

ANDROGEO.

E G L O G A XI.

E Ste ultimo favor só me concede
 Rustica Musa, e dá-me hum novo canto,
 Qual meu amor, a meu Androgeo pede.
 A Androgeo meu, que eu amo, e me ama tanto
 Meus versos dou: Filis fermosa os lea:
 Filis de Androgeo abrande o fogo, e o pranto.
 Léve ao mar clara, e doce sempre a vea
 O Téjo, em quanto eu canto, e onda salgada
 Não toque em sua dourada, e branca area.
 Filis cruel, de Androgeo tam cantada.
 Filis cruel, de Androgeo viva morte,
 Té quando queres ser em vão chamada?
 Amor nesses teus olhos se fez forte.
 No brando peito teu pôs sua dureza:
 Qual pôde ser do triste Androgeo a forte?
 Em outro Mundo, em outra natureza
 Vives, outro Ceo vês, outras Estrellas,
 S'essa ingratição chamas fortaleza
 Olha, Filis fermosa, as Nimphas bellas,
 Que não desprezam sempre os seus Pastores,
 Que lhes tecem, e lhes dão frescas capellas.
 Porque cria Abril hervas, Mayo flores,
 Porque correm, ó Filis, agoas claras,
 Se tu tens por vãos sonhos bons amores?
 Tu desprezas Amor, tu desamparas
 Assi, cruel, quem te ama? ah Filis dura!
 Quanto outra foras, se tu em vão amáras!
 Não basta ó Filis essa fermosura?
 Não deesses olhos teus o rayo claro?
 Não deessa neve a tam rara brancura?

Inda a quem te vê queres que mais caro
 Custe sua morte? é porque o desesperes
 Que em ti, nem no Amor mesmo ache emparo?
 Filis, ou tu com as frechas do Amor feres,
 Ou fere o Amor cos teus olhos fermosos.
 Porque inda mais dureza ajuntar queres?
 Ah movan-te, cruel, os faudosos
 Gritos, ah movan-te os suspiros tristes,
 Que não ousam mostrar-se inda queixosos.
 Dizey montes, e valles o que ouvistes:
 (Inda o som doce pelos ares voa)
 Dizey qual aqui o triste Androgeo vistes.
 Teu nome, que tam alto ao longe soa
 Na doce voz de Androgeo, e doce cana,
 Por quem tua fermosura se pregoa,
 Teu raro sprito alçado em mais que humana
 Voz, que amor cria, e espanto em toda parte,
 Porque a quem tambem o canta tanto dana?
 Filis, do meu Androgeo a melhor parte
 Me tens roubado, e tu desconhecida
 Vences inda em dureza o bravo Marte.
 S'algũ'hora acertou de ser ouvida
 De ti sua voz tam branda, ou se algũ'hora
 Viste do mortal rosto a cor perdida.
 Verias bem, ó Filis, que não chora
 A sua morte Androgeo, pois que te ama,
 Mas a dor de deixar de var-te hũ'hora.
 Ditosa a morte, por ti, Filis, chama,
 Os Pastores lhe chamam desditoso:
 Filis cruel! que tal amor defama.
 Vem o agreste Pan triste, e choroso]
 As fronte de pampilhos coroados,
 Androgeo, de quem andas, diz, queixoso?
 De ti te queixa só, ou do teu fado.
 Amor essas tuas lagrymas não sente,

Que

Que nos olhos de Filis vê's armado.
 Nem lagrymas a Amor, nem a corrente
 Ribeira farta o prado, nem á Abelha
 O alecrim, nem Sol, e agoa á semente.
 Vem outro, chora; vem outro, aconselha.
 E tu, Androgeo, estás em teu perigo,
 Qual ante o Lobo a paciente Ovelha.
 Veo Venus, sorrindo-se contigo,
 O riso he falso, esconde a dor no peito.
 Androgeo, diz, consola-te comigo.
 A quem devia Amor ser mais sojeito
 Androgeo, que á mãy sua? pois tu sabes
 Quanto mal o seu arco me tem feito.
 Bem he que com tuas Musas não te gabes
 Que resististe a Amor, a quem devendo
 Ficas, que em tal amor, Androgeo, acabes.
 A Venus o Pastor olhos erguendo:
 Mãy cruel, diz, de filho tam cruel,
 Quam léda estás a minha morte vendo!
 Nem pera si a Abelha faz o mel.
 Nem pera si a Ovelha sua lam cria,
 Nem pera si Amor he amor, mas fel.
 Mas pois est'alma a Filis se devia,
 Filis a guarde: Filis em si a tenha,
 Que essa he na morte a só minha alegria.
 Venham aqui Pastores sempre, venha
 O meu Alcippo; a fermosura cantem
 De Filis, porque a vida inda sostenha.
 E correm versos, que soem, e espantem
 Q'antos despois vierem, vendo a crua
 Morte de Androgeo, e quem os lèr, encantem.
 Filis, eu morrerei: será essa tua
 Vontade feita, verá o que deseja.
 Se mal o Amor me mata, a culpa he sua.
 A todos encuberta, e que se veja

Do triste Androgeo a triste sepultura
 Nesta terra, que pisas, Filis, seja.
 Filis, tu a pisas, não me será dura.

N A T A L.

E G L O G A XII.

AO DUQUE D'AVEIRO D. JOÃO.

SE Pastores de Deos foram ouvidos,
 De quem poderão já ser desprezados,
 Clarissimo Senhor? bem recebidos
 Sejam estes de ti, de quem cantados
 Teus feitos virám fer, que engrandecidos
 Deixarão nossos tempos, se seus fados
 Chegarem a tanto bem, tu lhes darás
 Novo sprito, voz nova, em que soarás.
A Deos cantam seus versos em memoria
 Da honra, que hoje lhes fez; honram seu dia;
 Ditofo dia, em que se vio a gloria
 Dos Ceos na terra, e em ambos alegria.
 Devia-se outro verso a tal historia.
 Mas quem igual no Mundo lho daria?
 Não bastarám cantar Poetas mil.
 E Deos ouve hoje a frauta pastoril.

João.

Serrano.

Castilio.

Pastores, a quem hoje o grã MININO
 Deos, e Homem, JESU se descobrio,
 Cantay com novo sprito, e som divino.
 Em vós, ó felicissimos, se vio
 Quam baixas são a Deos as cousas altas;

Quam alta a humildade, e onde a subio.
 Senhor, que por perdão de nossas faltas
 Deceste hoje dos Ceos, e a baixa terra
 Sobre todos os Ceos pôes, e exaltas,
 Senhor, que por só paz de nossa guerra
 Vens alegre morrer; amor, e paz
 Nos inspira, e perdoa ao Mundo, que erra.
Cantay, Pastores, cujo canto apraz
 Aquelle grá MININO eterno, e sancto,
 Que hoje em presepe entre dous brutos jaz.
Tu Castilio primeiro, siga o canto
 Serrano. Eya Pastores, começay;
 Cantay a Deos tal gloria, ao Mundo espanto.
Cast. Vem, grá MININO, Deos, e Homem say
 Nova, e divina luz alumiar
 O cégo Mundo, que perdido vay.
Serr. Vem Cordeiro de Deos, vem-nos lavar
 Com teu sangue innocente, e os máos enganos
 Do falso Mundo vem desenganar.
Cast. Vem profecia já de tantos annos,
 Esperança de justos, que te crêram
 Sem te ver, a curalos de seus danos.
Serr. Ditozas almas, que te conhecêram.
 Ditozas bocas, que de ti faláram.
 Ditozos livros, que de ti se enchêram.
Cast. Ditozos são: mas mais os que adoráram
 Hum MININO por Deos, só, nu, chorando,
 Que entre animaes em palha envolto achárão
Serr. O sanctas mãos aquellas, que tocando
 Estão a Deos! ó claros olhos sanctos,
 Que em taes trévas, tal luz estão olhando.
Cast. Aja nos altos Ceos, na terra cantos
 De gloria, e paz; alegra-te ó Inferno,
 Não aja agora em ti dores, nem prantos.
Serr. Já se mostrou ao Mundo o VERBO ETERNO

Filho de Deos, já nos nasceo, já chora
MININO descuberto ao frio Inverno.

Cast. Não em leito real nasceo, não mora
Em paços de soberba, e de vam gloria,
Em feno jaz, ali o bruto o adora.

Serr. O gloriosa nova, ó alta historia!
Ditoso o tempo, em que á terra o Cco veo,
E ditosos os que honram tal memoria.

Cast. Este a terra fundou, e pôs no meo
Dos Ceos, criou o Sol, a Lua, e Estrellas,
Este he, de quem o Mundo todo he cheo.

Serr. Este o homem formou de nada, e as bellas
Cousas todas, que vemos, fogeitou
A seus pés, como proprio Senhor dellas.

Cast. Por elle reinam Reys, elle criou
A mesma Máy, que o cria; ó maravilha
Grande! era virgem, virgem, e máy ficou.

Serr. O MARIA ditosa, máy, e filha
De Deos, esposa, e serva, hoje pariste
Deos teu pay, teu Senhor, que a ti se humilha.

Cast. O MARIA ditosa, pois já viste
O fruto do teu ventre promettido,
O que Eva nos tirou, restituisse.

Serr. Onde quer que teu nome for ouvido,
Tudo se alegre, todos lédos cantem.
Seja nos Ceos, e terra engrandecido.

Cast. Teus segredos se cream, inda que espantem
A quem os não entende, Deos os faz,
A Deos por ti as almas se levantem.

Serr. Mor milagre, mor prova hi, onde jaz,
Faz teu filho, e de Deos, que se pomposo
Viera, ali Pastores, e Reys traz.

Cast. Rey, que sentado estás no precioso
Estrado d'ouro, e prata, olha a pobreza
Do teu Rey, do teu D os tam poderoso.

Serr. Hoje se desprezou tua riqueza.

• Hoje só se abateo teu alto estado.

Todo Mundo ante Deos he grã baixeza.

Cast. Quem vio hoje hum pastor tam levantado,
Que vê, e fala com Deos, porque confia
No que tanto dos Ceos foy desprezado?

Serr. O rico estado aquelle, em que se fia
Seguramente hũa alma! aquelle he Rey
Que livre bebe o leite, e agoa fria.

Cast. Só alto, só ditoso chamarey
Quem desprezando a baixa, e pobre terra,
Aos Ceos seus olhos ergue, este honrarey.

Serr. O Pastores ditosos, que da guerra
Do Mundo estaes tam livres, e dormis
Seguramente em valle, em campo, em ferra.

Cast. O Pastores ditosos, que fugis
Da fortuna, de imigos, e seguros
Pisando esta herva verde aos Ceos vos is.

Serr. Em choupanas vivey, os altos muros
Deixay a quem se teme: Deos vos ama,
Dá-vos fruitos gostosos, sãos, maduros.

Cast. Hoje quis Deos tomar a vossa cama
De palha, e feno: dormi meus Pastores
Seguros nella, a vós primeiro chama.

Serr. Ajuntay-vos aqui vós Lavradores,
Que a terra revolveis co arado duro,
Chamay-vos hoje Reys, e Emperadores.

Cast. O rico desprezay, se o peito puro
Não tem, se mais feu ouro, que a Deos ve.
Humilde he vosso estado, mas seguro.

Serr. Os que hi por Deos te adoram, Deos lhes dê,
MININO, grossos campos, bons pascigos,
Sequen-se á gente má, que te não crê.

Cast. Aos teus Pastores entre sy amigos
Corram as agoas claras, corram rios

De puro leite, sequen-se ós imigos.

Serr. Pastores Christãos fois, não fois gentios,
Filhos de Deos, irmãos de Deos, poupay
Vosso sangue, de que já andais vazios.

Cast. Pastores, que chamais ao grã Deos pay,
Hoje irmão se vos fez, paz, e irmandade
Vos trouxe, e vos deixou, tal dom guarday.

Serr. Torne este nosso tempo áquella idade,
Que tudo era sam paz, e puro Amor,
Sem meu, sem teu, sem muros, sem Cidade.

Cast. Tu, nosso bom João, merecedor
Eras daquelle tempo, e de outro estado.
Digno tambem de ti, tempo melhor.

Serr. Tu, nosso bom João, serás alçado
Onde o sprito te leva, que conhece.
O bem do campo, e foge o povoado.

João. Amigos meus, tal canto não merece
Meu nome; a Deos cantay, e assi cantando
Vamos, em quanto o Sol desaparece.

Olhay como esta voz, que imos soltando
He doce, e alegre! olhay como responde
Tam clara a este verso Eccho, e o vai entoando!

Novos versos cantay, novos componde.
Temperay vossas Cannas docemente.

Deos vo-las ouve, a Deos nada se esconde:
Gloria nos Ceos lhe seja, e Paz á gente.

EPITHALAMIO

A O C A S A M E N T O

DA SENHORA D. MARIA,
COM O SENHOR ALEXANDRE FARNES,
P R I N C I P E D E P A R M A .

E Stava Amor feu arco guarnecendo,
Em novo fogo as sétas temperando,
Cercado dos Amores, huns tecendo
A corda, outros a aljaba cruel dourando.
Pelos floridos prados vão colhendo
Outros mil flores, só de Amor cantando,
Mil flores, que todo anno ali florecem,
Das quaes ó filho, e á máy capellas tecem.
Nunca vistas no Mundo, nem cheiradas
As flores são, que Amor pera si cria,
D'húas o liquor faz, em que apuradas
As sétas ficam, quando as elle afia:
D'húas o liquor frio, em que banhadas
As outras são, quando as do fogo esfria,
Em todas cruel, em todas espantoso.
Inda mais nas segundas temeroso.
Ardem duas forjas; duas bigornas batem
Não os feos ministros de Vulcano,
Hús fermosos Amores, que debatem
Sobre quem fará mais ao Mundo dano.
Ali os tiros, com que se combatem
Os duros peitos, ali a arte, e engano;
Ali os desejos, e temores suam,
Hús corações abrandam, outros encruam.
Tempéra húa agoa o chumbo, outra agoa o curo,
Escolhe Amor dos tiros quaes lhe aprazem.

Aqui

Aqui está o seu poder, e seu thesouro,
 Aqui os vencidos seus despojos trazem.
 Hús coroados vem de Myrtho, e Louro,
 Outros miseramente mortos jazem.
 Segundo a cada hum lhe coube em forte
 Assi ou vive em gloria, ou vive em morte:

Entrou a máy: e vendo assi occupado
 O filho em novas fétas, novo fogo,
 Depois de o beijar, tendo-o abraçado,
 Porque es, meu filho (diz) duro a meu rogo?
 Té quando sofrerás tam desprezado
 Andar teu nome, e eu trazida em jogo?
 Pera quem tomas arco, ou a quem te armas,
 S'ós teus mores imigos dás as armas?

Não ves qu'húa MARIA mais que humana
 S'estima? e quebra as setas, que apontaste?
 Outra Pallas ao Mundo, outra Diana,
 Que nunca a amor nenhum a fogigaste?
 Ou tu mesmo a temeste, ou se ella enganã
 Co favor, que tégora lhe mostraste;
 Assi soberba vive em meu despeito,
 E só Diana, e Pallas traz no peito.

Eu digo das duas filhas a primeira
 Do Ifante clarissimo excellente
 Da clara máy imagem verdadeira
 Neta do Rey primeiro do Oriente.
 Porque não farás tu que tambem queira
 Acrescentar a luz resplandecente,
 Com que o Mundo se faz mais rico, e claro
 Co fruto de tal tronco ao Mundo raro?

Tambem te defendiam CATHERINA
 Clarissima Princeza as castas Musas;
 Em cujo choro d'alto assento dina
 De Minerva te dava mil escusas:
 Venceste em fim aquell'alma peregrina

Com a força, de que tu, se queres, usas,
 Já ao seu sangue o seu amor juntaste,
 E daquelle alto sprito triumphaste.

Porque consentirás que assi te offenda
 Soberbamente a Irmam? meu filho estende
 Pelo Mundo teu mando, não se entenda
 Que quando alguém quizer se te defenda.
 Porque tal falta em ti se não compreenda,
 Afia a séta, hum novo fogo acende:
 Hum novo fogo, que aquella alma inflame,
 E quanto ella he d'amar, tanto, e mais ame.

Não negue ao Mundo hũa esperança certa
 Que já concebem do alto ajuntamento,
 Quando SEBASTIAM a porta aberta
 Mostrar das altas obras alto intento.
 Não só com ajuda da fortuna incerta,
 Mas do grande DUARTE, e d'outros cento
 Do Real sangue, e das Irmãs se espera
 Descobrir ind'ao Mundo hũa nova sphaera.

Que veja os altos Reys, e Emperadores
 Seu claro sangue, tam ditosas plantas,
 Que a terra encheram de seu fructo, e flores
 D'altas victorias, e os Ceos d'almas santas.
 E que seria o Mundo sem amores?
 Donde tantos Heróes, e donde tantas
 Clarissimas Princezas nasceriam,
 Quantas do Real tronco floreciam?

Assi Venus falou: se tardei tanto,
 (Responde o filho) ó máy, foi por ter pejo
 D'inda não descobrir no Mundo quanto
 Convem pera alta empreza, que eu desejo.
 Sempre me fez temor, e fez espanto
 Aquelle Real sprito, que inda vejo
 Fóra da geral sorte, altivo, e puro,
 Frio a meu fogo, ás minhas sétas duro.

Mas já tenho buscado, já fei onde
 Entregue seu amor devidamente.
 Hum alto sprito achey, que bem responde
 Em tudo ao seu, em nada diferente.
 Em quanto o Sol descobre, e a noite esconde,
 D'hum polo ao outro, do Téjo ao Oriente,
 Não pôde aver de amor tal igualdade
 S'eu de duas fizer hũa vontade.

Lá onde os rayos seus Apollo esfria,
 E da sua fermosura mais reparte,
 Hum fermoso, e Real Principe se cria,
 Em quem juntos se vem Apollo, e Marte.
 Seu alto estado tem na Lombardia.

D'Alemanha governa a melhor parte,
 Do altissimo sangue derivado
 Do summo Imperio, e mór Pontificado.

CAROLO Quinto a Máy, PAULO Terceiro

O pay, lhe dão por seus progenitores,
 Dous Monarchas do Mundo, hum verdadeiro
 Padre da Igreja, exemplo ós socessores.

Outro Maximo Cesar, derradeiro

Dos que bem pareceram Emperadores,

D'OCTAVIO herdeiro, a quem Parma, e Plazen-

Em Real trono dão obediencia.

(cia

Est'he o novo ALEXANDRE, Real planta,

E da casa Farnes alta esperanza,

Qu'inda tem com MARIA parte tanta

Do seu sangue, que os pays, e avós alcança.

Deu ao Mundo DUARTE a Rainha santa

MARIA, e o nome á neta por herança,

Maria, e JOANA irmãs os Reys d'Hespanha

Nos deram, de Panonia, e d'Alemanha.

Filhos das duas Irmãs, Carlo, e Duarte:

Hum MARGARITA deu, outro Maria.

Margarita Alexandre, assi se parte

O sangue entr'elles, e genealogia.

Affí no Mundo todo tem igual parte;

Ambos netos de Reys sobrinho, e tia,

Ambos dos Reys d' Hespanha os mais chegados,

E d' outros Reynos, d' outros Principades.

Quando em meço as tres Graças o criavam,

Differas elle hum ser destes Amores.

Sómente as leves pennas lhe faltavam;

Arco, e coldre trazia, e passadores.

Já com seu medo as aves não voavam,

Cança os monteiros, cança os caçadores,

Per bravas matas, pelos bosques altos

Voar faz o ginete, e dar mil saltos.

Igual ao teu Adonis o fermoso,

Quando, máy, o seguias na montanha,

Hora derriba o Porco temeroso,

Hora do Lião vence a força, e manha.

Tal ALEXANDRE a todos espantoso

Já alegre Italia, e Austria, e Alemanha,

Spirito generoso invicto, e grande,

Que nem perigo, ou medo ha, que o abrande!

Viveo sempre téqui livre, e seguro,

Sem nunca conhecer meu senhorio.

Escolhi do meu coldre hum aço duro,

Inda o peito achey duro, e o achey frio.

Apontei outro de metal mais puro

Em nome de MARIA, e eis que hum rio

Já d'amorosas lagrimas derrama

Dos olhos, que não vem inda quem ama.

Espantado entre si da força nova,

Espantado do fogo, em que a alma ardia,

Hora já hum exercicio, hora outro prova

Por enganar, se pode, a fantesia.

Elle se engana, a chaga mais renova,

A chaga, que abriu o nome de MARIA.

MARIA chama, Maria, ah sóspira.

E para onde o Sol dece, os olhos vira.

Quem fez huma ferida tam secreta

- Neste meu peito? (diz o moço ardendo)

Em que esphera, em que Ceo, em que planeta

Está este fogo novo, em que me acendo?

Senti o golpe duro, não vi a feta.

Nunca amor entendi, agora o entendo.

Chegou-me a suavissima peçonha,

Em qu'alma vive morta, e esperta sonha.

Ditosa vida, Amor, ditosa morte,

Ditoso este meu fogo, e meu cuidado;

Mais ditoso meu fado, e minha sorte,

S'em ti me tinha tanto bem guardado.

Empresta-me essas asas, com que corte

Este ar, que me tem cá eclipsado

O meu dia, e meu Sol, que do Occidente

Me abre hum novo, e lucido Oriente.

Ah triste! quanto mar se mete em meo!

Quanto Ceo entre mim, e o meu desejo!

Quanto mais cresce o amor, cresce o receo

De nunca ver hum bem, que eu mais desejo.

Porque arte poderia, ou porque meo,

Assi como arço cá por quem não vejo,

A meus olhos fazer caminho aberto,

Que de tam longe me possessem perto?

Nestas imaginações se consumia

Aquelle sprito, e todo em amor brando;

Nos retratos occupa noite, e dia,

Mas mais viva em sua alma a está pintando.

Tanto pode a alta fama de MARIA!

Tanto as Graças, e as Musas vão cantando

Dos doés, que nella o Ceo largo reparte,

Que eu cuido, que fui nisto a menos parte.

Ajuntar quero, Máý, estes amores.

Tu ajuda tambem : assi o Ceo manda.
 Cá os suspiros ouço, e sinto as dores
 De quem tam longe lá a sua alma manda.
 De Myrtho coroada, e de alvas flores
 Venus o Ceo serena, o vento abranda.
 Ambrosia os seus cabellos spiravam,
 E quanto os olhos viam, namoravam.

Ajunta ao carro os brancos Cisnes logo,
 As ondas de Neptuno vay cortando.
 Ardem as agoas em amoroso fogo,
 D'Amor brandas Sereas vão cantando.
 Os Amores em riso, em festa, em jogo
 As Nereydas de flores coroando,
 Mandam que no mar façam nova estrada,
 E as ondas amansem á tornada.

Chegára já a MARIA a clara fama
 D'aquelle Real Principe devido
 Em tudo a seu amor, inda o não ama,
 Mas já seu nome he della bem ouvido.
 Assi d'ambos a Estrella os leva, e chama
 Ao bem, que a ambos lhes tem Deos prometido,
 A branda Deosa, que ella não conhece,
 O peito brandamente lhe amolece.

Quantas vezes aos olhos lho presenta!
 E quantas vezes suas grandezas canta!
 Hora por hũa via, hora outra a tenta,
 E já a novos cuidados a levanta.
 O pensamento engana, a alma contenta.
 E ella do que em si vê se peja, e espanta.
 E quando mais duvida, e mais se enlea,
 Então Amor espia, então saltea.

Forjava em tanto hũa seta venenosa
 Amor, e por sua mão lhe pôs a herva,
 Tres vezes a banhou n'agoa amorosa,
 Tres vezes por sua mão lhe pôs a herva.

Ali s'esconde a chãma delectosa,
 Que cria amor, do defamor preserva.
 Todo inflâmado em fogo se arma, e voa,
 Ardendo fica o ar, e o cõldre soa.

Clarissima MARIA, olha que se arma
 O Amor contra ti, a ti vay voando:
 Alexandre, Alexandre, Parma, Parma
 Os Amores com elle vão gritando.
 Aqui não ha defenfa, aqui não ha arma,
 Obedece a quem vay já triumphando
 Desse teu puro peito tam benigno
 De que ALEXANDRE só pode fer digno.

Pôs toda a força Amor no arco, e tiro:
 Soou o golpe, e ao defarmar o estalo,
 Elle ouviu hum brandissimo fospiro,
 Que declarou o mais, que eu hora calo.
 Venceo, e retirou-se: e eu me retiro,
 Que não sey o que escrevo, nem que falo.
 Diga-o Amor, que a tudo foy presente,
 E diga-o quem o encobre, e quem o sente.

Vem o Hyminêo nãa mão a facha acesa,
 N'outra o anel do sancto ajuntamento.
 Vergonhosa, e contente está a Princeza,
 Contento, e honesta dá o consentimento.
 Eila em nova prisão, mas doce presa,
 Vê-se em seu rosto seu contentamento.
 E então mais resplandece a fermosura,
 Que tam longe acendeo hũa chãma pura.

Batendo vay as asas a Alegria
 A Real casa de prazer enchendo.
 Naquella grã Cidade não cabia
 O alvoroço do bem que estão vendo.
 Viva ALEXANDRE, diz, viva MARIA,
 Assi do Téjo ao Nilo vay correndo.
 Recebe todo o Mundo a alegre nova,

Alegre o Mundo o louva, o Ceo o aprova.
 Fest ja o grande Rey sua tam amada
 Tia, e mostra de amor aberto o peito;
 D'aitissima Raynha acompanhada,
 Que por filha a estima em seu conceito.
 Por quem podia ser feita, e tratada
 Obra tam santa, tam illustre feito,
 Senão por ti HENRIQUE Iffante santo
 Honra, e ornamento do purpureo Manto?
 Vem as Nimphas do Téjo tomar parte
 Da alegre festa, e suas danças guiam.
 Com sua fermosura, graça, e arte
 Venus, Graças, e Amores desafiam.
 As Nimphas favorece o grã DUARTE.
 E as Nimphas parecia que venciam;
 Nascem bandos de Amor, e do seu fogo,
 Mas todos são de amor, de festa, e jogo.
 Ali os dous clarissimos Senhores
 Luz, e esperanza á casa Real d'Aveiro,
 Levam d'alegre festa mil louvores
 Por juizo das Nimphas verdadeiro.
 Ali amores se trocam por amores.
 Diga-o Amor, que estava no terreiro,
 Quantos fogos ali então se esfriaram,
 E quantos outros novos se criaram.
 Neste geral prazer já vejo mágoas
 Já mil lagrymas vejo saudosas.
 Eis que cortando vem salgadas agoas
 Armada fróta, vélas amorosas.
 Ardem d'huma parte, e d'outra em vivas frágoas
 Duas almas, huma d'outra, desejosas.
 Triste de quem sua alma parte, e arranca,
 E dos olhos as fontes não estanca!
 Clarissima ISABEL, Princeza santa,
 De divinas virtudes raro exemplo,

Ditosa máy de tam ditosa planta,
 A quem a antiga Roma erguêra hum tempio:
 Quanta alegria, e saudade quanta
 Igualmente hora em ti juntas contemplo!
 Mas alegra-te mais, pois que já viste,
 E inda verás mais bens, que os Ceos pediste:

Venus com aquella alegre companhia

Já prestes tem o seu carro fermoso,
 Configo em seu assento poem MARIA
 Saudosa da máy a leva ao esposo.

Ao Rey, á máy, á patria se devia
 Aquelle sentimento piadoso.

Mas entre tanto os Cisnes vão nadando.
 E as lagrymas o Amor vay enxugando.

Sae sobie agoa Neptuno, honra, e obedece
 A neta do grã Rey, que o mar abrindo
 Lhe mostrou novo Mundo, e lhe offerece
 Manso todo seu reyno, e a vay seguinto.

De dia o Sol, de noite resplandece

A clara Lua, a noite descobrindo,

Quantos MARIA vem, se alegram, e espantam
 Nereydas, e Tritões; e assi lhe cantam.

Ner. Amor, e que cousa ha tam féra, ou crua,

Que a filha á máy arranques do seu seo,

E faças que já mais não seja sua,

E assi a entregues em poder alheo?

Como es Amor, s'esta crueza he tua?

Que mais faz o inimigo de ira cheo

Na entrada Cidade a faco dada?

Boa estrella te leve, hora dourada.

Trit. Amor, e que cousa ha mais piadosa?

Que o puro amor, com outro puro pagas,

E o doce fogo da chamma amorosa

Com outro fogo, e doce chamma apagas;

E que força he que a esposa vergonhosa

A máy a tomes, e ao esposo a tragas?
 Que mor bem ha, que húa hora desejada?
 Boa estrella te leve, hora dourada.

Ner. Como o lyrio fermoso no cerrado
 Horto, co brando Sol; co orvalho creçe,
 Nunca o gado o tocou, Pastor, arado,
 Sombra, ou geada, ou vento não lhe empece.
 Das moças he, e dos moços desejado,
 Mas se o mão toca, féca, ou s'emmurchece.
 Tal he a Dama antes que he casada.
 Boa estrella te leve, hora dourada.

Trit. Como a Vide, que ió nasce em deserto
 Nunca já s'ergue; nunca fruito cria,
 Cortada cáe do frio, e Ceo aberto,
 Nem Lavrador a lavra, nem queria.
 Mas se for junta a Ulmo, que está perto
 Já o Lavrador a quer, já a lavraria.
 Tal he a Dama, despois que he casada.
 Boa estrella te leve, hora dourada.

Ner. Leve o esposo a esposa promettida.
 Quem lha pôde negar? quem tal consente?
 Quem pode, a prometteo; he-lhe devida
 A filha á máy, e Amor obediente.
 Ajunten-se duas almas núa vida,
 Este o principio foy da humana gente.
 A cada hum sua estrella está guardada.
 Boa estrella te leve, hora dourada.

Trit. Vivey Principes altos, cedo vejam
 Os olhos, que vos amam, o que esperam.
 Day Principes ao Mundo, que o bem rejam,
 Quaes já vossos avôs, e pays lhe déram.
 Outros Manueis, e outros Carlos sejam,
 Honra do Mundo, quaes aquelles eram.
 Será de vós sua alta estrella herdada.
 Boa estrella vos leve, hora dourada.

Lá te levam , Senhora , forças grandes.
 Não valem contra Amor nenhuns reparos.
 Mas móres foram as forças , que de Frandes
 Acendêram em ti fogos tam claros.
 Sempre de ti alegres novas mandes.
 Sempre conformes sede spritos raros ,
 Almas ditosas , almas bem trocadas
 Em versos immortaes sejas cantadas.

HISTORIA

DE

S.^{TA} COMBA DOS VALLES.

A D. JORGE MARQUES
 DE TORRES NOVAS,

E A D. PEDRO DINIS
 SEU IRMÃO.

DO barbaro Tyranno os crueis amores ,
 A alta constancia da Pastora santa
 Honra da ferra , gloria dos Pastores
 Humilde , e alegre minha Musa canta:
 Altos Heróes , Reys , Emperadores ,
 Cuja soberba fama o Mundo espanta ,
 Confessem quanto menos he sua gloria ,
 Da que COMBA ganhou em tal victoria.
 Vós castissimas Nimphas de Diana
 De Louro , Palma , e flores coroadas ,
 Em quanto de Hyppocrene a fonte mana ,
 E de Comba as victorias são cantadas ,
 (Não vos invoco a fabula profana)

Cô as Musas em choréas concertadas
Cantay comigo: e day-me húa voz, que soe
Por todo Mundo, onde COLOMBA voc.

Claríffimos Senhores; verdadeiro
Ramo do Real tronco, e lume novo
Dessa casa illustríssima d'Aveiro
Irmãos iguaes áquelles de hum mefmo Ovo:
Qu'inda estrellas fereis no derradeiro
Ceo Impirio: a quem de amor me movo,
Posto que indigno de chegar a tanto,
Offerecer meu baixo, e humilde canto.

Quando húa hora virá, que algũa parte
Do muito, que de vós o Mundo espera,
(Que a tudo nenhum ingenho basta, ou arte)
Cante, que se ouça desta á outra sphaera.
Quando vos coroará por sua mão Marte,
E que eu de Phebo coroado de Hera
Faça que mais que em ouro, marmor, cedro
Viyam o grande JORGE, e o grande PEDRO.

Ouvi da Virgem sancta o claro feito,
Vede d'Amor os tiros desprezados,
Sua aljaba quebrada, arco desfeito,
Seus temerosos fogos apagados.
D'hum brando, virginal, pastoril peito
Foram dous mãos Tyrannos triumphados,
Hum Cupido perverso, outro hum Rey Mouro
Que seu intento punha em força, e em ouro.

Não tem forças Amor, que nós lhas damos.
Temer-se faz de nossa covardia,
Nós do seu fogo, e sétas o armamos,
Nós lhe damos do Mundo a Monarchia.
Ah quam mal a vontade cativamos
A quem de si não tem força, e valia!
S'a experiencia pôde fazer próva,
Nem derradeira esta he, nem será nova.

No tempo, que a infiel barbara gente
 Da misera Hespanha occupava a terra,
 E o sangue derramava cruelmente
 Dos poucos, que escapáram da impia guerra,
 Hũa moça bellissima, e innocente
 Passava a vida na mais alta ferra,
 Que entre Tamaga, e Tua hoje parece,
 Onde o Sol, em nascendo, resplandece.

Em brava fraga, e penedia dura
 Andava a moça o gado pastorando,
 Nada do Mundo sabe, e nada cura,
 Aos Ceos o sprito, e olhos levantando.
 Maior que humana he sua fermosura
 Que os Tygres, e Lioês vay amansando;
 E para onde quer que olha o Tojo, e Cardo
 Em flores se convertem, em Lyrio, e Nardo.

Em seus olhos se via hũa gravidade,
 Que até as Féras movia a acatamento,
 E no fermoso rosto hũa magestade,
 Que indicio dava d'alto nascimento.
 Cabellos douro, na florida idade,
 Nem Sol a queima, nem a corta o vento,
 Prudencia de Serpente; e o dom da Pomba
 Lhe deu entre todos nome de COLOMBA.

Nem tal Diana foy, nem tal Minerva,
 Nem tal pareceo Venus a fermosa.
 Ond'ella quer, ali a fresca herva
 Nasce, e hũa fonte clara, e graciosa.
 Qual na montanha a fugitiva Cerva
 Dos crueis caçadores temerosa
 A cada sombra, a cada vento treme,
 Tal a Pastora o Mundo foge, e teme.
 Quantos cuidados vãos, quantas vãs dores,
 A que sempre mostrou furdos ouvidos,
 Criava entre Pastoras, e Pastores

De ciumes, d'inveja, e amor nascidos!
 Chea era a ferra de competidores,
 Cheo todo ar de queixas, e gemidos,
 Cheo das frautas, que só COMBA soam.
 Ouve-as o vento, e assi co vento voam.
 Ah qu'outro pensamento, outro cuidado,
 Outros amores guarda COMBA n'alma.
 I, Pastores, curar do vosso gado,
 Fugi da noite o frio, e do Sol a calma.
 Outrem lhe tem o feu amor roubado,
 Que hũa coroa lhe dará de palma,
 Sois rusticos, sois baixos, sois indinos
 D'olhados ferdes d'olhos tam divinos.
 Não se temia a moça das requestas
 Vás dos pastores, que passava em graça.
 Via seus baylos, via suas festas,
 Mas nada qu'em seu peito assiento faça.
 Temia mais os montes, e as florestas,
 Onde o Rey Mouro sempre andava á caça,
 Que só sem sua vista, da sua fama
 Por ella ardia em amorosa chama.
 Conta-se que reynava hum grã Rey Mouro
 Entre Tamaga, e Tua, e que occupava
 Toda a terra de Lamas, rico d'ouro
 Rico do grosso gado, que criava.
 Em cada ferra tinha hum grã thesouro
 Junto do muito, que ós Christãos roubava,
 Eram os lavradores seus cativos,
 Só por este Tyranno os deixar vivos.
 Foy o cruel pagão, e monstruoso
 (Segundo aquellas gentes fama dão)
 Grande, membrudo, e como usso velloso,
 E hũa orelha d'Asno, outra de Cão.
 A todos feo, a todos espantoso,
 Chamado era de todos Orelhão.

Pode com tudo Amor por sua brandura
Naquella féra monstrosita, e dura.

O que de gado tinha, e de riqueza
Mandára prometter á Virgem santa,
Que Raynha a fará, e em grand'alteza
A porá, qual nunca outra teve tanta.
Tanto mais cresce a ira, e a pureza
No peito constantissimo, e o levanta
Mais firme ao Ceo, temendo em toda a parte
Que ou por força lha levem, ou por aite.

Chora a Pastora, chora seu perigo:
Mal passa a noite, pior passa o dia.
Não sabe onde terá seguro abrigo,
Mais que o seu gado, sobre si vigia.
A cada tronco, ou pedra vê o inimigo.
Das sombras, e dos ventos se temia.
Não que temor da morte a tente, ou torça,
Mas porque teme do Tyranno a força.

No mais alto da ferra, no mais duro
D'hum moço seu Irmão acompanhada
Fazendo da montanha forte muro,
Toda anda em seus amores enlevada.
Levay-me, meu esposo, deste escuro
Bosque (cantava) ond'ando salteada.
Chamay a vossa esposa, que vos ama,
Por vós suspira, a vós só chora, e chama.

Ay amor meu, ay saudade minha,
O minha desejada fermosura!
Se pera vos eu ver, Senhor, convinha
Passar perseguição tam forte, e dura:
Inda me solterá, quem me fostinha:
Vosso amor só me esforça, e me assegura.
Doce por Vós me he a aspereza, e a ferra,
Té que me deis victoria desta guerra.

Qu'hymnos vos cantarey, ou que louvores

Novos, meu alto esposo, e meu Senhor,
Que hũa moça criada entre pastores
Quisestes cativar ao vosso amor?

Ah dita minha grande! ah meus amores,
Promettido vos tenho fructo, e flor;
Não sou minha, meu Deos, toda sou vossa.
Fazey que pera vós guardar-me possa.

Isto COMBA cantava; o Irmão tangia.

Em ambas hũa alma ha, pura, e singella.
Hora hum começa, hora outro respondia:
Divinas vozes eram delle, e della.

Ditoso gado, que a tal som pascia!

Ditosos olhos, que podéram vella!

Lionardo as mais das vezes guia o gado.

Ella enlevada fica em seu cuidado.

Cresce em tanto o fogo, em que o Mouro arde
Quanto mais se vê della desprezado.

Não ha passo, nem fonte, que não guarde,
Noite, e dia vigia, e anda emboicado.

Hum só momento lhe parece tarde

De a ter consigo, ou de se ver vingado;

Que tal o seu desejo, e seu amor era,

Qual entrar pode em hũa besta fera.

Cansado de cercar o valle, e o monte,

Em fogo igual d'amor, e d'ira ardendo,

Ao longo da clara agoa, que de hũa fonte

Por entre altos penedos vay rompendo,

Apeou-se; e lavando mãos, e fronte,

De cá, e de lá o corpo revolvendo,

Contra si, contra Amor, contr'os Ceos se ira,

Hora COMBA ameaça, hora a sospira.

Ah Pastora cruel! (diz) quem cuidara

Que tanto em mim pedesse cousa algũa,

Que por força, ou por manha me escapára,

De quanto cá se vê abaixo da Lua?

Inda nos Ceos, inda no Inferno entrára,
Que não ha contra mim força nenhũa.

E tu me foges só? tu te me escondes?

Não m'ouves? nem me vês? nem me respondes?

Mostra-me hū'hora esse fermoso rosto,

E veja eu, o que vem ferras, e montes.

Não quero, ou peço mais que este só gosto,

Nem de t'eu ver ha, porque allí te afrontes.

Olha, Pastora, no que me tens peſto.

O peito he hũa frágoa, os olhos fontes.

Isto te peço só, isto só desejo,

Que veja o fogo, em que arder me vejo.

Que dano temes só da minha vista?

Nunca a ninguem Reaes olhos empecem.

Não ves qu'em fim nada ha que me resista?

E não ves quantos ante mim estremecem?

Deixa-te, COMBA, deixa-te ser vista,

Poderey com estes fogos, que em mim crecem.

Mas se tanto arço só polo que ouvi,

Que será, triste, vendo o que não vi?

Se tu me vês, se, o que mais quero, m'amas,

Todas minhas riquezas, e manadas

Serám teu dote, e estes campos de Lamas,

Ovelhas, que não podem ser contadas.

Mas s'inda mais desprezas minhas chamas,

Que tu acendeste, em ti serám apagadas.

Não poderás tu ser tam dura, ou forte

Que em ti não ache vida, ou ache morte.

Se tanto esta alta ferra te deleita,

Aqui levantarey hūs Paços de ouro.

E quanta terra em roda vês fogeita

Te será, e mais fogeito este Rey Mouro.

Aceita meu amor, Pastora, aceita

Tam rico reyno, tam rico thesouro.

Tu viverás isenta na tua ley:

E eu em teu nome me chamarey Rey.
 E se tam dura fores a meu rogo,
 Desprezadora de meus ricos doês,
 Vingarey tua soberba com tal jogo,
 Que antes me queiras dar mil coraçõs.
 Arderás, como eu arço, em bravo fogo.
 Effas tuas carnes comerám Lioês.
 Ah nescia moça! pois não amas, teme:
 E s'ati mefina nã tens odio, vê-me.
 Eu sou teu Rey, tu és minha cativa.
 Sê tu senhora, que eu ferey cativo.
 Não t'he melhor seres Raynha, e viva,
 Que arderes cruelmente em fogo vivo?
 Que proveito te traz ser affi esquivã?
 Tam feo te pareço, ou tam esquivo?
 Inda não ha tal Dama, ou tal Raynha,
 Que não s'honrasse muito de ser minha.
 Tu rustica, tu pobie, e tu perdida.
 Eu grande Rey de antiga geração.
 D'hũa parte he meu sangue delRey Mida,
 D'outra parte de Armenia do grã Cão.
 Olha os sinaes, de que he ennobrecida
 Minha cabeça, quam soberbos são.
 E tu minha cativa, e vil pastora.
 De teu Rey te desdenhas ser Senhora?
 Ouvia acafo COMBA dentr'as matas
 Os rogos, e ameaças de Orelhão,
 Escondida, e quieta entre hũas latas,
 Onde passava as séstas do Verão.
 Se tu, grã Deos, as forças crueis não atas,
 Fracas as forças de hũa moça são.
 Ella treme, e s'encolhe, e aos Ceos sospira.
 E inda até então a elRey não víra.
 Chegára ali a moça na alta sésta,
 Banhar-se, como sõe, nũa fonte clara

Despois de vigiar ferra, e florista,
 Que pisada de gente não topara.
 Ali mais que Diana, mais que Vesta
 Seu castissimo corpo refrescára,
 A cuja vista o Sol, que antes ardia,
 Tempera o fogo, e faz mais claro o dia.

Parece-lhe estar queda mais seguro.

Força o alento, quanto ella mais pode.

Fazem as matas o lugar escuro.

Nem vento as abre, por mais que as sacode.

Vós, meu Deos (dizia ella) sois meu muro,

Vossa grandeza aos miseros acode.

Escondey-me, Senhor, que me não veja

Quem vossa honra profanar deseja.

E se vós sois, meu bom Senhor, servido,

Que aqui o meu amor com sangue apure;

Muito ha que vo-lo tenho offerecido,

Nem este meu desterro mais não dure:

Meu peito de vós só fortalecido

Que perigo ha, de que se não segure?

Em vosso nome, em vosso esforço armada

Quebrarey do Rey mouro a lança, e espada.

Ouvio o Ceo o humilde, e sancto rogo.

Abrio-se c'um som doce, e rayo claro:

Eis já COMBA esforçada, eyla arde em fogo,

Em fogo d'alto sprito ao Mundo raro.

Já o seu medo tem por riso, e jogo.

Já tem certo o remedio, certo o emparo.

São dentr'as matas contra o mouro irosa,

E assi mais divina, e mais fermosa.

Qual a casta Diana de sua fonte

Afrontada sahio contra Asteão,

Quando elle a caso a vio, andando a monte,

E Cervo o fez corrido do seu Cão:

E inda, por mais que a fabula vam conte,

Mores os fogos de COLOMBA são ;
 Nem tanto a honra propria ella estimava ,
 Quanto a de Deos , que o Mouro blasfemava .

Tal se lhe mostra , tal se poem diante :

Mouro barbaro , diz , e donde tanta
 Vam soberba te vem , que te levante
 Contra Deos , que os soberbos vence , e espanta ?
 Não vás por tua vam porfia avante .
 Ajunta á tua crueza inda outra tanta .
 Busca generos mil de cruel morte ,
 Que mais do que és cruel , he Comba forte .

Ah , cégo ! que não vês a fermosura

Do meu esposo , nem a sua grandeza !
 Qu'he eterna , immortal , e sempre dura ,
 E o Mundo todo ant'elle he vil baixeza .

Tu és a mim a mais baixa creatura ,
 Qu'eu hoje sey em toda a redondeza .

Vê pois se ferey eu tam enganada
 Que o bom , e o tudo deixe polo nada .

Qual fica o lavrador , que andava perto

D'onde cahio o rayo temeroso ,
 Qu'o antigo Carvalho deixa aberto ,
 Queimado , e negro , e a todos espantoso :
 Elle esmorece , e cáe , e tem por certo
 Qu'abrasado he do fogo riguroso ,
 E quando acorda , e s'ergue , inda mal foge .
 E nos ouvidos inda o som lhe róge .

De tal maneira o barbaro Tyranno

Vendo da sancta Virgem o claro rayo ,
 Que reluzia do seu mais que humano
 Rosto , attonito esteve , e c'um desmayo ,
 De coração vencido ouvio seu dano ,
 Aos peitos lança as mãos , e rasga o sayo .
 E ó Ceos cruelissimos , exclama ,
 Vi o meu fogo , e a minha cruel chama .

Não pode mais dizer, e vay-se a ella
 Confiado nas forças de seus braços.
 Mas tempo lhe não dá a casta donzella,
 Cos pés rompe da ferra os embaraços.
 Mouta a não tróva, nada trava della.
 E elle cuida que fica preso em laços.
 Salta a cavallo, a grossa lança aferra,
 E assi gritando vay pela alta ferra.

Ten-te, fermosa COMBA, ten-te, e espera.
 Que não com ira, com amor te figo.
 Por mais que digas, homem sou, não féra,
 E por meu mesmo tenho o teu perigo.
 Estar-te vendo, e ouvindo só quifera.
 Que não podes fazer-me teu inimigo.
 Lá me levas nos olhos alma, e vida
 Qu'ao mesmo risco vay offerecida.

Ah tu só és a féra, tu só és a dura
 Mais que os rochedos desta brava ferra!
 Mais que morte, cruel tua fermosura,
 Que o meu amor pagas com odio, e guerra:
 Ah não corras, cruel! que a tua brandura
 Não he pera sofrer tam agra terra.
 Não faças tal estrago de hús cabellos,
 Que nunca mereceo o Sol de vellos.

Em que perigo levas effes olhos,
 Em que eu da vida só tenho a esperança!
 Como rompem tuas plantas mil abrolhos,
 Que cad'hum da minh'alma sangue lança!
 Espera hum pouco: e volve-me os teus olhos,
 De ti, e de mim não faças tal vingança.
 Espera hum pouco, e vê-me de mais perto,
 Que se estiveres queda, eu estarey certo.

COMBA pela alta fraga vay voando,
 Nada acha, que lhe faça impedimento.
 Das palavras do Mouro não curando,

Olhos no Ceo, cabello solto ao vento.
 Algum sprito a vay encaminhando,
 Algum sprito lhe dá força, e alento.
 Muda-se-lhe a aspereza em cham planura.
 E abrandá-se a seus pés a pedra dura.

Não com tanto fervor, e pressa tanta
 Daphne fugia o Pastor mais fermoso,
 Até se converter na verde planta,
 De qu'elle inda se mostra faudoso;
 Nem tam ligeira corria Athalanta
 No seu páreo cruel, e perigoso,
 Nem tras ellas ardendo em mor fogo hiam,
 Hyppomanes, e Apollo que as seguiam.

O Mouro a cada passo a redea volta.
 A cada passo acha ante si hum penedo.
 Hora trota, hora yay de volta, em volta
 Rodeando hora o mato, hera o rochedo.
 Acefo todo em ira a redea solta,
 Fere o cavallo, á morte perde o medo.
 Mudado o amor em odio, enresta a lança
 Pera a banhar em COMBA, que já alcança.

Tu Virgem sancta, tu Pomba divina
 Por quem Deos cousa fez de tanto espanto,
 Tu mesma o inspira, e canta, que não he dina
 A minha Musa de subir a tanto.
 A ti o ingenho, a ti o sprito se inclina.
 De lá dos Ceos me venha hum novo canto,
 Com que eu o alto milagre teu não dane
 Nem do teu nome a honra mal profane.

Já a pastora chegava ao alto cume
 Da ferra, onde he mais alta a penedia,
 Dond'á olho abaixo olhando, perde o lume,
 E entr'ella, e elRey só a lança se metia.
 Já lhe chega o Tyranno, e já presume
 Que nem em terra, ou Ceo lhe escaparia,

Quando COMBA gritou: ó rocha alta, onde
Venho buscar abrigo, em ti me esconde.

O maravilha grande! abriu-se a pedra.

Obedeceo á Sancta a rocha dura,
Obedeceo á Sancta, e abriu-se a pedra,
E defendeo-a da cruel ventura.

Tambem a lança do Mouro abriu a pedra,
Ao pé fica affinada a ferradura,
Ao pé da rocha, onde hoje inda parece,
E ña pedra a lançada se conhece.

Tanto que em si a recolheo, cerrou-se
A dura rocha, assi de Deos mandada.
Blasfemou o Tyranno, e assi indinou-se,
Que foy pera meter por si a espada.
Mas vio Lionardo o barbaro, e vingou-se
No innocente sangue, em que banhada
Foy a lança cruel, e o sancto moço
Estripado lançou ali num peço.

Estava hũa cova ali d'agoa encharcada,
Que do Inverno só se recolhia:
Nunca despois secou, nem foi minguada,
E clarissima, e pura he hoje em dia.
Por muitas experiencias aprovada,
Agoa fresca em tam alta penedia
Sempre igual, sempre clara Inverno, e Estio.
Nunca tal fonte deu, nem tal deu rio.

Senhores, conto o que meus olhos víram.

Vi os sinaes da pedra milagrosa.

Bebi a sancta agoa: e outros, que o sentiram;
Agoa sancta lhe chamam, e preciosa.

Isto os vivos ós pays, e avôs ouviram.

Historia divina he, não fabulosa.

Os templos, e os altares dão boa próva.

E com milagres mil o Ceo o aprova.

Ali vem mil cruces, ali vem mil votos.

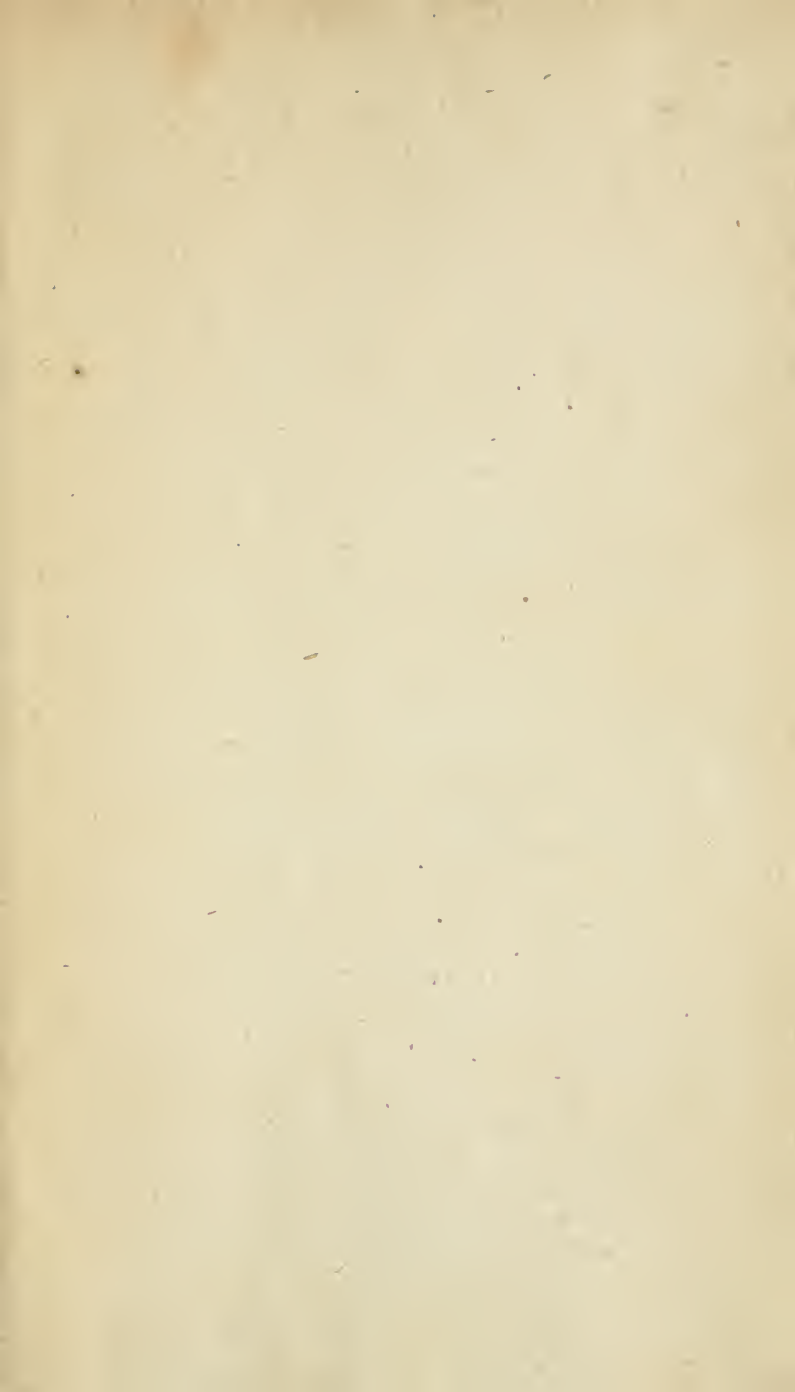
Chuva hora levam, hora o Ceo sereno.
 Não espanta a alta Serra os seus devotos,
 Nem cansa o velho, nem o moço pequeno.
 Dos vezinhos lugares, e remotos
 Vem os Pastores pedir agoa, e feno.
 Ali offerecer vem brancas pombas
 Os moços Lionardos, moças Combas.

E a fertil, e cham terra, que occupava
 Aquelle monstruoso, e cruel pagão,
 Que outros claros Senhores esperava,
 Inda se chama Lamas de Orellhão.
 Ditosa terra, que Sanctos criava,
 E ditosos tambem seus povos são,
 Que ós inçlytos Marquezes obedecem,
 De cujo tronco plantas taes florecem.

Sançtissima Pastora mal cantada

Nestes meus versos do teu nome indinos,
 Seja minha oufadia perdoada,
 Não podem mortaes dar versos divinos.
 Tu lá estás n'alta Gloria coroadada.
 Nós cá na terra te cantemos hynos.
 Recebe o que de ti ao Sol, e á Lua.
 Saudoso cantava ao som de Tua.

F I M.











M. A. C.

